etrônico

Estratégia
CONCURSOS

Aul

História do Brasil e do Amazonas p/ CBM-AM (Oficial) - 2020

Professor: Sergio Henrique

SUMÁRIO

00. Bate Papo Inicial. 2

1. A Conquista da América. 4

2. O Período Pré-Colonial. 5

2.1. Expedições de Reconhecimento e Defesa 5

2.2. O Homem Americano 7

3. Conflitos entre Colonos e Indígenas: A Confederação dos Cariris. 9

4. O Início do Período Colonial. 11

4.1. Porque Colonizar? 11

5. O Açúcar, os Holandeses, a Casa Grande a Senzala. 13

6. A Escravidão e o Comércio Atlântico. 15

6.1. Os Padres Jesuítas 16

7. Administração Colonial Portuguesa. 18

7.1. O Governo Geral 19

7.1.1. Os Primeiros Governadores 19

7.1.2. As Câmaras Municipais 20

7.1.3. As Atividades Econômicas Complementares 21

8. O Bandeirantismo. 22

9. Textos Complementares. 23

9.1. Foral de Duarte Coelho 23

9.2. Como se há de haver o senhor do engenho com seus escravos 24

10. Orientações de Estudo (Checklist) e Pontos a Destacar 26

10.1. Início da Colonização e Produção Açucareira 26

10.2. Administração e Economia Colonial 27

11. Exercícios. 30

12. Considerações Finais. 100

00. Bate Papo Inicial.

Olá, querido amigo. É com muita alegria que o recebo para discutirmos os Conhecimentos da História do Brasil e do Amazonas, nesta jornada em busca de um excelente resultado no Concurso do **Corpo de Bombeiros Militar do Estado do Amazonas (CBM-AM)**.

É com grande prazer com que venho desenvolver com vocês a disciplina de História. Sou o professor Sérgio Henrique, Historiador, licenciado em geografia e professor de Ciências Humanas no **Estratégia concursos** e cursos presenciais. Sou professor há mais de 15 anos e já ministrei várias disciplinas, do ensino fundamental ao superior, como servidor público e na rede privada. Nos primeiros anos de carreira focando em ensino e aprendizado para jovens e empreendedorismo. Na última década dedico-me para exames de alta complexidade e exigência em concursos públicos militares e preparatórios para o ENEM. O fórum de dúvidas é um instrumento fundamental de contato e para que possamos nos comunicar com maior dinamismo.

Está tentando ingressar no **serviço público**, uma área que atrai por várias razões: Tanto pela estabilidade e possibilidades de progressão na carreira quanto pelo viés cidadão de ocupar uma vaga de um cargo importante para a sociedade. São várias as motivações pelas quais você está tentando. Um salário melhor, estabilidade para cuidar da família... Enfim. São tantas coisas. E elas devem te acompanhar a todo o momento de preparação. É onde você encontrará **motivação** nas horas mais difíceis, quando até mesmo podemos ter a ideia absurda de desistir. A motivação é o combustível necessário para a sua preparação. Motivação associada à disciplina de estudos é a chave do sucesso.

Motivação, Disciplina e Estratégia. É o tripé do sucesso e estou aqui com a equipe **Estratégia Concursos** para levá-lo ao sucesso e alcançar seus objetivos. Vamos logo, pois não temos tempo a perder. Nosso tempo é valioso. Mas fique tranquilo. O nosso conteúdo tem uma quantidade razoável de assuntos, mas que distribuídos em várias aulas, bem detalhadas. Vamos estudar tudo, bem detalhadamente, então pode conter a ansiedade. Tudo vai correr bem e foi devidamente distribuído para que você possa alcançar seu almejado sucesso. Leia e releia suas aulas. Faça e refaça seus exercícios. A repetição é a mãe do aprendizado. A memorização deve vir da repetição dos exercícios e do acúmulo das leituras. É a melhor forma de memorizar o conteúdo. Aos poucos e através da repetição.

Neste curso teremos um conteúdo bem completo e trabalhado em detalhes, muitas questões comentadas, resumos e vídeo aulas detalhadas e produzidas sob medida para seu certame.

Vamos começar construindo uma narrativa dos grandes fatos da colonização. É a construção do espaço Colonial, em que nas relações exteriores Portugal tornou-se grande rival da França, pois seu rei não reconheceu o tratado de Tordesilhas ("Gostaria de ver a cláusula do testamento de

Adão que me afastou da partilha do mundo"). Por isso, a todo o momento, nossa costa era invadida por piratas e corsários franceses que traficavam Pau Brasil. Então, era uma necessidade imperativa da coroa portuguesa estabelecer sua presença no território através do uso da terra e povoamento, além de enviar expedições militares para garantir a presença lusitana e expulsar invasores. A presença dos Franceses era tanta, que foi um dos grandes motivos para que Portugal tomasse a iniciativa de colonizar. A metrópole não tinha grandes recursos, então implantou o sistema de Capitanias Hereditárias, que já tinham experimentado nas suas ilhas Atlânticas: Ilha da Madeira e Açores e era uma forma de transferir os custos da colonização para particulares, pois os gastos da colonização eram dos capitães donatários e sesmeiros. O início foi muito custoso, pois o empreendimento não era tão atraente, porque possuía muitos riscos e era terra incauta, em que tudo seria erguido do zero. Os indígenas, no primeiro contato, não foram escravizados, mas a partir da implantação do *plantation* açucareiro sim, e quando chegou à primeira leva de Africanos, já havia engenhos funcionando com o que chamavam de "negros da terra". Os indígenas foram resistentes à escravidão e eram frequentes os ataques e aos colonos e guerras, como a que foi cobrada na última prova, a **Confederação dos Cariris**.

Teremos duas aulas sobre o período colonial. Nesta falaremos, portanto da implantação da colonização e na próxima das invasões estrangeiras, da descoberta do ouro, a formação das fronteiras e conflitos coloniais. As duas, juntas, são muito cobradas no exame e você já sabe que deve ficar atento às datas e aos nomes dos principais personagens, como por exemplo, os **líderes das expedições guarda costas**, dos **governadores gerais** e nas ações de ocupação do território através do **combate aos indígenas**, **expulsão de invasores estrangeiros** e tentativa de **ocupação e colonização de áreas estratégicas**. Lembre-se: A repetição é a mãe do aprendizado, portanto leia e releia. O que faço guardo em dobro, portanto anote e pratique exercícios.

Sem delongas, vamos iniciar nossa missão.

1. A CONQUISTA DA AMÉRICA.

A conquista da América é um dos episódios mais importantes da História, pois além de significar um grande avanço e expansão do capitalismo europeu, foi também um período do encontro entre a cultura europeia e a cultura dos habitantes nativos das Américas, África e Ásia. No encontro dos europeus e os indígenas, bem como ao redor do mundo, ocorreu um tremendo **choque cultural**. A colonização da América foi consequência das chamadas **grandes navegações**. Era o início da Idade Moderna. Este período caracteriza-se por transformações muito profundas na sociedade, economia e cultura. A Idade Moderna pode ser também chamada de *Antigo Regime*. Compreende o período de formação das monarquias nacionais, a expansão marítima, a colonização da América, e também do Renascimento Cultural e da Reforma Religiosa, até que as revoluções burguesas (Revolução Inglesa, Independência dos EUA e Revolução Francesa) puseram fim a esta época. Todos estes acontecimentos ocorreram entre os séculos XV e XVIII. As sociedades brasileira e latino-americana foram formadas a partir da colonização de exploração dos povos europeus, que possuíam uma visão de superioridade sobre os povos dos territórios colonizados. É a visão que chamamos de **Eurocentrismo**.

2. O Período Pré-Colonial.

2.1. Expedições de Reconhecimento e Defesa

Nos primeiros anos após a chegada, foram enviadas expedições para marcar a presença portuguesa, expulsar invasores e reconhecer o território. Eram principalmente grandes navegadores, como Gaspar Lemos e Gonçalo Coelho, que participaram da expedição de Cabral. O rei da França, Francisco I, não reconheceu o Tratado de Tordesilhas e questionava "Gostaria de ver a cláusula do testamento de Adão que me afastou da partilha do mundo".

Em 1501 saiu de Portugal a expedição comandada por **Gaspar Lemos**, que contava com apoio do navegador **Américo Vespúcio**, que fundou a Feitoria de Cabo Frio. Ele teve um papel fundamental na chegada ao Brasil, pois foi ele que comandou o navio que retorno a Portugal para entregar ao rei a carta de Pero Vaz de Caminha. Foi o primeiro a chegar à ilha de Fernando de Noronha, batizou a Baia de Todos os Santos e a Baia da Guanabara (que foi batizada de Baia do Rio de Janeiro). Fez o primeiro relatório sobre o pau Brasil.

Em 1503 sai da cidade do Porto a expedição de **Gonçalo Coelho**, aportou no RN e navegou para o sul, identificando o Cabo de Santo Agostinho, nomeou o Rio São Francisco, recolheu degredados conheceu o enigmático Bacharel de Cananeia, um degredado cujo passado é nebuloso mas tudo indica que foi deixado aqui pela expedição de Gaspar Lemos, e condenado por ser judeu foi degredado para ser comido pelos nativos, mas de alguma forma se entendeu com eles e tornou-se um homem poderoso que vivia como um rei, casado com várias índias, com um exército e traficante de escravos e mantimentos para visitantes do litoral. A vila fundada por Martim Afonso foi ao local em que o Bacharel tinha se estabelecido.

Em 1516 e 1526 veio a expedição de **Cristóvão Jaques**, que fundou a feitoria de Itamaracá, combateu e expulsou vários franceses. Em relatório alertava para a necessidade da colonização diante da ameaça dos Franceses. Estas expedições foram chamadas de “guarda costas”, pois o principal objetivo era proteger a costa de invasores estrangeiros, além de fazer o reconhecimento do território e seu mapeamento.

Entre 1500 e 1530 o território do Brasil não despertou um grande interesse em Portugal. Por quê? Principalmente devido ao comércio de especiaria/as com as “índias”, que eram um negócio incrivelmente lucrativo, o que diminuía o interesse pelas terras descobertas, além disso, não encontraram nenhum tipo de riqueza comercializável na Europa que fosse valorizada, exceto madeira. O único produto de maior interesse então era o **Pau-Brasil**, que era extraído na costa e levado à Europa para extrair sua tinta, para fornecer colorantes para os tecidos manufaturados, que antes da industrialização eram caríssimos. Não era considerado um “negócio das índias”, pois não era tão lucrativo e exigia muitos esforços, então pela mentalidade mercantilista não era um

bom negócio. O Estado português concedia o **monopólio** da exploração, denominado **estanco**. O rei D. Manuel em 1503 vendeu para um consórcio de cristãos novos, liderados por Fernão de Noronha o Monopólio de extração do Pau Brasil. O estanco nunca foi respeitado e um intenso tráfico de madeira ocorria, principalmente por piratas e corsários franceses.

O primeiro contato com os indígenas foi pacífico. **A escravização dos nativos era combatida pela Igreja e não era estimulada pelo Estado português**. As coroas ibéricas eram ligadas à Igreja Católica e seguiram a orientação do clero: não estimulava a escravização de nativos e inclusive criou leis que a proibiu. Se bem que nunca fiscalizou com firmeza e a escravidão indígena durante a colônia foi regra. A metrópole permitia a escravização dos indígenas resistentes à colonização e ao cristianismo, e contra eles poderiam os colonos guerrear, a chamada "Guerra Justa".

No primeiro contato com os nativos não ocorreu a escravização do indígena, que trabalhava retirando o Pau-Brasil através do **escambo**.

ESCLARECENDO

Escambo: Também chamado "trocas naturais". É quando ocorrem a trocas sem a presença de moedas. Por exemplo, trocar o Pau-Brasil por pequenos objetos sem valor para o europeu como espelhos, colares e afins, ou a troca de africanos para serem escravizados por tabaco e cachaça.

Alguns antropólogos se debruçaram para estudar esta relação de exploração, pois o escambo tem forte poder explicativo, mas o que poderia convencer milhares de indígenas a trabalhar para os portugueses? De acordo como o antropólogo Darcy Ribeiro, eram estabelecidas as relações de "cunhadismo". Os portugueses casavam-se com as indígenas, sobretudo com filhas de chefes tribais. Estabelecidos laços familiares os indígenas trabalhavam para seus "cunhados" (Lembre-se que as tribos não eram monogâmicas, então podiam casar com várias índias e ter diversos cunhados). O produto do trabalho era armazenado nas **feitorias**, grandes construções litorâneas que tinham a função de armazéns e de fortes militares.

O português entrou em contato inicialmente com os indígenas do **tronco linguístico Tupi-guarani**. Sua organização social era baseada na propriedade coletiva, a propriedade era apenas a pessoal, como o próprio arco.

2.2. O HOMEM AMERICANO

Os europeus encontraram civilizações muito diferentes das que conheciam. Eram dominados por um profundo sentimento de superioridade ao que chamamos **etnocentrismo**, o sentimento de superioridade de um grupo étnico sobre o outro. Neste caso por ser uma sensação de superioridade entre os europeus e os nativos da América, chamamos **eurocentrismo**. Os espanhóis e portugueses se depararam com povos muito diferentes. Os primeiros depararam-se com os povos pré-colombianos. Os primeiros povos com que os europeus tiveram contato foram os Maias e Astecas, que em muitos aspectos superavam os avanços técnicos europeus, notavelmente as cidades com saneamento. Mas como podemos dizer, os Incas, Maias e Astecas foram conquistados pela "cruz e a espada". Um destaque à violência e extermínio destas populações e a participação da colonização espiritual dos nativos. Os povos encontrados pelos portugueses no litoral encontravam-se num nível de desenvolvimento técnico menor. Eram, sobretudo do ramo linguístico tupi. Os povos nativos foram dizimado e Brasil sua população é pequena e distribuída nas reservas indígenas, localizadas principalmente na região norte.

Os portugueses encontraram organizados em **sociedades tribais**, cujo líder é o **cacique** e o líder religioso – curandeiro - é o **pajé**. Suas principais características eram:

- ✓ Pequenas populações organizadas em tribos.
- ✓ Propriedade coletiva.
- ✓ Caçadores e coletores.
- ✓ Algumas tribos dominavam uma agricultura bastante rudimentar. Deles herdamos as **coivaras**: queimadas para abrir espaço nas matas e a cultura da **mandioca**.
- ✓ Possuíam religiões animistas: cultuavam a natureza e acreditavam que seus elementos são dotados de vida.

Muitas tribos praticavam um ritual que chocou muito os europeus: A **antropofagia**, ou seja, o canibalismo. Esta prática era acompanhada de um longo ritual que poderia durar meses, e acreditavam que ao ingerir a carne do inimigo iriam adquirir suas habilidades. Os europeus nos primeiros anos do período pré-colonial tinham uma visão idealizada das tribos. No início da colonização e os relatos sobre as tribos nativas, levaram ao surgimento de outra visão sobre o indígena, que foram considerados selvagens e bárbaros e que deveriam ser cristianizados. Durante todo o processo de colonização, a resistência indígena foi enorme e dificultou o estabelecimento dos portugueses, ao ponto que a coroa portuguesa proibia a escravização do indígena, mas permitia sua captura através da já referida **Guerra Justa**, ou seja, a guerra contra as tribos que se levantavam contra os colonizadores. A resistência dos indígenas foi um dos principais fatores que dificultaram a colonização. Uma das justificativas da instalação do Governo Geral em 1548, além

de centralizar a administração, era **combater os índios Tupinambás.** Os Tupinambás – também chamados de Tamoios- eram inimigos dos Tupiniquins e os colonizadores tentavam alianças com eles. No litoral nordeste na capitania de Itamaracá e Pernambuco viviam os **Potiguaras**, que se aliaram aos franceses.

3. Conflitos entre Colonos e Indígenas: A Confederação dos Cariris.

As primeiras expedições e grupo de colonos que chegaram aqui passaram por muitas dificuldades, entre elas, se não a maior, a resistência dos indígenas à colonização portuguesa. Os indígenas possuíam uma **cultura de guerreiros**, e a maior parte dos contatos com os europeus foi conflituoso. Em muitas áreas do litoral nordestino, na zona da mata, os colonos portugueses travaram guerras contra as tribos locais.

Nas primeiras décadas da colonização, até o do século XVII, os conflitos com os nativos ficaram conhecidos como "guerra contra os bárbaros". Os conflitos começaram com o início da colonização. Os primeiros contatos foram pacíficos e os indígenas não foram escravizados. Eram explorados por meio do **escambo** e do **cunhadismo**. Quando Portugal decidiu pela colonização, as visões sobre o índio mudaram: inicialmente eram descritos como inocentes e bons. A partir de 1530, são descritos como "bárbaros", violentos, sem religião e com práticas abomináveis como a antropofagia (que, para o índio, tinha um significado simbólico). Quero que você perceba como a palavra "bárbaro" é preconceituosa. Passa uma profunda impressão de desprezo e de inferioridade. Podemos dizer que o português tinha uma visão que chamamos de **eurocentrismo**. Via a cultura europeia como melhor e mais evoluída e lá como centro do mundo, então, possuíam um profundo sentimento de superioridade em relação ao indígena. Isso serviu também de argumento para a colonização.

Desde o princípio da colonização, os conflitos foram frequentes, até chegarem ao auge no fim do século XVII, no período do final da ocupação holandesa. Particularmente os estudos sobre este assunto se concentram entre 1693 até 1713, quando foi derrotada uma união das tribos contra os portugueses, que ficou conhecida como **confederação dos Cariris** ou Confederação dos "Bárbaros". Também pode ser chamada de confederação dos Janduins.

O combate aos indígenas baseava-se no conceito medieval de guerra justa, apoiado e divulgado pela Igreja, desde as cruzadas medievais contra os islâmicos. Estariam combatendo, em nome da civilização e da igreja católica, contra os bárbaros, os antropofágicos (canibais) e sem religião. Então, esta guerra seria justa. A ideia de **Guerra Justa** é uma justificativa para a colonização e para o combate aos indígenas. Destacaram-se os colonos do nordeste, mas, sobretudo, bandeirantes paulistas e padres jesuítas.

O padre jesuíta frei Vicente de Salvador relata como foi penosa a conquista da Paraíba (na época parte da capitania de Itamaracá e de Pernambuco) e os longos anos de conquista até 1586. Os principais indígenas combatidos eram os do sertão, à margem direita do São Francisco, os índios do ramo linguístico **Tapuia**. São várias tribos indígenas designadas genericamente pelos portugueses de **Cariris.** Eles eram caçadores (diferentes dos tupis do litoral. Para os tupis, eram tapuias os não tupis), produziam cerâmica e pontas de flechas e machados com pedra polida ou

sílex. Genericamente, os Potiguaras também eram tratados por esta designação nos relatos mais antigos.

Representação ilustrativa dos confrontos indígenas.

▪ Os confrontos com os indígenas, sobretudo os belicosos (guerreiros) Potiguares, foram difíceis. Os primeiros capitães travaram profundas lutas contra os indígenas e contra os invasores franceses. O capitão donatário de Pernambuco Duarte Coelho, em vários momentos, deu seu apoio militar para o combate dos Potiguares nas terras paraibanas. Os indígenas se juntaram formando a que ficou conhecida como confederação cariri. É importante lembrarmos que se trata de uma união entre as diversas tribos tapuias/cariris que se uniram contra os colonizadores para defender seu território, então realizavam frequentes ataques aos engenhos e às vilas, causando grande destruição.

Enquanto ocorriam décadas de confronto foi instalada a lavoura açucareira, que usou a mão de obra escrava africana e contou com o suporte financeiro dos holandeses, que mais tarde invadiram a capitania de Pernambuco, dando início a um processo de colonização holandês, sobre o comando de Maurício de Nassau. Estudaremos esses assuntos nas próximas aulas e vamos tratar agora da implantação da lavoura de cana de açúcar. Como ocorreu, por que optaram por este produto e pela escravidão. Vamos nessa!

4. O Início do Período Colonial.

Pedro Barreto de Resende, *Retrato de Martim Afonso de Sousa* , Breve Tratado de Todos os Vice-reis, Lisboa, Museu da Marinha

A decisão de colonizar o Brasil foi tomada em 1530 e o rei D. João III enviou o nobre e militar **Martim Afonso de Souza**, nomeado comandante da expedição. Percorreu e explorou o litoral, e promoveu também incursões de reconhecimento pelo interior. Veio com poderes extensíssimos: trazia três cartas patentes: Uma lhe autorizava a tomar posse das novas terras e a organizar o respectivo governo e administração civil e militar. A segunda lhe conferia o título de capitão-mor e governador das terras do Brasil e a última lhe permitia conceder sesmarias das terras que achasse e que pudessem aproveitar. Esta terceira carta mostra a transposição direta da legislação portuguesa sobre a terra, pois as sesmarias remontam a 1375 quando foi criada para dar conta de uma crise alimentar que a peste negra agravou. Martim Afonso enviou naus para explorar o litoral norte, até a foz o rio Gurupi, na divisa dos atuais estados do Maranhão e Pará, e também para o litoral sul até o rio da Prata. Na baía encontrou Diogo Velho, o Caramuru, um náufrago que vivia em Arembepe na Bahia, que lhe prestou bons serviços.

Aqui permaneceu até 1533. Fundou a primeira cidade (oficialmente fundada) *São Vicente* e montou o primeiro engenho de açúcar do Brasil. Construiu uma feitoria, igreja, case de Câmara, cadeia, pelourinho, introduziu a vinha, o trigo e o gado vacum. Foi enviado para servir na Índia como capitão mor e deixou sua esposa que foi sua procuradora (representava ele à distância)

4.1. Porque Colonizar?

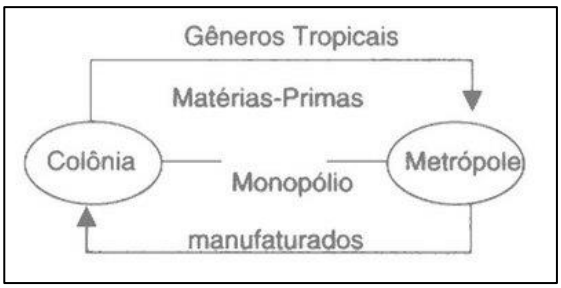
A colonização do Brasil ocorreu às pressas, e sem um projeto definido de exploração e ocupação. O que estimulou a coroa portuguesa a colonizar nosso território foram basicamente dois motivos:

1- O comércio de especiarias com o oriente estava em decadência (devido ao aumento da concorrência internacional e a diminuição do preço dos produtos devida maior oferta).

2- A ameaça estrangeira cada vez maior, o que de fato impeliu Portugal à colonização. Éramos uma colônia de exploração, ou seja, estávamos sujeitos à uma relação de exploração de nossos recursos e dependência legal (uma colônia não possui autonomia, é administrada pela metrópole) expressos no **pacto colonial**.

Quando o Brasil foi colonizado era o período das monarquias centralizadas e do **mercantilismo**, que tinha entre seus fundamentos o **colonialismo**. A ideia era a de que a riqueza

das nações era a quantidade de metais preciosos e do volume comercial das nações. O poder das monarquias europeias residiu basicamente no domínio colonial de vastas áreas ao redor do globo e as riquezas retiradas do mundo colonial colaboraram para o fortalecimento do poder político absoluto dos reis. No século XV e XVI, as maiores potências marítimas comerciais eram Portugal e Espanha. O Império Lusitano era um grande império ultramarino, ou seja, com territórios coloniais pela América, costa africana (Guiné, Angola, Cabo Verde e Moçambique), e na Ásia (Calicute e Goa – Índia, Macau – China e até as ilhas do Timor e ilhas japonesas). A colônia mais importante foi sem dúvida o Brasil, considerado a **galinha dos ovos de ouro de Portugal**. Tínhamos a função de fornecer matérias primas, metais preciosos e produtos tropicais em geral, e de mercado consumidor dos produtos manufaturados europeus. Exportávamos produtos de baixo valor agregado, matérias primas, e comprávamos produtos de alto valor agregado, os manufaturados. Era através da exploração colonial que Portugal mantinha seu superávit e bancava as dívidas de seu comércio internacional, pois a metrópole comprava tudo que consumia e nunca desenvolveu uma produção manufatureira forte que levasse ao desenvolvimento industrial português: Sempre foi uma nação essencialmente comercial e adquiriu grandes dívidas com a Inglaterra. Ao monopólio e exclusividade de exploração da colônia, denominamos **Exclusivo Colonial** ou **Pacto Colonial**, como descrito no esquema abaixo:



Pacto ou Exclusivo Colonial

Era proibido produzir quaisquer produtos manufaturados na colônia. Tudo era comprado de Portugal, até pregos e quitutes. A ideia é impedir o desenvolvimento do território colonial e manutenção da dependência do consumo dos produtos da metrópole. Livros também eram proibidos de circular, para que ideias não circulassem.

Tente compreender a exploração colonial tendo em vista as características do mercantilismo que aprendemos na aula anterior: intervenção do Estado na economia, metalismo, busca de superávit (balança comercial favorável), colonialismo.

ATENÇÃO
DECORE!

Déficit: quando o total de importações supera o total de exportações.
Superávit: quando o total de exportações supera o total de importações.

5. O Açúcar, os Holandeses, a Casa Grande a Senzala.

A opção por cultivar a cana de açúcar ocorreu por várias razões destacadas abaixo:

1- Havia uma grande demanda na Europa pelo açúcar e seus preços eram altos. É só lembrarmos da lei da oferta e da procura: se a demanda é alta os preços são mais altos.

2- A cana é um vegetal asiático, da Índia, que possui clima quente e úmido. Adaptou-se muito bem ao clima do litoral nordestino (tropical úmido), e ao solo fértil da região (solo de massapé).

INDO MAIS
FUNDO!

Clima tropical úmido: É o clima da região do litoral nordestino, a zona da mata. É quente e úmido e sofre influência da umidade oceânica, e no inverno da massa polar atlântica, que provoca chuvas de inverno.

Solo de Massapê: É o solo encontrado na zona da mata. Solos são rochas desagregadas, misturada com material orgânico e microorganismos. Ele é o resultado da desagregação de duas rochas: a gnaisse e o calcário. É um solo profundo e fértil.

3- O financiamento da produção, transporte, refino e distribuição no mercado europeu do açúcar eram realizados por **holandeses**. Eram os principais a financiarem os engenhos e viabilizar financeiramente a colonização.

A opção pela cana de açúcar tinha como objetivo garantir o máximo de lucro para a metrópole, que no contexto do início da colonização, encontrava-se em crise econômica e, portanto, **transferiu os gastos da colonização para a iniciativa privada,** através das capitanias hereditárias, e, além disso, Portugal dependia do financiamento e da infraestrutura holandesa. Os flamengos (holandeses) ficavam, portanto, com as atividades mais lucrativas que envolviam o comércio internacional do açúcar. Eram responsáveis pelo financiamento, transporte, refino e distribuição. A relação com os holandeses era intensa e pacífica até 1580, quando ocorreu a **União Ibérica, a união das coroas de Portugal e Espanha.** Durante o período da União Ibérica os holandeses foram proibidos de participar da atividade açucareira no Brasil por serem inimigos da Espanha. Neste contexto invadiram Salvador, e depois Pernambuco. A expulsão dos holandeses em 1654 está ligada à decadência da cana de açúcar. Não há dúvidas da importância da atividade açucareira para a Holanda, mas vale ressaltar que nunca se ocuparam da produção. Nunca foram donos de um só engenho no Brasil, nem mesmo no período em que invadiram e permaneceram em Recife, atual capital de Pernambuco. Sempre se comprometeram com o financiamento, frete e comércio, sobretudo.

Os engenhos foram instalados principalmente em Pernambuco, Bahia, pequenas faixas territoriais maranhenses e São Vicente, litoral de São Paulo. O modelo de produção adotado foi o ***Plantation escravista***, cujas características são:

1- Monocultura (só se cultivava cana de açúcar).

2- Exportação (o objetivo é atender a demanda do exterior, no caso a metrópole).

3- Latifúndios (grandes extensões de terra).

4- Escravidão (mão de obra escrava africana).

É importante que saiba as características prontamente, porque este modelo é usado até hoje. O agronegócio brasileiro baseia-se no plantation mecanizado.

LEITURA
OBRIGATÓRIA

As duas etapas do processo produtivo de açúcar

A produção açucareira começava com o plantio da cana-de-açúcar nas grandes propriedades rurais da colônia. Depois de colhida, a cana era levada para a *casa da moenda* para a extração do caldo (garapa). Transportava-se o caldo em tambores para a *casa da fornalha*, onde era cozido. Eliminadas as impurezas, o caldo passava pelo processo de esfriamento e condensação, a partir do qual se obtinham o melado e a rapadura que, depois de misturados, eram levados para o branqueamento na *casa de purgar*. Melaço e cristais de açúcar derivavam dessa mistura, por processo natural. Os cristais eram colocados em vasos cônicos de barro queimado, com diversos furos, por onde o resto do melaço escorria.

Concluída essa operação, o que ficava chamava-se "pão de açúcar". Este era retirado dos vasos, do qual se separava a parte inferior, não totalmente purgada, denominada "açúcar mascavo". A parte superior purgada e branqueada era quebrada em pequenos fragmentos, colocada ao sol para secar e, posteriormente, encaixotada em unidades de cinquenta arrobas e exportada para a metrópole, onde era refinada e vendida para o consumo.

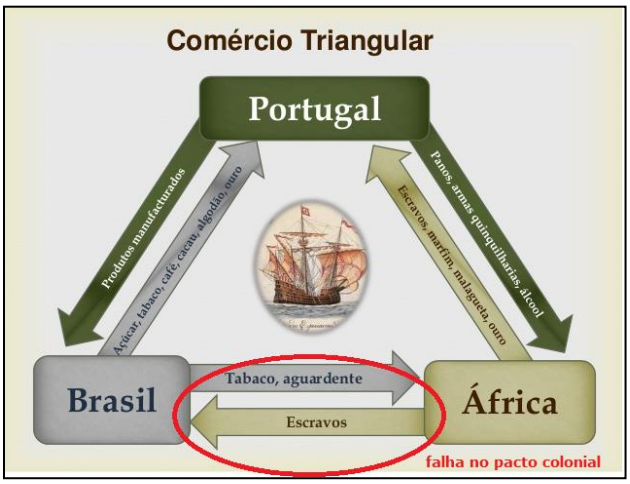
A técnica de refinação do açúcar era simples e as refinarias poderiam ser instaladas e facilmente operadas pelos escravos dos engenhos. Contudo, fazia parte da política metropolitana dividir o processo em duas etapas distintas, na qual a metrópole se reservava a exclusividade da refinação, com o objetivo de manter a "sujeição e subordinação colonial", no dizer do historiador cubano Manuel Moreno Fraginals.

Fonte: KOSHIBA, Luis e PEREIRA, Denize Manzy Frayze. História do Brasil no Contexto da História Ocidental. 8 ed. São Paulo; Atual, 2003.

6. A Escravidão e o Comércio Atlântico.

A escravidão africana foi adotada, pois era um negócio extremamente lucrativo e a demanda de braços era tão grande quanto à demanda por açúcar. *"Por que não escravizar o índio?"*, você se pergunta, mas deve se lembrar de que a Igreja Católica se posicionou através de Bulas Papais e na expansão e colonização da América, contra a escravidão do **gentio** (nativo, indígena), não movimentava um mercado tão lucrativo e estruturado, como era o comércio de africanos e mesmo assim foram também escravizados, mas não sistematicamente como os portugueses fizeram com os africanos.

Quanto ao negro, a escravidão era denunciada por alguns religiosos, mas como um todo era tolerada e aceita, e em todo o período colonial e durante o império brasileiro, era o sustentáculo da economia e elemento fundamental na organização da sociedade, pois todo o trabalho braçal, inclusive o de vestir seus senhores, era realizado por um cativo. A demanda por braços para o trabalho era muito grande, ao ponto de Portugal não conseguir atender a demanda. Isso gerou o comércio atlântico que fugia ao controle de Portugal: O tráfico negreiro. Era praticado um comércio marítimo muito intenso no Atlântico Sul, que representa uma falha no pacto colonial: A demanda de escravos era tamanha, que as companhias de comércios portuguesas não conseguiam atende-la, o que levou a uma iniciativa de luso-brasileiros a dedicarem-se a atividades escravagistas. As grandes fortunas da elite colonial brasileira eram formadas principalmente por traficantes de escravos, cujas fortunas eram maiores que as dos senhores de engenho. Observe a imagem e perceba o seguinte: Em teoria eram os portugueses que deveriam adquirir africanos para serem escravizados e abastecer o mercado de escravos brasileiros, mas diante de tamanha demanda surgiu o fluxo comercial Brasil-África. Ele teoricamente não deveria existir devido ao monopólio comercial português, então é uma falha no pacto colonial. Apesar de ser proibido na lei, este comércio era conhecido e tolerado pela coroa portuguesa, diante da necessidade de abastecimento da colônia. Chamamos esse comercio escravista pelo atlântico de comércio triangular.



Os africanos escravizados eram transportados nos navios negreiros, cuja mortalidade era tão alta, que foram apelidados de **navios tumbeiros**. Eram "descarregados" no litoral, nos mercados de escravos, onde eram vendidos, e dali seguiam para as fazendas. Para evitar a comunicação e as rebeliões, separavam as famílias e as tribos. Alguns historiadores calculam que a cada 100 africanos capturados, chegavam em torno de 12 no destino final, que eram os engenhos açucareiros.

Durante todo o tempo em que ocorreu a escravidão (1530-1888), ocorreu também a resistência africana. Resistiam através de suicídios, abortos, levante contra seus senhores, fugas e a formação de Quilombos. Durante as invasões holandesas ocorreram conflitos com os colonos que entraram em guerra na primeira invasão na Bahia. Durante a resistência dos colonos, muitas fazendas foram destruídas e fugiram muitos africanos, o que estimulou muito o surgimento de quilombos, dentre eles o mais conhecido, o **quilombo dos palmares**.

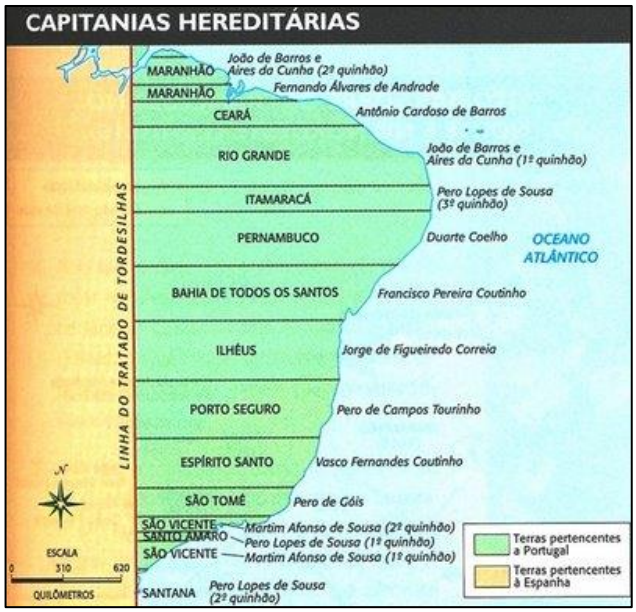
6.1. Os Padres Jesuítas

VICTOR MEIRELLES: *Primeira missa no Brasil*, 1860.
Óleo sobre tela, 268 x 356 cm.
Rio de Janeiro, Museu Nacional de Belas Artes.

Os Padres da *Cia. De Jesus* eram também conhecidos como **soldados de batina**. O apelido é porque a ordem jesuítica possuía uma organização e preparo militar, e por seu fundador, Inácio de Loyola, ter sido oficial militar. Fundavam no Brasil (e em todo o mundo colonial português) as Missões jesuíticas, incumbidas de catequizar os nativos e protegê-los nas **Missões, ou colégios jesuíticos**. Não foram raras as situações em que expedições de **bandeirantismo** atacavam as

missões querendo escravizar seus indígenas, que já eram cristianizados e ensinados ao trabalho. As missões jesuíticas ocuparam além do litoral, o sul do Brasil na fronteira com argentina, e principalmente na região amazônica. As missões jesuíticas tiveram um importante papel na ocupação do nosso território, muitas vezes servindo à Portugal como ponto de demarcação de fronteiras. Ao longo do rio Amazonas, foram penetrando no interior. Essas missões amazônicas treinavam e usavam os indígenas como mão de obra (não escrava), para coletarem as **drogas do sertão**. Drogas do sertão eram ervas medicinais, coletadas em meio à floresta e vendidas para a Europa. Eram valiosas como as especiarias asiáticas. Há vários jesuítas importantes e vários deles escreveram livros que são preciosos documentos para o historiador como o Padre Antonil e Frey Vicente de Salvador. Manoel da Nobrega e José de Anchieta foram os primeiros grandes líderes da Cia de Jesus no Brasil. Manoel da Nobrega veio junto com a expedição de Tomé de Souza o primeiro governador Geral do Brasil. Sempre os Jesuítas protegeram os nativos da escravidão, o que os tornou grandes inimigos dos colonos. Para Nobrega a conversão do indígena devia se basear no exemplo moral e espiritual impecável do missionário e na pregação que levasse em conta as condições do processo de colonização e conquista, mas diante das grandes dificuldades escreveu ao rei propondo a Guerra Justa contra os indígenas como mecanismo de consolidação da colonização e da catequese, resolvendo ao mesmo tempo o problema da mão de obra nos engenhos. José de Anchieta, veio na expedição de Duarte Coelho, e dizia que só “pela força das armas obter-se iam frutos abundantes.”

7. ADMINISTRAÇÃO COLONIAL PORTUGUESA.



As Capitanias hereditárias foram a primeira forma de divisão administrativa pela qual passou o Brasil. Portugal tentou transferir os gastos da colonização para a iniciativa privada. Concedia territórios a serem governados com amplos poderes a quem os recebesse, pois se tornava Capitão Donatário, ou seja, o Capitão responsável pela Capitania Hereditária. Do litoral até a linha imaginária do tratado de Tordesilhas, em sentindo **latitudinal** (horizontal) foram criadas 15 capitanias. Foram entregues a 12 donatários (aparentemente não era um bom negócio: Difícil, perigoso e com vantagens duvidosas). Entre os donatários não figurava nenhum nome da alta nobreza ou do grande comércio de Portugal, o que mostrava que o empreendimento não era economicamente atraente. Somente alguns elementos da pequena nobreza que haviam enriquecido através de negócios recentes com o oriente. Gente "miúda". Foram distribuídas a 12 donatários. São Vicente (que era dividida em duas faixas de terra) pertencia a Martim Afonso que fundou a Vila de São Vicente onde já existia um porto que náufragos comercializavam escravos destacadamente João Ramalho, casado com a índia Bartira, filha do cacique Tibiriça. O governador Tomé de Souza e o jesuíta Manoel da Nobrega o conheceram. Pero Lopes de Souza, irmão de Martim Afonso recebeu 3 capitanias (Itamaracá, Santo Amaro e Santana) e morreu no nordeste em expedição antes de concretizar a colonização. Pero Campos Tourinho donatário da capitania de Porto Seguro foi preso pelos próprios colonos e entregue a Inquisição, pois era profundamente anticlericalista e foi acusado de blasfêmia.

Os donatários vinham com dois documentos jurídicos emitidos pelo próprio rei: A **carta de doação** e o **foral**. Nos dois documentos o rei praticamente abria mão de sua soberania e conferia aos donatários amplos poderes. E tinha de ser assim, pois os donatários deveriam desenvolver a terra às próprias custas **o regime de capitanias hereditárias transferia para a iniciativa particular a tarefa de povoar e investir no Brasil**. Porém, em razão da dimensão colossal da tarefa e da escassez de recursos, a maioria falhou. Ainda houve aqueles que preferiram não arriscar sua fortuna, e nem vieram tomar posse de sua capitania. Somente a Capitania de Pernambuco obteve êxito, além do sucesso **temporário** de São Vicente. Estava claro que o povoamento e a valorização econômica da terra por meio da iniciativa particular eram inviáveis. As capitanias fracassaram (mas não foram extintas, só no século XVIII, pelo Marquês de Pombal, que estudaremos mais a frente). Não só devido ao elevado investimento necessário, mas também pela distância da metrópole, pela

resistência dos indígenas e pela elevada **descentralização**. Além disso, era muito perigoso e as histórias de tragédias e naufrágios desestimulavam.

TOME NOTA!

Carta de doação: O rei declarava a doação e tudo o que ela implicava, como por exemplo, os amplos poderes do capitão donatário.

Foral: Era uma espécie de código tributário que estabelecia impostos e deveres como o de conceder as **Sesmarias**.

Sesmarias: Grandes propriedades de terra que eram concedidas pelo donatário, a quem se interessasse desde que fosse católico e se comprometesse a cultivar cana. Podiam ter muitos milhares de hectares. Essas grandes propriedades doadas do início da colonização até a época da independência estão na matriz da distribuição da terra que temos hoje no país, calcada ainda no **latifúndio**. 1% do número de propriedades rurais ocupam 50% do espaço agrícola.

7.1. O Governo Geral

Diante do fracasso das capitanias, em 1548 foi criado o **Governo Geral**, através de um instrumento jurídico denominado **Regimento de 1548 ou Regimento de Tomé de Souza**. A criação do Governo Geral tinha como objetivo a **centralização política e administrativa**, mas **não aboliu o regime de capitanias**. A sede administrativa do governo geral seria a cidade de **Salvador**, que se tornou a primeira capital do Brasil. Dessa vez a coroa desembolsou dinheiro público para a construção da nova capital, que foi construída por regime de empreitada e foram construídas 6 ruas, a Catedral da Sé, o palácio do governador e a Casa de Câmara/Cadeia. O governador geral tinha a obrigação de centralizar a administração, estimular o povoamento, proteger as capitanias contra as adversidades, principalmente as invasões estrangeiras e combater os índios tupinambá, hostis ao colonizador. Foram criados também, para auxiliar o governo, os cargos de **Ouvidor-Mor** (justiça), **Provedor-Mor** (finanças) e **Capitão-Mor** (Defesa) e correspondiam aos poderes máximos da colônia em suas áreas.

7.1.1. Os Primeiros Governadores

- ✓ **Tomé de Souza** (1549-1553): Foi primeiro governador Geral. Com ele vieram todos os funcionários necessários à administração e também os **primeiros jesuítas**. Teve início então a obra de evangelização dos indígenas. É criado o **primeiro Bispado do Brasil**: o Bispado de

Salvador, sob a responsabilidade do Bispo D. Pero Fernandes Sardinha. Veio com ele o Jesuíta Manuel da Nóbrega que trouxe o primeiro grupo de Jesuítas.

- ✓ **Duarte da Costa** (1553-1558): Enfrentou várias crises em seu governo. Teve que enfrentar **os primeiros conflitos entre povoadores e jesuítas em torno da escravidão indígena**, além disso, foi durante seu governo que a França iniciou a tentativa de estabelecer a *França Antártica* no Rio de Janeiro.

- ✓ **Mem de Sá** (1558-1572): Consolidação do governo Geral e expulsão dos Franceses com a destruição da colônia de Huguenotes (calvinistas franceses) denominada França Antártica. Depois fundaram a cidade do Rio de Janeiro com o nome São Sebastião do Rio de Janeiro.

CURIOSIDADE

Dom Luís Fernandes de Vasconcelos foi nomeado pelo rei como sucessor de Mem de Sá, contudo morreu em combate num ataque de piratas.

7.1.2. As Câmaras Municipais

As dificuldades de contato entre as diferentes regiões e a capital Salvador, criavam uma situação em que o **localismo político** era estimulado. Os poderes e os homens do Estado Português estão sempre muito longes, então os principais centros de decisão eram de fato as **Câmaras Municipais**, o órgão público administrativo mais antigo do Brasil. Elas se localizavam nas Vilas mais importantes. Os poderes locais eram representados pelos grandes proprietários, que se autodenominavam "**homens bons**", que significava homens brancos, católicos, ricos, que não realizavam trabalhos manuais, ou seja, senhor de escravos. As câmaras abrigavam os trabalhos legislativos e jurídicos da colônia é sua arquitetura é interessante, pois era na parte inferior do prédio construída a cadeia.

A administração colonial era bastante complicada, principalmente devido à dificuldade de locomoção (o litoral brasileiro é planáltico e com vegetação de Mata atlântica), devido à carência de infraestrutura, então difícil o contato entre as capitanias pelo comércio interno e era difícil fazer cumprir-se o **exclusivo colonial**. Mais mudanças estariam por vir na administração colonial. Portugal em 1580 passou por uma crise sucessória em seu trono, e o reino português é unificado ao reino espanhol. É o período conhecido como **União Ibérica**, que durou de 1580 até 1640. Estudaremos este assunto na próxima aula e é muito importante, pois explica a razão da invasão dos holandeses ao Brasil colonial.

7.1.3. As Atividades Econômicas Complementares

As principais atividades destacadas nos mapas são:

1- O cultivo tradicional **da cana de açúcar** no litoral;

2- A pecuária;

3- As Drogas do Sertão.

No século XVIII tem início o ciclo da mineração em MG e MT (estudaremos este tópico em detalhes nas aulas a seguir), além da produção de **algodão** no Maranhão. Apesar de não estar destacada nestes mapas, havia uma importante produção de **tabaco** na Bahia, que era usado como elemento de troca por escravos africanos que eram conseguidos através do escambo. (Os escravos eram trocados por tabaco e aguardente). Podemos citar as atividades de sertanismo, também chamadas de *Bandeirantismo*.

- ✓ **Pecuária:** Era a principal atividade complementar da colônia, pois fornecia carne, couro e transporte. Era realizada mais ao interior do território brasileiro, onde encontrou a vegetação da Caatinga e o **Cerrado**. A pecuária desenvolveu-se principalmente nas regiões de cerrado por suas sempre verdes pastagens naturais. E uma coisa diferenciava fundamentalmente a pecuária das outras atividades: **O uso de mão de obra livre, normalmente indígena**. O vaqueiro, como era chamado, recebia sua remuneração em filhotes das crias.

8. O BANDEIRANTISMO.

As bandeiras eram expedições com objetivos comerciais e privados. Não eram as únicas expedições que ocorriam em nosso território. Haviam as expedições de reconhecimento enviadas pela coroa, que eram chamadas **Entradas.** A atividade dos bandeirantes, iniciaram em São Vicente. A capitania, nos primeiros anos de ciclo do açúcar, junto com Pernambuco foram as únicas que tiveram sucesso. No entanto a atividade açucareira logo entrou em decadência (principalmente devido à distância maior de Portugal, o que encarecia o frete, além disso, o açúcar pernambucano era de melhor qualidade). Os paulistas viram-se obrigados a dedicar-se a uma atividade econômica alternativa, que foi o bandeirismo. Haviam basicamente três tipos de expedições bandeirantes:

- ✓ **Bandeirismo de Contrato:** Grupos contratados para capturar escravos fugidos e destruir quilombos.
- ✓ **Bandeirismo de Preação ou apresamento:** Expedições cujo objetivo era capturar indígenas e escravizá-los. (Por isso sempre entravam em conflito com os padres jesuítas que os protegiam).
- ✓ **Bandeirismo de Prospecção:** Expedições para buscar jazidas ouro, prata ou pedras preciosas. Foram os paulistas que encontraram o ouro no início do século XVIII, dando início ao ciclo da mineração.

Como a movimentação pelo território era muito difícil devido às florestas e relevo planáltico, os rios ocupavam uma posição de destaque para viabilizar as expedições. Eram chamadas de **Monções**, as expedições bandeirantes feitas por rio. Através deles, os bandeirantes percorreram todo o território brasileiro explorando o nordeste através do rio São Francisco (também chamado de rio dos currais devido à pecuária e também como rio da integração nacional, pois integra sudeste e nordeste). Em 1647, a bandeira de Fernão Dias Paes abriu caminho para o interior de Minas Geais e poucos anos depois a bandeira de Bartolomeu Bueno da Silva, o Anhanguera, abriu caminho para as minas de Goyas. Fernão Dias, no norte de Minas no vale do rio Jequitinhonha, encontrou turmalinas e pensou serem pedras preciosas verdadeiras.

9. TEXTOS COMPLEMENTARES.

9.1. FORAL DE DUARTE COELHO

No trecho seguinte, extraído de um documento real (o foral de Duarte Coelho), estão expostos alguns dos direitos do rei e deveres dos donatários:

> *A quantos esta minha carta virem faço saber que eu "fiz ora doação e mercê a Duarte Coelho, fidalgo de minha casa, para ele e todos os seus filhos, netos, herdeiros e sucessores [...] para sempre, da capitania e governança de sessenta léguas de terra na minha costa do Brasil [...] e por ser muito necessário haver aí foral dos direitos, foros e tributos e coisas que se na dita terra hão de pagar, tanto de que a mim e à Coroa de meus reinos pertencerem como do que pertencerem ao dito capitão por bem da as dita doação, eu, havendo respeito à qualidade da dita terra e a se ora novamente ir morar, povoar e aproveitar [...] houve por bem de mandar ordenar e fazer o dito foral na forma e maneira seguinte.*
>
> *O pau do Brasil da dita capitania, e assim como qualquer especiaria ou drogaria de qualquer qualidade que seja que nela houver, pertencerá a mim e será tudo sempre meu e de meus sucessores, sem o dito capitão nem outra alguma pessoa poder tratar nas ditas coisas, [...] nem as poderão vender, nem tirar para meus reinos ou senhorios, nem para fora deles, sob pena de quem o contrário fizer perder por isso toda sua fazenda para a Coroa do Reino e ser degredado para a Ilha de São Tomé para sempre. E, porém, quanto ao Brasil, hei por bem que o dito capitão, assim como os moradores da dita capitania, se possam dele aproveitar aí na terra no que lhes for necessário, não sendo em o queimar, porque queimando-o incorrerão nas sobreditas penas.*
>
> *Todas as pessoas, tanto de meus reinos e senhorios como de fora deles, que à dita capitania forem não poderão tratar, nem comprar, nem vender coisa alguma com os gentios da terra e tratarão somente com o capitão e povoadores dela, comprando, vendendo e resgatando com eles [...] e quem o contrário fizer hei por bem que perca em dobro toda a mercadoria e coisas que com ditos gentios contratarem [...]*
>
> *Quaisquer pessoas que na dita capitania carregarem seus navios, serão obrigados antes que comecem a carregar e antes que saiam fora da dita capitania de o fazerem saber ao capitão dela para prever e haver que se não tiverem mercadorias defesas, nem partirão [...] sem licença do dito capitão e não fazendo assim, ou partindo dela sem a dita licença, perder-se-ão em dobro para mim todas as mercadorias que carregarem, posto que não defesas, e isto porém se entenderá enquanto na dita capitania não houver feitor ou oficial meu, porque havendo [...] a ele se fará saber [...] e a ele pertencerá fazer a dita diligência e dar as ditas licenças.*
>
> *Os moradores e povo da dita capitania serão obrigados em tempos de guerra a servir nela com o capitão se lhe necessário for [...]*
>
> *Foral de Duarte Coelho - da capitania de Pernambuco (24 de setembro de 1534) p. 42, 44-6.*

QUESTÕES PARA MEMORIZAÇÃO

1. O que é foral?
2. Enumere os direitos do rei português garantidos no documento.
3. Enumere os deveres dos donatários cobrados no documento.
4. Explique por que o Estado português não assumiu o encargo da ocupação.

9.2. COMO SE HÁ DE HAVER O SENHOR DO ENGENHO COM SEUS ESCRAVOS

Os escravos são as mãos e os pés do senhor do engenho, porque sem eles no Brasil não é possível fazer conservar e aumentar a fazenda, nem ter engenho corrente. E do modo com que se há com eles, depende tê-los bons ou maus para o serviço. Por isso, é necessário comprar cada ano algumas peças e reparti-las pelos partidos, roças, serrarias e barcas. E porque comumente são de nações diversas, e uns mais boçais que outros e de forças muito diferentes se há de fazer a repartição com reparo e escolha, e não às cegas. Os que vêm para o Brasil são ardas, minas, congos, de São Tomé, de Angola, de Cabo Verde e alguns de Moçambique, que vêm nas naus da Índia. Os ardas e os minas são robustos. Os de Cabo Verde e São Tomé são mais fracos. Os de Angola, criados em Luanda, são mais capazes de aprender ofícios mecânicos que os das outras partes já nomeadas. Entre os congos, há também alguns bastantemente industriosos e bons não somente para o serviço de casa, mas para as oficinas e para o meneio da casa.

Uns chegam ao Brasil muito rudes e muito fechados e assim continuam por toda a vida. Outros em poucos anos saem ladinos e espertos, assim para aprenderem a doutrina cristã, como para buscarem modo de passar a vida e para se lhes encomendar um barco, para levarem recados e fazerem qualquer diligência das que costumam ordinariamente ocorrer. As mulheres usam de fouce e de enxada, como os homens; porém, nos matos, somente os escravos usam de machado, Dos ladinos, se faz escolha para caldeireiros, carapinas, calafates, tacheiros, barqueiros e marinheiros, porque estas ocupações querem maior advertência. Os que desde novatos se metem em alguma fazenda, não é bem que se tiram dela contra sua vontade, porque facilmente se amofinam e morrem. Os que nasceram no Brasil, ou se criaram desde pequenos em casa dos brancos, afeiçoando-se a seus senhores, dão boa conta de si; e levando bom cativeiro, qualquer deles vale por quatro boçais.

[...] Costumam alguns senhores dar aos escravos um dia em cada semana, para plantarem para si, mandando algumas vezes com eles o feitor, para que não se descuidem; e isto serve para que não padeçam fome nem cerquem cada dia a casa de seu senhor, pedindo-lhe a ração de farinha. Porém, não lhes dar farinha, nem dia para a plantarem, e querer que sirvam de sol a sol no partido, de dia, e de noite com pouco descanso no engenho, como se admitirá no tribunal de Deus sem castigo?

Se o negar a esmola a quem com grave necessidade a pede é negá-la a Cristo Senhor nosso, como Ele o diz no Evangelho, que será negar o sustento e o vestido ao seu servo?

Não castigar os excessos que eles cometem seria culpa não leve, porém estes se hão de averiguar antes, para não castigar inocentes. E se hão de ouvir os delatados e, convencidos, castigar-se-ão com açoutes moderados ou com os meterem em uma corrente de ferro por algum tempo ou tronco. Castigar com ímpeto, com ânimo vingativo, por mão própria e com instrumentos terríveis e chegar talvez aos pobres com fogo ou lacre ardentes, ou marca-los na cara, não seria para se sofrer entre bárbaros, muito menos entre cristãos católicos. O certo é que, se o senhor se houver com escravos como pai, dando-lhes o necessário para o sustento e vestido, e algum descanso no trabalho, se poderá também depois haver como senhor, e não estranharão, sendo convencidos das culpas que cometerem com misericórdia o justo e merecido castigo.

André João Antonil. Cultura e opulência do Brasil. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1967, p. 159-63. (Col. Roteiro do Brasil).

André João Antonil é um pseudônimo de João Antônio Andreoni, um jesuíta de origem italiana que viveu no Brasil no final do século XVII e início do século XVIII. Neste texto, ele dá vários conselhos aos senhores de engenho.

Visto que "os escravos são as mãos e os pés do senhor do engenho", Antonil recomenda uma forma determinada de tratamento a ser dispensado aos escravos.

Fonte: KOSHIBA, Luis e PEREIRA, Denize Manzy Frayze. História do Brasil no Contexto da História Ocidental. 8 ed. São Paulo; Atual, 2003.

10. Orientações de Estudo (Checklist) e Pontos a Destacar

10.1. Início da Colonização e Produção Açucareira

1. É fundamental lembrar, inicialmente, que, com as Grandes Navegações Europeias em busca de novas rotas até às Índias, empreendidas entre os séculos XIV e XVI, o comércio das especiarias passou a gerar uma grande fonte de riqueza para Portugal. Neste cenário de expansão marítima, as novas rotas encontradas desembocaram, também, em novas terras, até então desconhecidas.
2. A frota de Pedro Álvares Cabral, que chegou às "novas" terras em 22 de abril de 1500, possui controvérsias sobre sua casualidade ou intencionalidade. Isto se deve em razão de terem ocorrido navegações anteriores, por exemplo a de Vasco da Gama, que já havia reconhecido terras na região.
3. A colonização da "América Portuguesa" se concentrou nas regiões litorâneas, sendo que a partir do século XVII teve início o processo de interiorização do país, marcado por uma série de lutas e disputas pelas terras e riquezas naturais (por exemplo, o pau-brasil, sobretudo no século XVI, e o açúcar, no XVII).
4. Entre os anos de 1500 e 1530, as especiarias ainda rendiam lucros à Portugal, sendo que a atenção à sua colônia recém-descoberta não foi dada de forma significativa, o que resultou na adoção do termo pré-colonizador para o período.
5. A primeira riqueza natural a ser explorada foi o pau-brasil, árvore cuja pigmentação avermelhada era extraída e servia como corante para roupas na Europa.
6. Para a sua extração, a Coroa Portuguesa se valia do trabalho dos indígenas, os quais derrubavam, cortavam e carregavam as árvores até o local de embarque nos navios. Inicialmente, este trabalho era obtido através do **escambo**, ou seja, objetos sem valor trazidos pelos portugueses (tecidos, anzóis, espelhos, canivetes) e que eram trocados pelo trabalho dos nativos.
7. O Tratado de Tordesilhas (1494) estabelecia o monopólio das terras descobertas **apenas** à Portugal e Espanha. No entanto, elas foram disputadas por franceses, holandeses e ingleses.
8. Em 1530, com o intuito de ocupar as terras e evitar as invasões de outros países europeus, uma expedição comandada por Martim Afonso de Souza foi enviada por Portugal, sendo que em 1532, o comandante fundou a primeira vila do Brasil, **São Vicente**.

9. Em São Vicente, os primeiros colonos (portugueses) iniciaram o cultivo da cana-de-açúcar e, posteriormente, instalaram o primeiro engenho no Brasil, destinado ao cultivo da cana e fabricação do açúcar.
10. Com a implantação dos engenhos, Portugal deixava de lado a exclusividade da extração do pau-brasil e iniciava uma organização do sistema colonial.
11. O sistema colonial era baseado, principalmente, no **monopólio comercial**, uma ferramenta de domínio econômico feita pela metrópole (Portugal) em relação à colônia (Brasil). Através dele, a Metrópole comprava os produtos coloniais por preços mais baixos e vendia aos colonos no Brasil os artigos metropolitanos por preços mais altos.
12. O trabalho indígena, por sua vez, foi-se tornando mais conflituoso à medida que os nativos passaram a resistir à exploração europeia. Com isso, os colonos passaram a utilizar da violência e impor a escravidão.
13. **Guerra Justa** é o nome dado à guerra contra os indígenas, autorizada pela Coroa Portuguesa, e que era justificada nos casos em que os indígenas se recusavam à conversão à fé cristã ou que impediam a propagação do cristianismo, a partir de meados do século XVI.
14. A mão de obra indígena foi amplamente disputada, uma vez que a expansão açucareira crescia para além do litoral, alcançando o interior de São Paulo, Maranhão e Pará.
15. No século XVII, outras atividades econômicas também ganharam relevância para os colonos, como a agricultura (feijão, milho, mandioca) e a extração das chamadas **drogas do sertão** (guaraná, castanha, cravo, plantas aromáticas e medicinais).

10.2. Administração e Economia Colonial

1. Principais características administrativas das terras descobertas:
   - 1.1. Terra dividida em grandes porções (as chamadas **capitanias**, 15 no total).
   - 1.2. Seus "proprietários" ficaram conhecidos como **capitães** ou **donatários.**
   - 1.3. Quando da morte de seu donatário, a porção de terras era passada aos seus descendentes, daí o nome **capitanias hereditárias**.
   - 1.4. O vínculo entre o rei de Portugal e os donatários se dava através da carta de doação ou da carta foral.
   - 1.5. Tinham, como direito, distribuir partes de sua terra (**sesmarias**) a quem desejasse cultivá-las.
   - 1.6. Parte dos lucros obtidos deveria ser enviada à Portugal como forma de pagamento pelo uso das terras.
2. O sistema das capitanias hereditárias, contudo, não obteve o sucesso esperado, à exceção das capitanias de Pernambuco e São Vicente, sobretudo em virtude da produção

açucareira. Como as terras eram muito vastas, muitos donatários perdiam o interesse de sua exploração, às vezes até mesmo pela insuficiência financeira.

3. Para solucionar tal impasse, a Coroa implantou o chamado **Governo Geral**, o qual coexistiu com as capitanias até 1759, cuja sede era a capitania da Bahia e aonde foi fundada a primeira capital do Brasil, Salvador.

4. As principais funções dos governadores-gerais eram: defender militarmente a colônia, administrar as finanças, nomear funcionários de justiça e indicar sacerdotes para as paróquias.

5. O governador-geral contava com o apoio de 3 auxiliares: **ouvidor-mor** (encarregado dos negócios da Justiça), **provedor-mor** (assuntos da Fazenda) e **capitão-mor** (defesa do litoral). Além de problemas de distância entre as capitanias, os governadores-gerais também enfrentavam a oposição dos chamados **homens bons**: proprietários de terra, escravos ou gado que já residiam nas cidades e exerciam o poder político nas chamadas Câmaras Municipais.

6. Os primeiros governadores-gerais do Brasil foram Tomé de Sousa, Duarte da Costa e Mem de Sá. Junto com Tomé de Sousa (1549-1553) vieram 6 jesuítas, chefiados pelo padre português Manoel da Nóbrega.

7. Em 1551 ocorreu a fundação do primeiro **bispado** (território subordinado à autoridade de um bispo) no Brasil, chefiado por D. Pero Fernando Sardinha.

8. Com Duarte da Costa (1553-1558) vieram mais jesuítas para o território brasileiro, entre os quais se destaca José de Anchieta. Fundou, em conjunto com Manuel da Nóbrega, o Colégio de São Paulo, junto ao qual surgiu a vila que originaria a cidade de São Paulo.

9. Durante o governo de Duarte da Costa, alguns franceses, com o apoio de grupos indígenas (por exemplo, os tupinambás), invadiram o Rio de Janeiro e fundaram um povoamento que recebeu o nome de **França Antártica**.

10. Mem de Sá (1558-1572), com a ajuda de seu sobrinho, Estácio de Sá, expulsou os franceses no ano de 1567. Além disso, o então governador foi responsável pela luta contra os indígenas que resistiam à colonização, levando à destruição de inúmeras aldeias do litoral brasileiro no século XVI.

11. Entre 1580 e 1640, em razão de problemas na sucessão dinástica, Portugal foi governado por Felipe II, rei da Espanha. Consequentemente, neste período o Brasil fez parte do amplo reino espanhol, cujo domínio durou até 1640, ano da chamada **Restauração**, em que D. João IV subiu ao trono português e deu início à Dinastia de Bragança.

12. Durante a colonização, a lei definia que a religião oficial em Portugal era o catolicismo. Se algum súdito não fosse católico, estaria sujeito a perseguições feitas por parte da **Inquisição** (ou Santo Ofício).

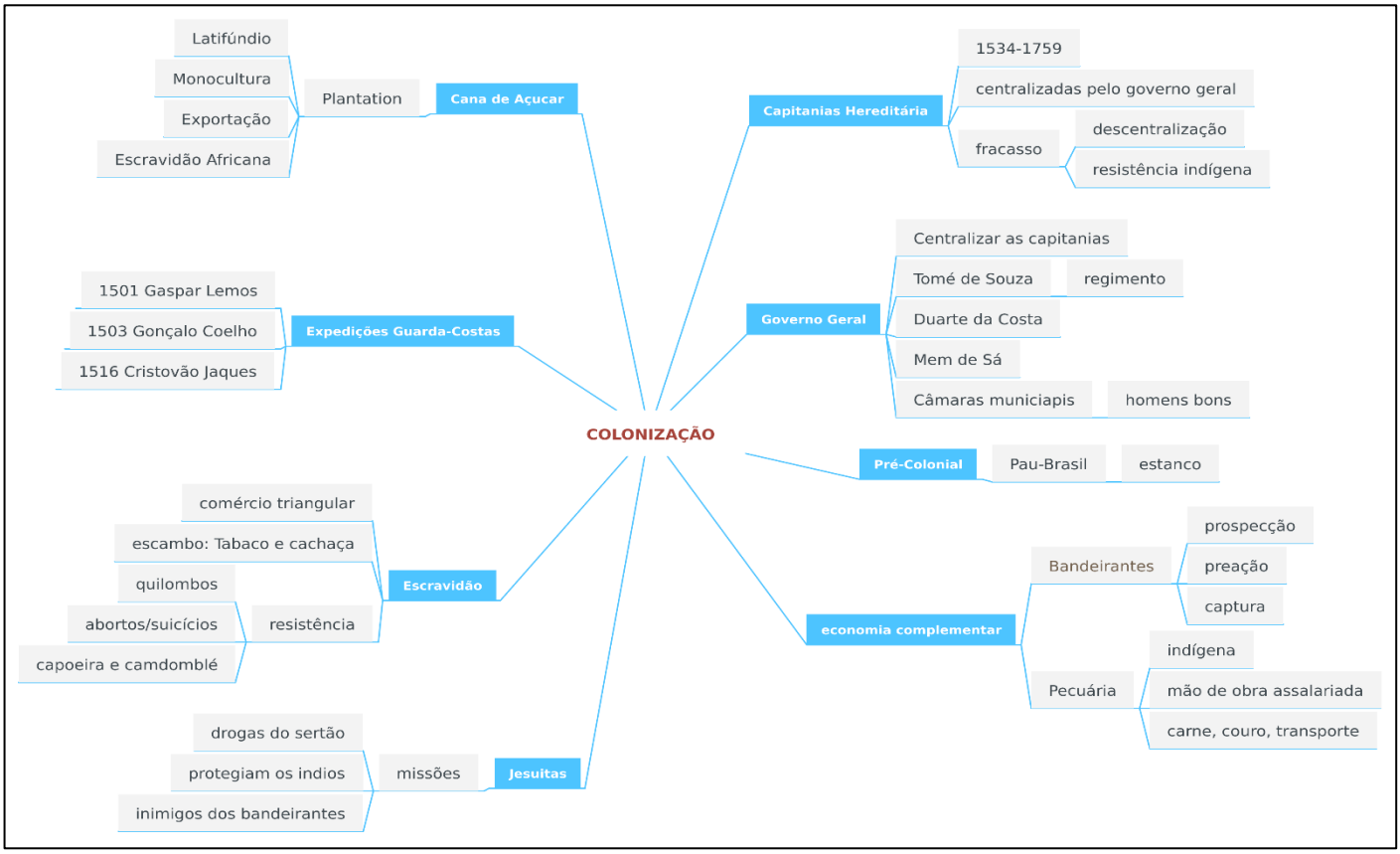
13. O governo português e a Igreja católica estavam ligados pelo regime do **Padroado**, ou seja, um acordo entre o papa e o rei que estabelecia direitos e deveres da Coroa Portuguesa em relação à Igreja. Podemos destacar, entre seus deveres: expansão do catolicismo às terras

conquistas por Portugal, construção e conservação de igrejas, remuneração de sacerdotes pelo seu trabalho. Como direitos da Coroa, temos: nomeação de bispos e criação de dioceses e recolhimento do **dízimo** ofertado pelos fiéis.

14. Em virtude da fusão de elementos de diversas religiões e crenças (africanas, europeias e indígenas) no Brasil, o que ficou conhecido como **sincretismo**, visitações do Santo Ofício foram realizadas entre os séculos XVI e XVII, em que processos eram abertos contra as pessoas acusadas de práticas heréticas contra a fé cristã. Muitos acusados foram levados à Portugal para julgamento por acusações diversas: feitiçaria, blasfêmia, prostituição, homossexualidade, além de perseguições aos **cristãos-novos** (judeus convertidos ao cristianismo.

15. Neste período, a economia açucareira ganhou ampla relevância graças ao trabalho compulsório de indígenas e, posteriormente, negros escravizados. As diferenças sociais existentes nos engenhos (locais onde se produzia o açúcar) eram amplas, tendo como suas principais marcas a existência dos **senhores de engenho**, residentes na Casa Grande, e dos negros escravizados, os quais vivam nas **senzalas.**

ESQUEMATIZANDO



11. EXERCÍCIOS.

QUESTÕES COMENTADAS

1. (VUNESP - PM-SP - Oficial / 2017)

Observe a imagem a seguir.

SERMOENS
DO
P. ANTONIO VIEIRA,
DA COMPANHIA DE IESU,
PRIMEYRA PARTE.
AO PRINCIPE, N. S.
EM LISBOA.

(*Sermões do Padre Antônio Vieira*. Primeira parte, 1679. https://goo.gl/7tqoy7. Acesso em 25.09.17)

O Padre Antônio Vieira fez parte do esforço missionário jesuíta na América, que via a catequese como fundamental em um contexto de:

A) ampliação das atividades econômicas agroexportadoras na América portuguesa, o que tornou a cristianização de povos indígenas parte fundamental na arregimentação de mão de obra escravizada para o trabalho nos engenhos coloniais.

B) intensificação do processo de interiorização da presença portuguesa na América do Sul, o que fortaleceu a aliança entre jesuítas e bandeirantes, com o objetivo de dominarem os nativos e ampliarem as possessões portuguesas no continente.

C) refluxo da Igreja Católica na Europa por conta das Reformas protestantes, o que levou alguns jesuítas a se aproximarem das línguas nativas para cristianizarem os ameríndios com o objetivo de conquistar novos fiéis para a Igreja.

D) aprofundamento das disputas e conflitos entre a Coroa Portuguesa e os jesuítas, o que resultaria, poucos anos depois, na expulsão da Companhia de Jesus da América devido aos enclaves autônomos das missões no continente.

E) disputa entre as Coroas Espanhola e Portuguesa pelas terras da América do Sul, de tal forma que os jesuítas se constituíram como aliados estratégicos dos portugueses na ampliação dos seus domínios territoriais coloniais.

Comentários

A **Companhia de Jesus**, fundada em 1534 por Inácio de Loyola e cujos membros são conhecidos como **jesuítas,** teve um papel fundamental na propagação da fé católica em meio ao contexto das **Reformas Protestantes** da Europa, a partir de 1517, com Martinho Lutero e a redação das suas "95 Teses", na Alemanha, do Anglicanismo, na Inglaterra, do Calvinismo, na Suíça, dentre outros movimentos que se difundiram na sociedade europeia a partir do século XVI.

Em meio a um **refluxo** da doutrina da Igreja Católica na Europa, marcada por escândalos de venda de indulgências (perdão), usura, luxo excessivo, dentre outros aspectos, procurou-se alcançar aqueles povos que, segundo se afirmava, não possuíam religião (fato este que sabemos que não condiz com a realidade, uma vez que os nativos possuíam deuses e rituais religiosos próprios, porém, diferentes daqueles que pertenciam ao catolicismo).

Neste sentido, as **missões jesuíticas** se direcionaram à **cristianização de ameríndios**, em busca de alcançar novos fiéis e fortalecer a Igreja Católica, na qual o Padre Antônio Vieira esteve inserido com os seus famosos "Sermões". Era comum, ademais, que os jesuítas aprendessem as línguas nativas, com o intuito de se comunicarem mais facilmente e, dessa forma, propagar a fé católica através da **catequização** dos ameríndios.

Gabarito: C

---

2. (VUNESP - PM-SP - Oficial / 2017)

Observe a imagem a seguir

(*A primeira missa no* Brasil, óleo sobre tela de Victor Meirelles de Lima, de 1860. https://goo.gl/Fe64x1. Acesso em 25.09.17)

A obra de Victor Meirelles, realizada à época do Império de D. Pedro II, tem o seu contexto de produção associado à dedicação de vários membros da Academia Imperial de Belas Artes à

representação de momentos importantes da política e da história nacional, com vistas a desenvolver um sentimento ufanista.

Essa obra busca representar o descobrimento:

A) como um encontro pacífico e ordenado de raças, com a Igreja e o Estado ao centro e os indígenas curiosos e passivos, de forma a silenciar sobre os conflitos do passado e do presente, tais como a invasão e o genocídio indígena do século XVI e a escravidão negra do século XIX.

B) de maneira apologética, de forma a conferir legitimidade à presença portuguesa na América, com o objetivo de justificar, em pleno século XIX, a guerra levada adiante pelo Brasil contra o Paraguai, evidenciando a pretensão brasileira de se constituir como potência hegemônica no Cone Sul.

C) como uma projeção pretérita da importância das elites de grandes proprietários do século XIX, ressaltando, com isso, o projeto dessas oligarquias em relação à derrubada da monarquia e ao estabelecimento de uma República que contemplasse os interesses das várias regiões do país.

D) de modo laudatório, ressaltando o papel essencial da Igreja e dos bandeirantes no processo de colonização do Brasil, o que ensejaria, no século XIX, o desejo da aristocracia rural do Nordeste de se afirmar como grupo social político e economicamente hegemônico no Império.

E) de forma crítica, ressaltando o caráter violento da conquista portuguesa e da ação da Igreja Católica, com o objetivo de denunciar as marcas de violência ainda presentes na sociedade imperial, tais como a escravização de negros africanos e a exploração de imigrantes italianos.

Comentários

A obra produzida por Victor Meirelles, em 1860, ainda sob o Segundo Reinado (1840-1889), é reflexo de uma preocupação, por parte dos membros da Academia Imperial de Belas Artes (AIBA), em atribuir os valores **nacionalistas** e **ufanistas** de determinados acontecimentos históricos brasileiros, recuperando a imagem positiva da colonização portuguesa no Brasil.

No presente caso, a obra retrata, de forma **romantizada**, a revalorização da história nacional através da presença indígena, retratada na obra de forma **idealizada** e que, diferentemente do elemento negro, até então considerado como uma figura anônima da nação, a imagem indígena representaria uma presença mais ativa na confluência do europeu com os nativos.

Dessa forma, a obra retrata que não houve resistência por parte dos nativos, pelo contrário, coloca-os de forma **pacífica** e **curiosa** com relação ao que está acontecendo. Tal imagem procura, dentre outros aspectos, transmitir uma visão que **silencie os conflitos existentes no passado e, consequentemente, no presente**, como mencionados no texto apresentado pela banca. Ademais, busca minimizar o impacto do genocídio indígena do século XVI e da escravidão dos negros, sobretudo, no século XIX.

Gabarito: A

3. (VUNESP - PM-SP - Oficial / 2016)

Já se disse, numa expressão feliz, que a contribuição brasileira para a civilização será de cordialidade – daremos ao mundo o "homem cordial", um traço definido do caráter brasileiro, na medida, ao menos, em que permanece ativa e fecunda a influência ancestral dos padrões de convívio humano, informados no meio rural e patriarcal.

(Sérgio Buarque de Holanda, Raízes do Brasil. Adaptado).

O "meio rural e patriarcal" a que se refere o trecho está relacionado:

A) à exploração das drogas do sertão no vale amazônico, em que os comandantes das expedições de extrativismo cumpriam o papel simultâneo de autoridades públicas e agentes comerciais.

B) à interiorização da ocupação no vale do Rio São Francisco, graças à expansão da pecuária que abastecia os engenhos da zona da mata, centrada na figura dos vaqueiros.

C) à produção de açúcar no engenho, no qual se constituíram relações sociais marcadas pela escravidão e pelo convívio familiar, organizadas em torno da autoridade do senhor.

D) ao bandeirantismo, em que os bandeirantes portugueses exerciam o poder sobre uma vasta população de negros, índios e mestiços que adentravam o continente em busca de ouro.

E) às missões jesuíticas, em que os jesuítas escravizavam povos indígenas com o objetivo de explorar a sua mão de obra para fins comerciais relacionados à monocultura exportadora.

Comentários

Sérgio Buarque de Holanda, um dos mais importantes historiadores brasileiros, em seu famoso livro "Raízes do Brasil" procura criticar um aspecto presente na sociedade brasileira, o qual ele nomeia como a **cordialidade** e que é visto desde o período colonial, enquanto herança das relações privadas e que, de forma característica, se expande para as relações públicas dentro da sociedade.

Dito isto, um exemplo claro em que se imiscuem as relações rurais e patriarcais, citadas pelo historiador, encontra-se nos **engenhos de açúcar,** localizados em grandes porções de terras pertencentes ao **senhor de engenho** e que, dessa forma, as relações sociais eram marcadas, por parte dos escravos, pelo trabalho compulsório e, por parte da autoridade senhorial, no convívio da sua família em torno de sua figura.

Assim sendo, os engenhos de açúcar eram lugares nos quais as relações sociais refletiam as diferenças existentes entre os mais ricos e aqueles que deveriam se dedicar ao trabalho braçal, em torno da figura **patriarcal** do senhor de engenho.

Gabarito: C

4. (VUNESP - PM-SP - Oficial / 2014)

Certa vez, um velho Tupinambá me perguntou: “Por que vocês, mairs [franceses] e perós [portugueses], vêm de tão longe para buscar lenha? Por acaso não existem árvores na sua terra?” Respondi que sim, que tínhamos muitas, mas não daquela qualidade, e que não as queimávamos, como ele supunha, mas dela extraíamos tinta para tingir. “E precisam de tanta assim?”, retrucou o velho Tupinambá. “Sim”, respondi, “pois no nosso país existem negociantes que possuem mais panos, facas, tesouras, espelhos e outras mercadorias do que se possa imaginar, e um só deles compra todo o pau-brasil que possamos carregar.” “Ah!”, tornou a retrucar o selvagem. “Você me conta maravilhas. Mas me diga: esse homem tão rico de quem você me fala, não morre?” “Sim”, disse eu, “morre como os outros”. Aqueles selvagens são grandes debatedores e gostam de ir ao fim em qualquer assunto. Por isso, o velho indígena me inquiriu outra vez: “E quando morrem os ricos, para quem fica o que deixam?” “Para seus filhos, se os têm”, respondi. “Na falta destes, para os irmãos e parentes próximos.” “Bem vejo agora que vocês, mairs, são mesmo uns grandes tolos. Sofrem tanto para cruzar o mar, suportando todas as privações e incômodos dos quais sempre falam quando aqui chegam, e trabalham dessa maneira apenas para amontoar riquezas para seus filhos ou para aqueles que vão sucedê-los? A terra que os alimenta não será por acaso suficiente para alimentar a eles? Nós também temos filhos a quem amamos. Mas estamos certos de que, depois da nossa morte, a terra que nos nutriu nutrirá também a eles. Por isso, descansamos sem maiores preocupações.”

(BUENO, Eduardo. Pau Brasil. São Paulo: Axis Mundi, 2002).

O diálogo entre o pastor calvinista Jean de Léry (1534-1611) e o velho Tupinambá, travado em algum momento da estada de Léry no Rio de Janeiro, entre março de 1557 e janeiro de 1558, é revelador

A) da aliança entre portugueses e franceses no Atlântico sul, o que permitiu aos dois países explorarem conjuntamente as riquezas da América e, ao mesmo tempo, isolarem os espanhóis na porção mais ocidental do continente.

B) da necessidade que Portugal tinha em exigir do papado um posicionamento favorável à partilha das terras “recém- -descobertas e por descobrir” apenas entre portugueses e espanhóis, o que só aconteceu no final do século XVII.

C) do permanente conflito ocorrido entre os povos nativos da América e os colonizadores europeus, que não conseguiram estabelecer nenhuma forma de diálogo com os povos indígenas e participaram de constantes guerras de extermínio.

D) da importância econômica que o pau-brasil tinha para os europeus no início da colonização e das intensas disputas entre portugueses e franceses pelas terras da América do Sul no século XVI, há pouco descobertas pela Coroa Portuguesa.

E) da proximidade de pensamento entre os povos indígenas e os franceses, em geral mais respeitosos na relação com a natureza e com os nativos da América do que os portugueses, responsáveis por uma prática econômica predatória.

Comentários

O diálogo trata de um produto que foi extremamente explorado no início da colonização brasileira: o **pau-brasil**, árvore da qual era extraída uma tinta vermelha extremamente utilizada e valiosa na Europa para o tingimento de roupas, cujo lucro era remetido à Metrópole Portuguesa. No diálogo, observamos a conversa entre o pastor francês Jean de Léry e um indígena, o que retrata o grande interesse, por parte dos franceses, na extração do pau-brasil.

A disputa pela **ocupação** e consequente **extração** destes produtos, em relação ao território brasileiro, aconteceu entre os séculos XVI e XVII, sendo que houve tentativas, por parte dos franceses, em colonizar o Brasil, tais como as expedições realizadas até o Rio de Janeiro em busca de implantar a **França Antártica** (1555), e em São Luís (1612), com o objetivo de implantar a **França Equinocial**. Ambas as tentativas, contudo, foram controladas pelos portugueses e não obtiveram o sucesso esperado.

Gabarito: D

---

5. (VUNESP - PM-SP - Oficial / 2013)

Observe as imagens para responder à questão.

Cacau, Guaraná e Castanha-do-pará: forte ligação com a História do Brasil.

Os três produtos representados nas imagens estiveram relacionados à interiorização da colonização, principalmente entre os séculos XVII e XVIII. O processo histórico que explica essa relação é:

A) a tentativa da Coroa Portuguesa de cultivar tais produtos na região do Maranhão e Grão-Pará, para garantir a Portugal a ocupação de um território historicamente pouco habitado.

B) a instalação de missões jesuíticas no atual sul do Brasil, o que garantiu a Portugal a posse sobre algumas terras que até então estavam sob o controle da Coroa Espanhola.

C) o movimento de conquista e desbravamento do interior do Nordeste por vaqueiros e pecuaristas, que cuidavam do gado ao mesmo tempo em que procuravam tais produtos.

D) a busca incessante dos bandeirantes por algumas riquezas no interior do país, entre as quais as "especiarias tropicais", mais valorizadas no comércio internacional do que o próprio ouro.

E) a exploração das drogas do sertão ao longo do vale amazônico tanto por jesuítas, preocupados também com a catequização dos indígenas, quanto por colonos.

Comentários

As imagens retratam três produtos muito importantes para o período colonial, que contribuíram para a exportação à Europa (devido ao fator exótico de tais produtos) e para o comércio exterior. Tais produtos foram encontrados no **norte** e **nordeste** brasileiros e, por se tratar de produtos não conhecidos na Europa, tiveram seu consumo estimulado entre os séculos XVI e XVIII.

A partir das expedições rumo à interiorização do país (as **bandeiras**) e a busca por metais preciosos, os bandeirantes tomaram conhecimento de novos produtos, como o cacau, o guaraná e a castanha-do-pará, que foram amplamente comercializados com países europeus. Para a sua extração, era utilizada a **mão de obra indígena** e, posteriormente à sua proibição, adotou-se a **mão de obra negra escravizada**.

Para o controle da exploração de tais produtos e da simultânea **catequização** dos indígenas, utilizados na extração das drogas, a Coroa Portuguesa enviou os **jesuítas**, a fim de manterem um certo monopólio da extração. Além disso, os colonos também faziam a extração das **drogas do sertão**, ação esta que não interessava à Metrópole, a qual buscava o lucro exclusivo de tais produtos.

Gabarito: E

---

6. (VUNESP - PM-SP - Oficial / 2013)

Para responder à questão, leia um trecho adaptado de uma entrevista concedida pelo historiador pernambucano Evaldo Cabral de Mello ao Jornal do Commercio, de Recife, em 22 de janeiro de 2008, por ocasião do bicentenário da chegada da família real ao Brasil.

JORNAL DO COMMERCIO – O Brasil tem motivos para comemorar os 200 anos da chegada da família real?

EVALDO CABRAL DE MELLO – Só os cariocas. O Brasil ou é oito ou é oitenta. Há alguns anos, era oito: tinha grande êxito um filme que punha na tela antigos chavões sobre a presença da corte lusitana no Rio. Hoje estamos no oitenta: dom João VI passou de idiota régio a estadista ocidental.

JORNAL DO COMMERCIO – Se pudéssemos simplificar em duas palavras, a vinda da família real trouxe mais benefícios ou prejuízos para o Nordeste?

EVALDO CABRAL DE MELLO – Claro que prejuízos, e imediatos. Primeiro, a corte ficava muito mais perto, segundo, houve a espoliação das províncias promovida pela família real, em terceiro lugar, a presença de dom João era o esforço de um futuro regime centralizador, embora não se possa dizer que desde dom João o assunto já fosse de favas contadas.

Entre as reações à política estabelecida pela família real, é possível citar:

A) a Revolução Pernambucana de 1817 e a Confederação do Equador (1824), em Pernambuco, que questionavam a espoliação fiscal e a centralização do poder promovidas pelo Rio de Janeiro, capital do Império Português a partir de 1808 e, depois de 1822, capital do Império do Brasil.

B) o Levante dos Malês (1835) e a Sabinada (1837-38), ambos na Bahia, que questionavam de forma radical a ordem escravista e colocavam em xeque o poder dos grandes proprietários da região, tendo obtido, nos dois casos, apoio massivo de escravos e ex-escravos.

C) a Cabanagem (1835-1840), no Pará, e a Balaiada (1838- 1841), no Maranhão, que objetivavam estabelecer, no Brasil, uma república jacobina nos moldes da república existente na França, na tentativa de radicalizar as lutas sociais existentes no período regencial.

D) a Revolução Farroupilha (1835-1845), no Rio Grande do Sul, e a Revolução Praieira (1848), em Pernambuco, que tinham como princípio político fundamental a defesa do separatismo e da formação de repúblicas democráticas em que não haveria escravidão.

E) o Golpe da Maioridade (1840) e a Política de Conciliação (1850-1870), que buscavam romper com a herança política de D. João VI e D. Pedro I a partir de uma proposta de implementar no Brasil o federalismo, que descentralizava o poder e garantia autonomia às províncias.

Comentários

A vinda da família real portuguesa ao Brasil, em 1808, em decorrência das invasões napoleônicas à Portugal, representou um novo tipo de administração para a colônia. Primeiramente, mantinha os privilégios dos grupos políticos mais influentes no Brasil: os comerciantes portugueses e os membros das **elites rurais** brasileiras.

Em segundo lugar, a administração da colônia era diretamente influenciada pelas transformações europeias, o que se pode evidenciar pela expansão de grandes centros urbanos, como o Rio de Janeiro, que passou a ocupar o lugar de **capital do império português**.

Neste contexto, a criação de um **aparelho estatal centralizador**, que transferiu a capital do império de Salvador para o Rio de Janeiro, trouxe medidas por parte da corte portuguesa que desagradaram aos brasileiros: os gastos da Corte, o aumento dos impostos e a ocupação de cargos públicos, predominantemente, por portugueses, foram fatores que deixaram a população insatisfeita.

Assim, os revoltosos de Pernambuco, insatisfeitos com a situação, sob a liderança de Domingos José Martins, ocuparam Recife e prenderam o governador de Pernambuco, Caetano Pinto de Miranda Montenegro, dando início, em 1817, à Revolução Pernambucana, de caráter separatista.

Outro acontecimento daí decorrente foi a Confederação do Equador (1824), fruto da transferência do eixo econômico brasileiro, que passou da região nordeste para a sudeste, após um período de crises no abastecimento e do baixo crescimento no século XIX, e da dissolução da Assembleia Constituinte e respectiva outorga da Constituição de 1824, feitas por D. Pedro I.

Sob a liderança de **Frei Caneca** e **Cipriano Barata**, seria adotado um regime republicano e de caráter liberal. O movimento não resultou como o esperado e os envolvidos foram condenados.

Gabarito: A

---

7. (VUNESP - PM-SP - Oficial / 2012)

A exaltação dos bandeirantes, em São Paulo, está presente na nomenclatura de estradas, avenidas e monumentos. Monumentos que vão desde a bela obra do escultor Brecheret junto ao Parque Ibirapuera até o assustador Borba Gato, gigante de botas plantado no bairro de Santo Amaro. A estátua, aliás, é muito pouco realista, pois existem boas indicações de que muitos bandeirantes marchavam descalços.

(Bóris Fausto, História do Brasil)

A exaltação dos bandeirantes descrita costuma omitir, mascarar e esconder algumas das suas atividades. Trata-se de uma tentativa de esquecer e apagar da História algumas ações não tão nobres dos bandeirantes, tais como

A) a descoberta de metais preciosos nas Minas Gerais.

B) a contribuição para a extensão territorial do Brasil.

C) o trabalho relacionado à produção de açúcar.

D) a contribuição com os jesuítas na catequização de indígenas.

E) o combate e a repressão aos quilombos.

Comentários

O texto apresentado pelo historiador brasileiro Bóris Fausto trata de uma temática concernente ao período **colonial brasileiro**, no caso aqui mencionado, aquele em que os **bandeirantes** ganharam ampla importância para a exploração do interior do Brasil.

Inicialmente em busca de metais preciosos e de mão de obra indígena, uma prática recorrente na ação dos bandeirantes era a **captura** de indígenas e a destruição de **quilombos** organizados pelos negros fugitivos.

A figura dos bandeirantes é extremamente valorizada, ainda que contraditória, sobretudo na região sudeste do Brasil, por conta da importância econômica que eles tiveram ao contribuir, nos séculos XVII e XVIII, com a descoberta do ouro nas Minas Gerais e do avanço no “desbravamento” do interior brasileiro.

Gabarito: E

---

8. (VUNESP - PM-SP - Oficial / 2011)

O principal motivo da criação da capitania de Mato Grosso, em 1748, foi impedir que os espanhóis tomassem a região e chegassem a Goiás e Minas Gerais. Era a época em que Portugal e Espanha discutiam as cláusulas do Tratado de Madri, finalmente assinado em 1750, que fixou os contornos aproximados da atual fronteira brasileira, substituindo o Tratado de Tordesilhas (1494).

(Masilia Aparecida da Silva Gomes. Comer, beber, governar. In Revista de História da Biblioteca Nacional, set. de 2010, n.º 60.)

A expansão territorial da América portuguesa teve relação com

A) as colônias de povoamento do sul e a cafeicultura.

B) a produção de algodão e as oficinas de artesanato.

C) as missões jesuíticas e a mineração.

D) a produção de tabaco em São Paulo e os desterrados portugueses.

E) as manufaturas e as feitorias do nordeste.

Comentários

O período a que o enunciado se refere abarca o século XVIII, quando do estabelecimento do **Tratado de Madri** (1750), que previa, dentre outros preceitos, a adoção do *uti possidetis*, ou seja, a premissa de que "**quem possui de fato, deve possuir de direito**", que dava a posse das terras a quem tivesse ocupado e povoado o território.

Tal Tratado é contrário às premissas do Tratado de Tordesilhas (1494), que estabelecia a posse através de uma demarcação de 370 léguas a oeste do Arquipélago de Cabo Verde, sendo que a parte **oriental** das terras descobertas na América pertenceria a Portugal, e a parte **ocidental**, à Espanha. Neste período, a atividade que representa a ocupação do território brasileiro por meio dos portugueses e, dessa forma, justifica o princípio do *uti possidetis*, é a **extração de minérios** no século XVIII, principalmente na região das Minas Gerais.

A expansão territorial na América Portuguesa aconteceu por conta da necessidade de se ocupar o interior do país e de se explorar as **riquezas minerais** (através das **entradas** e **bandeiras**). Por meio do Tratado de Madri (1750) e do princípio do *uti possidetis*, passou-se a expandir as **missões jesuíticas no Brasil** em busca do controle do ouro e da catequização de indígenas.

Gabarito: C

---

9. (VUNESP - PM-SP - Oficial / 2010)

O vozerio interrompido e sempre repetido com que os negros levam de um lado para o outro cargas sobre varas, o chiado de um tosco carro de bois de duas rodas, em que as mercadorias são conduzidas pela cidade, os frequentes tiros de canhão dos castelos e dos navios de todos os países do mundo que entram e o estrondo de foguetes com que os habitantes quase que diariamente e já pela manhã festejam os dias santos, confundem-se num estardalhaço ensurdecedor.

(J. B. Spix e C. F. P. von Martius. Viagem pelo Brasil, 1817-1820).

O texto, relativo à cidade do Rio de Janeiro no final da segunda década do século XIX, faz referência:

A) ao pacto colonial e à sua estreita dependência em relação a Portugal.

B) à crise causada pelo Bloqueio Continental, decretado por Napoleão.

C) à importância do comércio na cidade, que abrigava a Corte portuguesa.

D) ao crescimento das importações, incentivadas pelos lucros da mineração.

E) à transformação da cidade em um centro produtor de manufaturas.

Comentários

O texto apresentado pela banca faz referência às dinâmicas sociais existentes na cidade do Rio de Janeiro no século XIX, especificamente entre os anos de 1817 e 1820. É preciso se lembrar, para a correta solução da questão, que no ano de 1808 ocorreu a transferência da **Corte Portuguesa** para o Brasil, fruto de um projeto que já estava sendo pensado e que foi antecipado em decorrência das invasões napoleônicas a Portugal.

Com a transmigração da Família Real e de todo o seu aparelho estatal burocrático e administrativo, o Rio de Janeiro passou por um primeiro momento de transformações, tanto no que diz respeito aos aspectos sociais quanto econômicos. Neste sentido, o texto de Spix e von Martius, que consolida uma narrativa sobre a fauna e flora brasileiras, também nos apresenta características da sociedade oitocentista.

No trecho em destaque, podemos ressaltar a **relevância** que o **comércio** possuía na cidade, uma vez que os autores descrevem o trabalho dos negros, de um lado para o outro da cidade, carregando os produtos que seriam comercializados, bem como as mercadorias transportadas nos carros de bois.

Gabarito: C

---

10. (VUNESP/PM-SP/2011 – OFICIAL ADMINISTRATIVO)

Leia as assertivas sobre o Brasil colonial.

I. A opção portuguesa pela produção açucareira esteve relacionada com o fato de os portugueses não encontrarem, no século XVI, metais e pedras preciosas no litoral.

II. A questão da escravização dos indígenas gerou uma série de conflitos entre os colonos e os jesuítas.

III. Durante todo o período colonial, as autoridades portuguesas permitiram apenas a entrada de escravos originários da região de Moçambique.

IV. O “exclusivo metropolitano” obrigava o colono do Brasil a comercializar apenas com Portugal.

V. Um efeito importante da exploração de ouro em Minas Gerais foi a formação de um mercado interno.

Estão corretas as afirmativas:

A) I e II, apenas.

B) I, III e IV, apenas.

C) I, II, IV e V, apenas.

D) III, IV e V, apenas.

E) I, II, III, IV e V.

Comentários

Para o melhor entendimento, vamos comentar as assertivas apresentadas:
I. **Correta**. Devido à alta quantidade de cana de açúcar no Brasil, optou-se por este tipo de produção, associada ao fato de que, inicialmente, os portugueses não encontraram ouro e metais preciosos no litoral brasileiro, diferentemente dos espanhóis, que tiveram grande êxito em suas colônias.
II. **Correta**. No século XVII, sobretudo após a publicação do *breve* (um tipo de decreto) feita pelo Papa Urbano VIII, em 1639, houve uma série de conflitos entre os colonos e os jesuítas. Tal decreto estabelecia que os indígenas deveriam possuir a liberdade, ou seja, não deveriam ser mais cativos dos colonos. Isto fez com que os colonos ficassem insatisfeitos com os jesuítas e, dessa forma, alguns deles foram até expulsos do território.
III. **Incorreta**. Temos relatos de que escravos vieram de várias regiões africanas, como Cabo Verde, Congo, Zimbábue, Zaire, Moçambique, entre outras.
IV. **Correta**. Como visto anteriormente, o Pacto Colonial ou Exclusivo Metropolitano estabelecia a unilateralidade entre a Metrópole e a Colônia.
V. **Correta**. A extração de ouro no Brasil, feita a partir do século XVIII por meio das *bandeiras* (expedições rumo ao interior do país, sobretudo Minas Gerais), favoreceu o estabelecimento de um mercado interno, uma vez que a extração de ouro proporcionava a circulação de valores de troca entre produtos (matérias primas) e moedas. Dessa forma, o que anteriormente era extraído sem possuir um valor, com a descoberta do ouro passou a ser negociado.
Assim sendo, ficamos com a alternativa **"C",** que destaca as quatro assertivas corretas.

Gabarito: C

---

11. (VUNESP/PM-SP/2014 – OFICIAL ADMINISTRATIVO)

A economia colonial brasileira baseou-se na:

A) grande lavoura mercantil, na monocultora e no trabalho escravo.

B) exploração de minério e na utilização de mão de obra indígena.

C) pecuária extensiva conduzida por imigrantes portugueses.

D) exploração madeireira das florestas e no trabalho escravo.

E) monocultura com utilização de trabalho livre.

Comentários

Nesta questão, é preciso identificar que o enunciado trata da economia colonial brasileira, ou seja, diz respeito à economia entre 1500 (início da colonização) e 1815 (quando o Brasil foi elevado à categoria de Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves). Dito isto, devemos ter em mente que o Brasil se beneficiou, sobretudo, de uma produção através do cultivo da terra e da plantação de determinados produtos, com características monocultoras. Podemos destacar, dentre os produtos

cultivados, a cana de açúcar, presente em abundância sobretudo no nordeste do país entre os séculos XVI e XVII, e as lavouras de café, na região sudeste, principalmente a partir do século XIX. Para a extração de tais produtos, houve a utilização de mão de obra cativa, primeiramente a indígena e, posteriormente, a negra. Assim sendo, a alternativa **"B"** está incorreta porque apresenta apenas a exploração de minério e uso da mão de obra indígena; a **"C"**, porque apresenta a pecuária como presente no período todo, além do uso exclusivo de mão de obra imigrante portuguesa; a **"D"**, pois destaca apenas a exploração madeireira (sobretudo o pau-brasil), e a **"E"** por fazer referência ao trabalho livre, algo que somente foi feito posteriormente ao período colonial. Dessa forma, a única alternativa correta é a **"A"**.

Gabarito: A

---

12. (VUNESP/PM-SP/2007 – SOLDADO 2ª CLASSE)

Considere o mapa.

(Divalte Garcia Figueira, *História*)

Os limites do Estado Brasileiro foram definidos, em grande parte, no período da dominação portuguesa, como é possível observar no mapa. Com base no princípio de que "quem possui de fato, deve possuir de direito", Portugal e Espanha assinaram o Tratado de Madri, que garantiu a Portugal o direito sobre terras que até então estavam sob o domínio espanhol.

As ações dos portugueses, que os levaram a possuir de fato essas terras, foram, entre outras:

A) a expansão cafeeira e a formação dos quilombos na região do Nordeste da colônia.

B) a ação dos jesuítas nas guerras guaraníticas e a extração desenfreada do pau-brasil.

C) a formação das capitanias hereditárias e a exploração do tabaco e do algodão.

D) o plantio e a fabricação da cana-de-açúcar e a expansão da atividade pecuária.

E) a exploração das riquezas minerais e a captura dos índios pelos bandeirantes.

Comentários

O período a que o enunciado se refere abarca o século XVIII, quando do estabelecimento do Tratado de Madri (1750), que previa, dentre outros preceitos, a adoção do *uti possidetis*, ou seja, a premissa de que "quem possui de fato, deve possuir de direito", que dava a posse das terras a quem tivesse ocupado e povoado o território, ao contrário do Tratado de Tordesilhas (1494), que estabelecia a posse através de uma demarcação de 370 léguas a oeste do Arquipélago de Cabo Verde, sendo que a parte oriental das terras descobertas na América pertenceria a Portugal, e a parte ocidental, à Espanha. Neste período, a atividade que representa a ocupação do território brasileiro por meio dos portugueses e, dessa forma, justifica o princípio do *uti possidetis*, é a extração de minérios no século XVIII, principalmente na região das Minas Gerais. Portanto, a alternativa correta apresentada é a **"E"**.

Gabarito: E

---

13. (VUNESP/PM-SP/2011 – SOLDADO - SERVIÇO AUXILIAR VOLUNTÁRIO)

Foram características dominantes no Nordeste açucareiro, durante o Brasil colonial, a:

A) intensa vida urbana e a policultura de exportação.

B) posse comunitária da terra e a servidão indígena.

C) enorme chance de mobilidade social e o minifúndio.

D) produção para o mercado interno e o trabalho familiar.

E) grande propriedade rural e a mão de obra escrava.

Comentários

Durante o período colonial brasileiro, dentre os produtos que fizeram parte deste mecanismo, destaca-se a cana de açúcar, sobretudo no nordeste brasileiro, pautada pelo uso de uma grande propriedade rural e da mão de obra escrava. Estão **incorretas**:

1. A alternativa "A", que fala sobre uma intensa vida urbana, uma vez que o Nordeste ainda não possuía tais características e a maioria da população pertencia ao meio rural;

2. A alternativa "B", pois a posse não era comunitária, mas pertencia a grandes proprietários de terras, os chamados "senhores de engenho";

3. A alternativa "C", que discorre sobre a enorme chance de mobilidade social. Deve-se destacar que neste período, a mobilidade social era mais restrita às pessoas que possuíam terras e riquezas. Além disso, a adoção de minifúndio não era predominante no período, sendo o latifúndio o uso predominante;

4. A alternativa "D", pois a produção era voltada para o mercado externo, sobretudo para o lucro da Metrópole. Ademais, o uso de trabalho escravo indígena e, posteriormente, negro, foi adotado na Colônia.

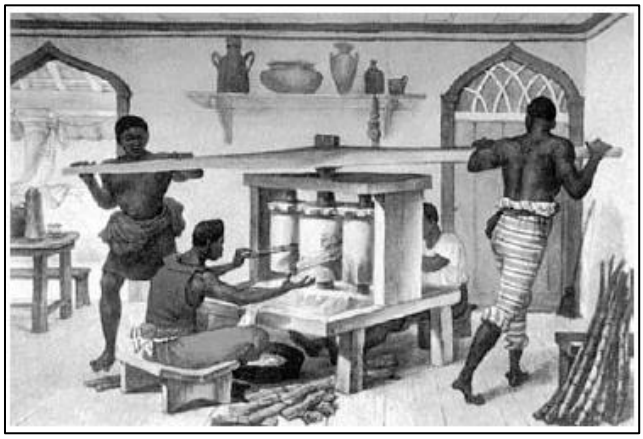
A alternativa que é correta, portanto, é a alternativa **"E",** apresentada pela grande propriedade rural (o latifúndio) e pela mão de obra escrava.

Gabarito: E

---

14. (VUNESP/PM-SP/2012 – SOLDADO - SERVIÇO AUXILIAR VOLUNTÁRIO)

Observe a imagem.



(www.brasiliana.usp.br)

A ilustração de Jean-Baptiste Debret pode ser associada, no Brasil colonial:

A) ao fim da escravidão.

B) à produção de açúcar.

C) ao crescimento urbano.

D) à extração de ouro.

E) ao trabalho assalariado.

Comentários

A imagem retrata a produção de açúcar em um engenho brasileiro, retratado por Debret, que veio ao Brasil com a Missão Artística Francesa de 1816, tendo feito uma série de gravuras do dia a dia dos escravos e da vida no Brasil Colônia. Esta imagem evidencia a vida dos escravos que, de forma integral, participavam da produção do açúcar, desde o momento do plantio da cana, até a sua colheita e consequente refinamento. O uso de escravos foi adotado para garantir um maior lucro aos senhores do engenho. A alternativa **"B"** é, dessa forma, a correta.

Gabarito: B

---

15. (VUNESP/PM-SP/2010 – OFICIAL ADMINISTRATIVO)

Sobre o processo de colonização do Brasil, é correto afirmar que:

A) a principal tarefa do espaço colonial era o de fornecer para a metrópole riquezas materiais, como os escravos indígenas e as pequenas manufaturas.

B) a metrópole incentivava o livre comércio da colônia com as nações europeias e os colonos tinham plena autonomia para escravizar os indígenas.

C) a colônia, produtora de matérias-primas, de gêneros tropicais e consumidora de manufaturados metropolitanos, estava submetida ao monopólio comercial da metrópole.

D) o pacto colonial instituiu relações econômicas igualitárias entre a colônia e a metrópole, o que garantiu um forte desenvolvimento manufatureiro na colônia.

E) o exclusivo metropolitano assegurava para o espaço colonial liberdade política e religiosa, além de incentivar a utilização de mão de obra livre na colônia.

Comentários

No que diz respeito ao processo de colonização do Brasil, a questão traz uma série de características que identificam fases deste processo. A alternativa **"A"** não está correta, uma vez que o objetivo principal do espaço colonial não era fornecer riquezas materiais para a metrópole. De início, a ocupação mais intensa do território brasileiro, que viria a ser chamado de Brasil, aconteceu a partir da década de 1530 e se deu por dois motivos principais:

1. Devido à redução no lucro da compra e venda de especiarias vindas das Índias, causada pelos fortes gastos em manter as colônias na África e na Ásia, além da concorrência com outros países que também buscavam as especiarias.

2. Para que o Brasil não sofresse tentativas de invasão por parte de outros países europeus, como a França, que já contrabandeava pau-brasil há algum tempo, o que justifica a alternativa **"B"** estar errada. Diante disso, foram estabelecidas as **Capitanias Hereditárias**. Portugal dividiu o Brasil em faixas de terras concedidas a nobres portugueses, que deveriam cuidar e cultivar as suas posses. Havia 15 capitanias, distribuídas entre 12 donatários, que tinham certos direitos, como escravizar os índios e cobrar tributos, além de extrair recursos naturais das suas capitanias. Neste contexto, temos a instituição do **Pacto Colonial**, ou **Exclusivo Metropolitano**, um acordo feito entre a Metrópole (Portugal) e a Colônia (Brasil) que procurava, sobretudo, beneficiar Portugal com relação à extração de matérias primas e de mão de obra indígena. A partir deste Pacto, notamos que as relações entre Brasil e Portugal se tornaram mais estreitas, visto que a Metrópole ansiava pelo lucro referente à extração dos recursos presentes na Colônia.

Não foi, dessa forma, uma relação justa e igualitária entre ambas, o que elimina as alternativas **"D"** e **"E"**, também pelo fato da religião católica ter sido implantada como oficial no território recém explorado. Diante disso, a alternativa **"C"** é a correta, pois trata da submissão da Colônia à Metrópole por meio de um monopólio português.

Gabarito: C

Leia o texto abaixo.

Com a capitulação dos holandeses em 1654, os negros palmarinos continuaram a desafiar o poder colonial. Nos anos de 1670, duas expedições contra Palmares não cantaram vitória: a de 1675, chefiada pelo capitão Manoel Lopes Galvão, e a de 1677, comandada pelo capitão Fernão Carrilho, que pensou ter derrotado os negros, quando na verdade apenas pôs as mãos em alguns palmarinos, entre eles os parentes do chefe Ganga-Zumba.

Palmares entre sangue e fogo desde 1602, Flavio José Gomes Cabral. Disponível em: http://www.revistadehistoria.com.br/secao/artigos/flavio-jose-gomes-cabral). Acesso em 11/04/2016.

16. (SEDUC-CE / 2016)

Analise as proposições abaixo.

I. Nos quilombos (geralmente localizados em lugares de difícil acesso), os escravos viviam em liberdade, produziam seus alimentos, fabricavam roupas, móveis e instrumentos de trabalho, cultivavam também as crenças, as tradições e os costumes africanos. O adultério, o roubo e o homicídio eram punidos com a pena de morte.

II. Os quilombos estavam espalhados em todo o território colonial, porém, a falta de registros impede que estudiosos descubram mais detalhes sobre eles. Mesmo assim, ainda encontramos comunidades remanescentes de antigos quilombos no interior do Brasil.

III. O mais famoso de todos os quilombos chamava-se Palmares e ficava em Alagoas. Esse quilombo possuía aproximadamente 20 ou 30 mil habitantes. Dentre os seus líderes destacava-se Zumbi.

IV. Durante o século XVII, vários governos (portugueses e holandeses) quiseram destruir o quilombo dos Palmares. Foram várias tentativas, em 80 anos de conflito, mas Palmares resistia bravamente e chegou a derrotar cerca de 30 expedições enviadas.

São verdadeiras as proposições:

A) I e II.

B) II e III.

C) I, II e III.

D) II, III e IV.

E) I, II, III e IV.

Comentários

A alternativa E é a resposta certa.

Na medida em que a proposição I. está correta ao ressaltar que os quilombos foram uma via de resistência à escravidão, onde os escravos fugitivos estabeleciam uma relação de sociabilidade que instaurava uma vida à margem da sociedade escravocrata como forma de sobrevivência.

Do mesmo modo, a proposição II. também está correta, pois de fato pouco se sabe da dimensão e do cotidiano dos quilombos. Também é fato que algumas comunidades ainda vivem no interior do Brasil, algumas ainda bastante isoladas dos grandes centros urbanos, mas outras se tornaram mais sociáveis e a maioria delas usa como base econômica a agricultura e o comercio de produtos excedentes, plantando e vendendo, principalmente, verduras, algumas frutas regionais e legumes.

Também a proposição III. está correta. O Quilombo de Palmares, o mais conhecido, foi formado, inicialmente, por Zumbi dos Palmares e seus companheiros e se transformou numa opção para muitos cativos que ansiavam por mudar sua situação miserável. A área era povoada por palmeiras, advindo daí a denominação do quilombo, que ao longo dos tempos cresceu, estendendo-se pelas ribeiras do Rio São Francisco, adentrando o Agreste Meridional e a Mata Sul pernambucana além dos limites do Cabo de Santo Agostinho.

A proposição IV. também está correta. O Quilombo dos Palmares surge no século XVII, em plena explosão das invasões holandesas e perdura por cerca de um século. Palmares teve uma prosperidade assustadora para muitos senhores e o governo colonial foi obrigado a agir, tomando providencias. Foram enviadas expedições para destruir o quilombo e recapturar escravos fugitivos. Muitas destas investidas fracassaram. Os quilombolas de Palmares estavam bem armados e tinham uma excelente tática de defesa. Não foi fácil vencê-los. Somente com a captura de Antônio Soares isso foi possível. Ele revelou onde se encontrava o esconderijo de Zumbi em troca de sua liberdade. Zumbi dos Palmares foi morto em uma emboscada e teve sua cabeça cortada e exposta em praça pública na cidade de Recife para servir de exemplo a outros escravos. Com a morte de seu líder, o quilombo não resistiu.

(CABRAL, 2012; SILVA; MELO, 2011).

Gabarito: E

---

17. (FATEC 2015)

De acordo com o historiador Stuart B. Schwarcz, durante o período da colonização, havia um ditado popular que dizia: "Sem açúcar, não há Brasil; sem a escravidão, não há açúcar; sem Angola, não há escravos".

(http://tinyurl.com/njyvll6 Acesso em: 30.06.2014.)

Esse ditado traz elementos que permitem concluir que a organização colonial

A) dependia da produção de açúcar para exportação, produzido com trabalho de escravos.

B) era baseada na policultura de subsistência, para alimentar a grande população escrava.

C) utilizava-se do trabalho escravo, para garantir a produção de gêneros industrializados.

D) desenvolvia a economia do Brasil e de Angola, pois ambos dividiam os lucros do açúcar.

E) era baseada no trabalho assalariado, porém utilizava escravos nas atividades domésticas.

Comentários

O ditado deixa claro uma tripla dependência: a Colônia precisa de Angola para fornecer escravos, dos escravos para produzir açúcar e do açúcar para ter lucro. Logo, a Colônia se organizava a partir da produção de Açúcar, no modelo de *plantation* (latifúndio monocultor, agroexportador e escravista).

Está errada a [B] pois era monocultura.

A [C] porque a sociedade era agrária.

A [D] porque o açúcar só era produzido aqui e angola era para captura de africanos e a [E] o trabalho era somente escravo.

Gabarito: A

---

18. (FATEC 2012)

"Os escravos são as mãos e os pés do senhor de engenho, porque sem eles no Brasil não é possível fazer, conservar e aumentar fazenda."

(ANTONIL, André João. *Cultura e opulência do Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1982, p. 89.)

No trecho citado, parte de uma obra publicada em 1711, o jesuíta Antonil:

A) torna evidente que o trabalho escravo constituiu a base da exploração econômica em setores essenciais da economia colonial.

B) fornece argumentos para o combate movido pela Igreja contra a escravização de indígenas e africanos nos domínios coloniais portugueses.

C) explica por que a escravidão foi importante no empreendimento açucareiro, mas teve papel secundário e marginal na exploração mineradora.

D) justifica a brandura da escravidão no Brasil e sugere uma explicação para a "democracia racial" predominante na sociedade colonial brasileira.

E) condena as tentativas de introduzir trabalhadores livres, trazidos da Europa, para substituir a mão de obra escrava nas lavouras de café.

Comentários

A economia colonial brasileira estava totalmente atrelada à mão de obra escrava negra. Sem os escravos, a economia perdia sua principal base de sustentação.

Estão erradas a [B], pois não fornece argumentos para a igreja, a [C] pois a escravidão foi essencial na colônia seja na lavoura ou na mineração.

A [D] a escravidão não foi nada branda e a [E] porque Antonil escreveu no século XVIII e o ciclo do café foi no Império em meados do século XIX.

Gabarito: A

---

19. (UEPB 2014)

Considerando a realidade da América Portuguesa nas três primeiras décadas do século XVI, é correto afirmar:

A) A expedição exploradora de Gaspar de Lemos, em 1501, implantou o sistema de Capitanias Hereditárias para garantir o desenvolvimento da cana de açúcar.

B) A Coroa Portuguesa proibiu o estanco do pau-brasil, já que a madeira era contrabandeada por franceses e ingleses.

C) As expedições de Cristovão Jackes, em 1516 e 1526 não tinham caráter militar, nem combateram estrangeiros. Tinham a função específica de reconhecer o território e implantar as feitorias.

D) A atividade desenvolvida com autorização da Coroa Portuguesa foi a extração de pau-brasil, uma atividade nômade e predatória, que não tinha a finalidade de promover o povoamento.

E) A mão de obra indígena foi pouco explorada e bastante valorizada pelos portugueses, que presenteavam os nativos com objetos de grande valor no mercado europeu.

Comentários

O ciclo do pau-brasil, feito a partir do trabalho livre indígena, não gerou a formação de núcleos urbanos de povoamento, promoveu apenas a fundação de feitorias pelo litoral brasileiro.

Está errada a [A] pois as capitanias foram criadas com a colonização depois de 1530, a [B] estanco é monopólio, e o comércio colonial era à base de monopólios, a [C] porque as expedições antes da colonização são "guarda costas" entre elas a de Jaques, e a [E] apesar da defesa da Igreja e apoio da coroa, a mão de obra indígena foi escravizada sistematicamente.

Gabarito: D

---

20. (UFMG 2010)

Leia este trecho do documento:

Eu el-rei faço saber a vós [...] fidalgo de minha casa que vendo eu quanto serviço de Deus e meu é conservar e enobrecer as capitanias e povoações das terras do Brasil e dar ordem e maneira com que melhor e seguramente se possam ir povoando para exaltamento da nossa santa fé e proveito de meus reinos e senhorios e dos naturais deles ordenei ora de mandar nas ditas terras fazer uma fortaleza e povoação grande e forte em um lugar conveniente para daí se dar favor e ajuda às outras povoações e se ministrar justiça e prover nas coisas que cumprirem a meus serviços e aos negócios de minha fazenda e a bem das partes [...]

É CORRETO afirmar que, nesse trecho de documento, se faz referência:

A) à criação do Governo Geral, com sede na Bahia.

B) à implantação do Vice-Reinado no Rio de Janeiro.

C) à implementação da Capitania-sede em São Vicente.

D) ao estabelecimento de Capitanias Hereditárias, no nordeste.

Comentários

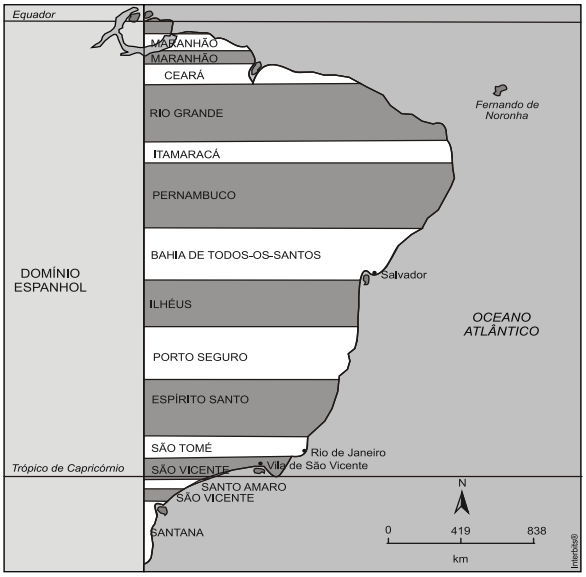
A criação do Governo Geral pelo rei de Portugal em 1548, foi motivada pelo fracasso do sistema de capitanias hereditárias adotado para promover a colonização e administração do Brasil. Com a implantação do Governo Geral, promoveu-se a centralização administrativa da colônia, mas sem que fossem suprimidas as capitanias.

Gabarito: A

---

21. (UFTM 2012)

Observe o mapa.



(Flávio de Campos e Miriam Dolhnihoff. *Atlas: História do Brasil*, 2002.)

O mapa faz alusão:

A) ao Tratado de Madri, que dividiu as terras americanas entre Portugal e Espanha, colocando fim a décadas de disputas.

B) à estratégia imaginada pelos portugueses para enfrentar o avanço dos franceses sobre suas terras na América.

C) ao Tratado de Tordesilhas e ao sistema de capitanias, doação hereditária feita pela coroa a colonos portugueses.

D) à ação de Martim Afonso de Souza, encarregado de iniciar a colonização efetiva das terras brasileiras.

E) ao sistema de sesmarias, utilizado pelos portugueses para garantir a posse da terra contra ameaças estrangeiras.

Comentários

O processo de expansão marítima europeia, no decorrer do século XV, contrapôs interesses econômicos e políticos de portugueses e espanhóis. Em junho de 1494, Portugal e Espanha assinam o Tratado de Tordesilhas, a partir de um meridiano localizado a 370 léguas a oeste do arquipélago de Cabo Verde, demarcando as possessões portuguesas e espanholas no Novo Mundo. O sistema de Capitanias Hereditárias foi criado em 1534 pelo rei de Portugal, D. João III, visando a colonização efetiva do território brasileiro.

Gabarito: C

---

22. (VUNESP 2014)

Em 1534, a Coroa portuguesa estabeleceu o regime de capitanias hereditárias no Brasil Colônia. Entre as funções dos donatários, podemos citar:

A) a nomeação de funcionários e a representação diplomática.

B) a erradicação de epidemias e o estímulo ao crescimento demográfico.

C) a interação com os povos nativos e a repressão ao trabalho escravo.

D) a organização de entradas e bandeiras e o extermínio dos indígenas.

E) a fundação de vilas e cidades e a cobrança de impostos.

Comentários

Em 1534, o Brasil foi dividido em capitanias hereditárias, lotes de terras entre o litoral e a linha de Tordesilhas. Estas terras foram doadas aos donatários que eram nobres portugueses incumbidos de iniciar o processo de colonização. Havia dois documentos relativos as capitanias hereditárias, a "Carta de Doação" que consistia em um documento que dava direito ao donatário de explorar a sua capitania e o "Foral" que estabelecia os direitos e deveres dos donatários. Cabia aos donatários, entre outros, a fundação de vilas e cidades e a cobrança de impostos e doação de sesmarias.

Gabarito: E

23.

Os vestígios dos povos Tupi-guarani encontram-se desde as Missões e o rio da Prata, ao sul, até o Nordeste, com algumas ocorrências ainda mal conhecidas no sul da Amazônia. A leste, ocupavam toda a faixa litorânea, desde o Rio Grande do Sul até o Maranhão. A oeste, aparecem (no rio da Prata) no Paraguai e nas terras baixas da Bolívia. Evitam as terras inundáveis do Pantanal e marcam sua presença discretamente nos cerrados do Brasil central. De fato, ocuparam, de preferência, as regiões de floresta tropical e subtropical.

PROUS. A. *O Brasil antes dos brasileiros*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. Editor, 2005.

Os povos indígenas citados possuíam tradições culturais específicas que os distinguiam de outras sociedades indígenas e dos colonizadores europeus. Entre as tradições tupi-guarani, destacava-se:

A) a organização em aldeias politicamente independentes, dirigidas por um chefe, eleito pelos indivíduos mais velhos da tribo.

B) a ritualização da guerra entre as tribos e o caráter semissedentário de sua organização social.

C) a conquista de terras mediante operações militares, o que permitiu seu domínio sobre vasto território.

D) o caráter pastoril de sua economia, que prescindia da agricultura para investir na criação de animais.

E) o desprezo pelos rituais antropofágicos praticados em outras sociedades indígenas.

Comentários

As tribos Tupis-guaranis, que ocuparam grande parte do território brasileiro, conforme é descrito no texto, possuíam as características básicas dos nativos do Brasil, vivendo principalmente da

agricultura rudimentar – que tinha como complemento a caça e pesca – praticada de forma nômade ou seminômade. A guerra teve certa importância para as tribos, porém, diferentemente de outros povos, não era a atividade que garantia poder ou controle sobre outros povos. A prática da antropofagia era comum e tinha caráter ritualístico, religioso, uma vez que acreditavam que a ingestão da carne de inimigos mortos lhes fortaleceria. Não há dúvidas, toda a alternativa está correta. O que há de errado nas outras alternativas?

(A) O chefe - cacique - não era eleito.

(C) Eram essencialmente guerreiros mas não dominaram diretamente vários territórios, pois a guerra indígena tinha outro caráter que não a dominação direta de territórios.

(D) A economia não era agropastoril e sua agricultura era rudimentar, de mandioca e abóbora.

(E) A antropofagia era praticada por quase todas as tribos do ramo linguístico tupi.

Gabarito: B

---

24. (FUVEST 2016)

> Eu por vezes tenho dito a V. A. aquilo que me parecia acerca dos negócios da França, e isto por ver por conjecturas e aparências grandes aquilo que podia suceder dos pontos mais aparentes, que consigo traziam muito prejuízo ao estado e aumento dos senhorios de V. A. E tudo se encerrava em vós, Senhor, trabalhardes com modos honestos de fazer que esta gente não houvesse de entrar nem possuir coisa de vossas navegações, pelo grandíssimo dano que daí se podia seguir.
>
> Serafim Leite. *Cartas dos primeiros jesuítas do Brasil*, 1954.

O trecho acima foi extraído de uma carta dirigida pelo padre jesuíta Diogo de Gouveia ao Rei de Portugal D. João III, escrita em Paris, em 17/02/1538. Seu conteúdo mostra:

A) a persistência dos ataques franceses contra a América, que Portugal vinha tentando colonizar de modo efetivo desde a adoção do sistema de capitanias hereditárias.

B) os primórdios da aliança que logo se estabeleceria entre as Coroas de Portugal e da França e que visava a combater as pretensões expansionistas da Espanha na América.

C) a preocupação dos jesuítas portugueses com a expansão de jesuítas franceses, que, no Brasil, vinham exercendo grande influência sobre as populações nativas.

D) o projeto de expansão territorial português na Europa, o qual, na época da carta, visava à dominação de territórios franceses tanto na Europa quanto na América.

E) a manifestação de um conflito entre a recém-criada ordem jesuíta e a Coroa portuguesa em torno do combate à pirataria francesa.

Comentários

Como o texto afirma no trecho “eu por vezes tenho dito a V. A. aquilo que me parecia acerca dos negócios da França, e isto por ver por conjecturas e aparências grandes aquilo que podia suceder

dos pontos mais aparentes, que consigo traziam muito prejuízo ao estado", as tentativas de invasão da França na América Portuguesa constituíam fator de preocupação para o governo português. Invadiram o Brasil por duas vezes, no rio de Janeiro (França antártica) e Maranhão (França equinocial). O rei da França não reconheceu o tratado de Tordesilhas. De cara letra A. Basicamente interpretativa. O que há de errado nas outras?

(B) Portugal e França não foram aliadas contra Espanha, e sim concorrentes pelo território do Brasil.

(C) Não havia conflitos entre os Jesuítas, que antes de tudo eram da mesma ordem religiosa. A atuação jesuítica foi mais intensa em terras portuguesas e espanholas.

(D) A França na época até o século XVI não tinha colônias na América. Tardiamente coloniza a Guiana, na américa do Sul.

(E) A Igreja e o Estado português eram unidos pelo regime de padroado. Os jesuítas vieram na colonização em auxílio.

Gabarito: A

25.

Seguiam-se vinte criados custosamente vestidos e montados em soberbos cavalos; depois destes, marchava o Embaixador do Rei do Congo magnificamente ornado de seda azul para anunciar ao Senado que a vinda do Rei estava destinada para o dia dezesseis. Em resposta obteve repetidas vivas do povo que concorreu alegre e admirado de tanta grandeza.

"Coroação do Rei do Congo em Santo Amaro", Bahia apud DEL PRIORE, M. *Festas e utopias no Brasil colonia*l. In: CATELLI JR., R. *Um olhar sobre as festas populares brasileiras*. São Paulo: Brasiliense, 1994 (adaptado).

Originária dos tempos coloniais, a festa da Coroação do Rei do Congo evidencia um processo de:

A) exclusão social.

B) imposição religiosa.

C) acomodação política.

D) supressão simbólica.

E) ressignificação cultural.

Comentários

O Congado, ou Festa do Rei Congo, é um movimento de sincretismo religioso realizado no Brasil desde os tempos coloniais. A festa é uma mistura de cultos católicos e africanos, na qual se comemora, ao mesmo tempo, a vida de São Benedito, o encontro de Nossa Senhora do Rosário e a vida do negro Chico-Rei.

Gabarito: E

26.

A língua de que usam, por toda a costa, carece de três letras; convém a saber, não se acha nela F, nem L, nem R, coisa digna de espanto, porque assim não têm Fé, nem Lei, nem Rei, e dessa maneira vivem desordenadamente, sem terem além disto conta, nem peso, nem medida.

GÂNDAVO, P M.*A primeira historia do Brasil:* história da província de Santa Cruz a que vulgarmente chamamosBrasil. Rio de Janeiro: Zahar, 2004 (adaptado).

A observação do cronista português Pero de Magalhães de Gândavo, em 1576, sobre a ausência das letras F, L e R na língua mencionada, demonstra a:

A) simplicidade da organização social das tribos brasileiras.

B) dominação portuguesa imposta aos índios no início da colonização.

C) superioridade da sociedade europeia em relação à sociedade indígena.

D) incompreensão dos valores socioculturais indígenas pelos portugueses.

E) dificuldade experimentada pelos portugueses no aprendizado da língua nativa.

Comentários

Os portugueses enxergaram os indígenas de maneira etnocêntrica, medindo o povo indígena a partir dos seus próprios valores. Por isso, a crítica à falta de fé, lei e rei.

Gabarito: D

27.

Iniciou-se em 1903 a introdução de obras de arte com representações de bandeirantes no acervo do Museu Paulista, mediante a aquisição de uma tela que homenageava o sertanista que comandara a destruição do Quilombo de Palmares. Essa aquisição, viabilizada por verba estadual, foi simultânea à emergência de uma interpretação histórica que apontava o fenômeno do sertanismo paulista como o elo decisivo entre a trajetória territorial do Brasil e de São Paulo, concepção essa que se consolidaria entre os historiadores ligados ao Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo ao longo das três primeiras décadas do século XX.

MARINS, P. c. G. Nas matas com pose de reis: a representação de bandeirantes e a tradição da retratística monárquica europeia. *Revista do LEB*, n. 44, tev. 2007.

A prática governamental descrita no texto, com a escolha dos temas das obras, tinha como propósito a construção de uma memória que:

A) afirmava a centralidade de um estado na política do país.

B) resgatava a importância da resistência escrava na história brasileira.

C) evidenciava a importância da produção artística no contexto regional.

D) valorizava a saga histórica do povo na afirmação de uma memória social.

E) destacava a presença do indígena no desbravamento do território colonial.

Comentários

Na chamada República Oligárquica, o estado de São Paulo buscava ocupar um lugar de hegemonia na política nacional, uma vez que já comandava a economia brasileira devido ao ciclo do café. Assim, o uso da figura do bandeirante nas obras de arte foi uma forma de legitimar essa hegemonia.

Gabarito: A

28.

TEXTO I

O príncipe D. João VI podia ter decidido ficar em Portugal. Nesse caso, o Brasil com certeza não existiria. A Colônia se fragmentaria, como se fragmentou a parte espanhola da América. Teríamos, em vez do Brasil de hoje, cinco ou seis países distintos. (José Murilo de Carvalho)

TEXTO II

Há no Brasil uma insistência em reforçar o lugar-comum segundo o qual foi D. João VI o responsável pela unidade do país. Isso não é verdade. A unidade do Brasil foi construída ao longo do tempo e é, antes de tudo, uma fabricação da Coroa. A ideia de que era preciso fortalecer um Império com os territórios de Portugal e Brasil começou já no século XVIII. (Evaldo Cabral de Mello)

1808 – O primeiro ano do resto de nossas vidas. *Folha de S. Paulo*, 25 nov. 2007 (adaptado).

Em 2008, foi comemorado o bicentenário da chegada da família real portuguesa ao Brasil. Nos textos, dois importantes historiadores brasileiros se posicionam diante de um dos possíveis legados desse episódio para a história do país. O legado discutido e um argumento que sustenta a diferença do primeiro ponto de vista para o segundo estão associados, respectivamente, em:

A) Integridade territorial – Centralização da administração régia na Corte.

B) Desigualdade social – Concentração da propriedade fundiária no campo.

C) Homogeneidade intelectual – Difusão das ideias liberais nas universidades.

D) Uniformidade cultural – Manutenção da mentalidade escravista nas fazendas.

E) Continuidade espacial – Cooptação dos movimentos separatistas nas províncias.

Comentários

Os textos versam sobre a unidade territorial brasileira, buscando entendê-la – ou não – como legado da vinda da Família Real para o Brasil. O primeiro fragmento afirma ser um legado e o segundo fragmento refuta essa ideia.

Gabarito: A

29.

Os holandeses desembarcaram em Pernambuco no ano de 1630, em nome da Companhia das Índias Ocidentais (WIC), e foram aos poucos ocupando a costa que ia da foz do Rio São Francisco ao Maranhão, no atual Nordeste brasileiro. Eles chegaram ao ponto de destruir Olinda, antiga sede da capitania de Duarte Coelho, para erguer no Recife uma pequena Amsterdã.

NASCIMENTO, R. L. X. A toque de caixas. *Revista de História da Biblioteca Nacional*, ano 6, n. 70, jul. 2011.

Do ponto de vista econômico, as razões que levaram os holandeses a invadirem o nordeste da Colônia decorriam do fato de que essa região:

A) era a mais importante área produtora de açúcar na América portuguesa.

B) possuía as mais ricas matas de pau-brasil no litoral das Américas.

C) contava com o porto mais estratégico para a navegação no Atlântico Sul.

D) representava o principal entreposto de escravos africanos para as Américas.

E) constituía um reduto de ricos comerciantes de açúcar de origem judaica.

Comentários

Durante o chamado período da União Ibérica, quando Portugal e Espanha passaram a ser governados pelo mesmo Monarca, os Países Baixos (Holanda), então uma possessão espanhola, decretaram sua Independência. O Rei espanhol, Filipe II, em retaliação, proibiu todas as possessões espanholas – incluindo o Brasil – de fazer comércio com sua antiga possessão. Os holandeses, reagindo a isso, decidiram invadir o Nordeste brasileiro para não perder os lucros advindos da venda do açúcar brasileiro na Europa, pois esse comércio já era feito por intermédio dos Países Baixos.

Gabarito: A

30.

A transferência da corte trouxe para a América portuguesa a família real e o governo da Metrópole. Trouxe também, e sobretudo, boa parte do aparato administrativo português. Personalidades diversas e funcionários régios continuaram embarcando para o Brasil atrás da corte, dos seus empregos e dos seus parentes após o ano de 1808.

NOVAIS, F. A.; ALENCASTRO, L. F. (Org.). *História da vida privada no Brasil*. São Paulo: Cia. das Letras, 1997.

Os fatos apresentados se relacionam ao processo de independência da América portuguesa por terem

A) incentivado o clamor popular por liberdade.

B) enfraquecido o pacto de dominação metropolitana.

C) motivado as revoltas escravas contra a elite colonial.

D) obtido o apoio do grupo constitucionalista português.

E) provocado os movimentos separatistas das províncias.

Comentários

A vinda da Família Real para o Brasil foi o primeiro passo do processo de Independência da Colônia, uma vez que elevou o status do Brasil, invertendo a posição de Portugal e Brasil no pacto colonial, e deu aos colonos uma autonomia de ação inédita.

Gabarito: B

31.

Áreas em estabelecimento de atividades econômicas sempre se colocaram como grande chamariz. Foi assim no litoral nordestino, no início da colonização, com o pau-brasil, a cana-de-açúcar, o fumo, as produções de alimentos e o comércio. O enriquecimento rápido exacerbou o espírito de aventura do homem moderno.

FARIAS, S. C. *A Colônia em movimento*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998 (adaptado).

O processo descrito no texto trouxe como efeito o(a):

A) acumulação de capitais na Colônia, propiciando a criação de um ambiente intelectual efervescente.

B) surgimento de grandes cidades coloniais, voltadas para o comércio e com grande concentração monetária.

C) concentração da população na região litorânea, pela facilidade de escoamento da produção.

D) favorecimento dos naturais da Colônia na concessão de títulos de nobreza e fidalguia pela Monarquia.

E) construção de relações de trabalho menos desiguais que as da Metrópole, inspiradas pelo empreendedorismo.

Comentários

O litoral colonial sempre foi mais populoso e desenvolvido que o interior, seja por uma questão de solo e clima para a prática agrícola, seja pela necessidade de escoar a produção e/ou extração colonial para a Europa pelos portos.

Gabarito: C

32.

Quando Deus confundiu as línguas na torre de Babel, ponderou Filo Hebreu que todos ficaram mudos e surdos, porque, ainda que todos falassem e todos ouvissem, nenhum entendia o outro. Na antiga Babel, houve setenta e duas línguas; na Babel do rio das Amazonas, já se conhecem mais de cento e cinquenta. E assim, quando lá chegamos, todos nós somos mudos e todos eles, surdos. Vede agora quanto estudo e quanto trabalho serão necessários para que esses mudos falem e esses surdos ouçam.

VIEIRA, A. Sermões pregados no Brasil. In: RODRIGUES. J. H. *História viva*. São Paulo: Global, 1985 (adaptado).

No decorrer da colonização portuguesa na América, as tentativas de resolução do problema apontado pelo padre Antônio Vieira resultaram na:

A) ampliação da violência nas guerras intertribais.

B) desistência da evangelização dos povos nativos.

C) indiferença dos jesuítas em relação à diversidade de línguas americanas.

D) pressão da Metrópole pelo abandono da catequese nas regiões de difícil acesso.

E) sistematização das línguas nativas numa estrutura gramatical facilitadora da catequese.

Comentários

Na relação entre colonizadores – em especial os com função catequizadora – e os indígenas brasileiros a questão linguística constituiu significativa barreira. Para ultrapassá-la e conseguir concretizar o objetivo da catequização, os padres jesuítas promoveram diversas adaptações na linguagem indígena, buscando torná-la mais fácil gramaticalmente.

Gabarito: E

33.

O índio era o único elemento então disponível para ajudar o colonizador como agricultor, pescador, guia, conhecedor da natureza tropical e, para tudo isso, deveria ser tratado como gente, ter reconhecidas sua inocência e alma na medida do possível. A discussão religiosa e jurídica em torno dos limites da liberdade dos índios se confundiu com uma disputa entre jesuítas e colonos. Os padres se apresentavam como defensores da liberdade, enfrentando a cobiça desenfreada dos colonos.

CALDEIRA, J. A nação mercantilista. São Paulo: Editora 34, 1999 (adaptado).

Entre os séculos XVI e XVIII, os jesuítas buscaram a conversão dos indígenas ao catolicismo. Essa aproximação dos jesuítas em relação ao mundo indígena foi mediada pela:

A) demarcação do território indígena.

B) manutenção da organização familiar.

C) valorização dos líderes religiosos indígenas.

D) preservação do costume das moradias coletivas.

E) comunicação pela língua geral baseada no tupi.

Comentários

Os padres jesuítas tiveram maior contato com os indígenas do litoral brasileiro, que pertenciam ao troco linguístico *tupi-guarani*. Nesse sentido, o domínio – por parte dos jesuítas – da língua tupi foi fundamental para a convivência e o contato.

Gabarito: E

34.

De ponta a ponta, é tudo praia-palma, muito chã e muito formosa. Pelo sertão nos pareceu, vista do mar, muito grande, porque, a estender olhos, não podíamos ver senão terra com arvoredos, que nos parecia muito longa. Nela, até agora, não pudemos saber que haja ouro, nem prata, nem coisa alguma de metal ou ferro; nem lho vimos. Porém a terra em si é de muito bons ares [...]. Porém o melhor fruto que dela se pode tirar me parece que será salvar esta gente.

Carta de Pero Vaz de Caminha. In: MARQUES, A.; BERUTTI, F.; FARIA, R. *História moderna através de textos*. São Paulo: Contexto, 2001.

A carta de Pero Vaz de Caminha permite entender o projeto colonizador para a nova terra. Nesse trecho, o relato enfatiza o seguinte objetivo:

A) Valorizar a catequese a ser realizada sobre os povos nativos.

B) Descrever a cultura local para enaltecer a prosperidade portuguesa.

C) Transmitir o conhecimento dos indígenas sobre o potencial econômico existente.

D) Realçar a pobreza dos habitantes nativos para demarcar a superioridade europeia.

E) Criticar o modo de vida dos povos autóctones para evidenciar a ausência de trabalho.

Comentários

Ao afirmar que "o melhor fruto que dela se pode tirar me parece que será salvar essa gente", Caminha demonstra que o português buscaria, através da catequese, "civilizar" o indígena, considerado selvagem por não ter "fé, lei nem Rei".

Gabarito: A

35.

Devem ser bons serviçais e habilidosos, pois noto que repetem logo o que a gente diz e creio que depressa se fariam cristãos; me pareceu que não tinham nenhuma religião. Eu, comprazendo a Nosso Senhor, levarei daqui, por ocasião de minha partida, seis deles para Vossas Majestades, para que aprendam a falar.

COLOMBO, C. *Diários da descoberta da América*: as quatro viagens e o testamento. Porto Alegre: L&PM, 1984.

O documento destaca um aspecto cultural relevante em torno da conquista da América, que se encontra expresso em:

A) Deslumbramento do homem branco diante do comportamento exótico das tribos autóctones.

B) Violência militarizada do europeu diante da necessidade de imposição de regras aos ameríndios.

C) Cruzada civilizacional frente à tarefa de educar os povos nativos pelos parâmetros ocidentais.

D) Comportamento caridoso dos governos europeus diante da receptividade das comunidades indígenas.

E) Compromisso dos agentes religiosos diante da necessidade de respeitar a diversidade social dos índios.

Comentários

O texto ressalta a importância educacional que os padres davam no contato com os indígenas. Podemos destacar as frases "*repetem logo o que a gente diz*" e "*para que aprendam a falar*".

Gabarito: C

36.

É preciso ressaltar que, de todas as capitanias brasileiras, Minas era a mais urbanizada. Não havia ali hegemonia de um ou dois grandes centros. A região era repleta de vilas e arraiais, grandes e pequenos, em cujas ruas muita gente circulava.

PAIVA, E. F. *O ouro e as transformações na sociedade colonial*. São Paulo: Atual, 1998.

As regiões da América portuguesa tiveram distintas lógicas de ocupação. Uma explicação para a especificidade da região descrita no texto está identificada na:

A) apropriação cultural diante das influências externas.

B) produção manufatureira diante do exclusivo comercial.

C) insubordinação religiosa diante da hierarquia eclesiástica.

D) fiscalização estatal diante das particularidades econômicas.

E) autonomia administrativa diante das instituições metropolitanas.

Comentários

A capitania de Minas Gerais era a *menina dos olhos* de Portugal devido à exploração aurífera que abastecia os cofres portugueses. Por isso, a fiscalização sobre esta capitania era extremamente rígida, visando o não prejuízo português. Essa fiscalização e a estrutura para a exploração do ouro fizeram com que a urbanização de Minas Gerais fosse diferente da de outras capitanias.

Gabarito: D

37.

A vinda da família real deslocou definitivamente o eixo da vida administrativa da Colônia para o Rio de Janeiro, mudando também a fisionomia da cidade. A presença da Corte implicava uma alteração do acanhado cenário urbano da Colônia, mas a marca do absolutismo acompanharia a alteração.

FAUSTO, B. *História do Brasil*. São Paulo: Edusp, 1995 (fragmento).

As transformações ocorridas na cidade do Rio de Janeiro em decorrência da presença da Corte estavam limitadas à superfície das estruturas sociais porque

A) a pujança do desenvolvimento comercial e industrial retirava da agricultura de exportação a posição de atividade econômica central na Colônia.

B) a expansão das atividades econômicas e o desenvolvimento de novos hábitos conviviam com a exploração do trabalho escravo.

C) a emergência das práticas liberais, com a abertura dos portos, impedia uma renovação política em prol da formação de uma sociedade menos desigual.

D) a integração das elites políticas regionais, sob a liderança do Rio de Janeiro, ensejava a formação de um projeto político separatista de cunho republicano.

E) a dinamização da economia urbana retardava o letramento de mulatos e imigrantes, importante para as necessidades do trabalho na cidade.

Comentários

De fato, a despeito de todas as mudanças promovidas por d. João VI no Brasil, a herança escravocrata não sofreu alterações durante a presença do monarca português aqui. Então, enquanto crescíamos economicamente, em termos sociais não ocorreram alterações significativas.

Gabarito: B

38.

Torna-se claro que quem descobriu a África no Brasil, muito antes dos europeus, foram os próprios africanos trazidos como escravos. E esta descoberta não se restringia apenas ao reino linguístico, estendia-se também a outras áreas culturais, inclusive à da religião. Há razões para pensar que os africanos, quando misturados e transportados ao Brasil, não demoraram em perceber a existência entre si de elos culturais mais profundos.

SLENES, R. Malungu, ngoma vem! África coberta e descoberta do Brasil. *Revista USP*, n.º 12, dez./jan./fev. 1991-92 (adaptado).

Com base no texto, ao favorecer o contato de indivíduos de diferentes partes da África, a experiência da escravidão no Brasil tornou possível a:

A) formação de uma identidade cultural afro-brasileira.

B) superação de aspectos culturais africanos por antigas tradições europeias.

C) reprodução de conflitos entre grupos étnicos africanos.

D) manutenção das características culturais específicas de cada etnia.

E) resistência à incorporação de elementos culturais indígenas.

Comentários

O texto nos remete a uma situação muitas vezes ignorada, que os africanos provinham de nações diferentes, que possuíam hábitos e língua diferentes. O senso comum do brasileiro parte de uma ideia geral de africano, baseada principalmente na cor da pele. Destaca também que as condições

de cativeiro, que para todos os escravos eram iguais, acabou por criar um elo entre os escravos, visto que na mesma senzala estavam pessoas de regiões diferentes que, aos olhos de proprietários e capatazes, eram todos iguais, seres inferiores, objetos de trabalho.

Gabarito: A

39.

Em um engenho sois imitadores de Cristo crucificado porque padeceis em um modo muito semelhante o que o mesmo Senhor padeceu na sua cruz e em toda a sua paixão. A sua cruz foi composta de dois madeiros, e a vossa em um engenho é de três. Também ali não faltaram as canas, porque duas vezes entraram na Paixão: uma vez servindo para o cetro de escárnio, e outra vez para a esponja em que lhe deram o fel. A Paixão de Cristo parte foi de noite sem dormir, parte foi de dia sem descansar, e tais são as vossas noites e os vossos dias. Cristo despido, e vós despidos; Cristo sem comer, e vós famintos; Cristo em tudo maltratado, e vós maltratados em tudo. Os ferros, as prisões, os açoites, as chagas, os nomes afrontosos, de tudo isto se compõe a vossa imitação, que, se for acompanhada de paciência, também terá merecimento de martírio.

VIEIRA, A. *Sermões*. Tomo XI. Porto: Lello & Irmão, 1951 (adaptado).

O trecho do sermão do Padre Antônio Vieira estabelece uma relação entre a Paixão de Cristo e

A) a atividade dos comerciantes de açúcar nos portos brasileiros.

B) a função dos mestres de açúcar durante a safra de cana.

C) o sofrimento dos jesuítas na conversão dos ameríndios.

D) o papel dos senhores na administração dos engenhos.

E) o trabalho dos escravos na produção de açúcar.

Comentários

Apesar de considerado como de difícil leitura, as alternativas facilitam a obtenção da resposta. O texto retrata todo o processo de sofrimento de Cristo e, na colônia, somente pode ser relacionado com a vida e trabalho do escravo. Enquanto, para muitos, na época o africano escravizado era apenas um objeto de trabalho ou um se sem alma que, portanto, poderia ser escravizado, o Padre Antonio Vieira faz um tratamento diferenciado, de cunho religioso, apesar de justificar a escravidão.

Gabarito: E

40.

Dos senhores dependem os lavradores que têm partidos arrendados em terras do mesmo engenho; e quanto os senhores são mais possantes e bem aparelhados de todo o necessário,

afáveis e verdadeiros, tanto mais são procurados, ainda dos que não têm a cana cativa, ou por antiga obrigação, ou por preço que para isso receberam.

ANTONIL, J. A. *Cultura e opulência no Brasil [1711]*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1987 (adaptado).

Segundo o texto, a produção açucareira no Brasil colonial era:

A) baseada no arrendamento de terras para a obtenção da cana a ser moída nos engenhos centrais.

B) caracterizada pelo funcionamento da economia de livre mercado em relação à compra e venda de cana.

C) dependente de insumos importados da Europa nas frotas que chegavam aos portos em busca do açúcar.

D) marcada pela interdependência econômica entre os senhores de engenho e os lavradores de cana.

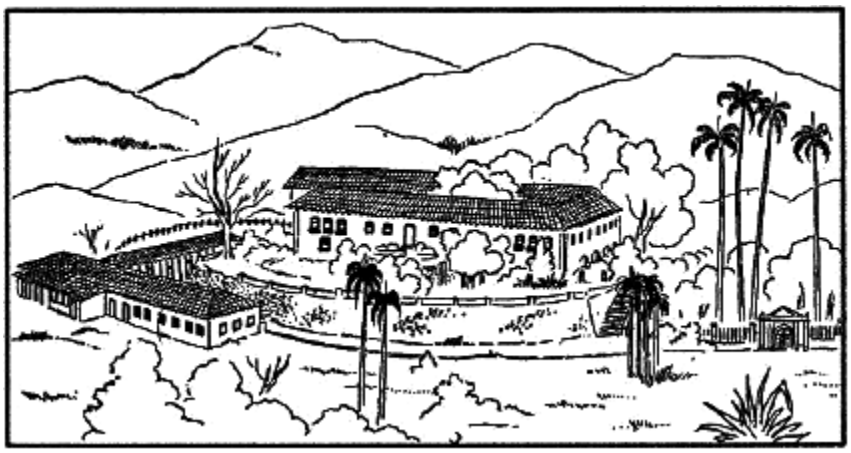
E) sustentada no trabalho escravo desempenhado pelos lavradores de cana em terras arrendadas.

Comentários

A produção açucareira no Brasil dependia, fundamentalmente, dos trabalhadores braçais que exerciam todas as etapas da produção do açúcar, desde a plantação da cana até o branqueamento do produto final. O senhor de engenho, apesar de dono das terras e das máquinas, não tinha lucro se não tivesse trabalhadores.

Gabarito: D

41.



FREYRE, G. *Casa-Grande & Senzala*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1958.

O desenho retrata a fazenda de São Joaquim da Grama com a casa-grande, a senzala e outros edifícios representativos de uma estrutura arquitetônica característica do período escravocrata no Brasil. Esta organização do espaço representa uma:

A) estratégia econômica e espacial para manter os escravos próximos do plantio.

B) tática preventiva para evitar roubos e agressões por escravos fugidos.

C) forma de organização social que fomentou o patriarcalismo e a miscigenação.

D) maneira de evitar o contato direto entre os escravos e seus senhores.

E) particularidade das fazendas de café das regiões Sul e Sudeste do país.

Comentários

A imagem deixa claro que a "casa-grande" encontra-se no "centro" da fazenda, assim como o "senhor de engenho" era o "centro" daquela sociedade, destacando, assim, o caráter patriarcalista da mesma. Também do "centro" da fazenda, o senhor podia observar e comandar todos os outros segmentos do seu engenho, mantendo tudo sob o seu comando direto.

Gabarito: C

42.

A experiência que tenho de lidar com aldeias de diversas nações me tem feito ver, que nunca índio fez grande confiança de branco e, se isto sucede com os que estão já civilizados, como não sucederá o mesmo com esses que estão ainda brutos.

NORONHA, M. Carta a J. Caldeira Brant. 2 jan. 1751. Apud CHAIM, M. M. *Aldeamentos indígenas*(Goiás: 1749-1811). São Paulo: Nobel, Brasília: INL, 1983 (adaptado).

Em 1749, ao separar-se de São Paulo, a capitania de Goiás foi governada por D. Marcos de Noronha, que atendeu às diretrizes da política indigenista pombalina que incentivava a criação de aldeamentos em função:

A) das constantes rebeliões indígenas contra os brancos colonizadores, que ameaçavam a produção de ouro nas regiões mineradoras.

B) da propagação de doenças originadas do contato com os colonizadores, que dizimaram boa parte da população indígena.

C) do empenho das ordens religiosas em proteger o indígena da exploração, o que garantiu a sua supremacia na administração colonial.

D) da política racista da Coroa Portuguesa, contrária à miscigenação, que organizava a sociedade em uma hierarquia dominada pelos brancos.

E) da necessidade de controle dos brancos sobre a população indígena, objetivando sua adaptação às exigências do trabalho regular.

Comentários

Apesar de considerado como um "déspota esclarecido", uma pessoa ilustrada, influenciada pelas ideias iluministas, Pombal era líder de um governo metropolitano que entendia o Brasil como área a ser mais bem explorada e criou mecanismo para ampliar a exploração. Vale lembrar que antes de adotar tal política para os índios, Pombal promoveu a expulsão dos jesuítas, por diversas razões;

uma delas, o fato de representarem um obstáculo ao controle do Estado sobre as comunidades indígenas.

Gabarito: E

43.

Próximo da Igreja dedicada a São Gonçalo nos deparamos com uma impressionante multidão que dançava ao som de suas violas. Tão logo viram o Vice-Rei, cercaram-no e o obrigaram a dançar e pular, exercício violento e pouco apropriado tanto para sua idade quanto posição. Tivemos nós mesmos que entrar na dança, por bem ou por mal, e não deixou de ser interessante ver numa igreja padres, mulheres, frades, cavalheiros e escravos a dançar e pular misturados, e a gritar a plenos pulmões "Viva São Gonçalo do Amarante".

BARBINAIS, Le Gentil. Noveau Voyage autour du monde. Apud: TINHORÃO, J. R. *As festas no Brasil Colonial*. São Paulo: Ed. 34, 2000 (adaptado).

O viajante francês, ao descrever suas impressões sobre uma festa ocorrida em Salvador, em 1717, demonstra dificuldade em entendê-la, porque, como outras manifestações religiosas do período colonial, ela

A) seguia os preceitos advindos da hierarquia católica romana.

B) demarcava a submissão do povo à autoridade constituída.

C) definia o pertencimento dos padres às camadas populares.

D) afirmava um sentido comunitário de partilha da devoção.

E) harmonizava as relações sociais entre escravos e senhores.

Comentários

Questão de interpretação de texto, que envolve a religiosidade no Brasil colonial, já marcada pelo sincretismo quando se percebe a presença de escravos em uma manifestação católica, essa já caracterizada pela dança, influência africana.

Gabarito: D

44.

Em teoria, as pessoas livres da Colônia foram enquadradas em uma hierarquia característica do Antigo Regime. A transferência desse modelo, de sociedade de privilégios, vigente em Portugal, teve pouco efeito prático no Brasil. Os títulos de nobreza eram ambicionados. Os fidalgos eram raros e muita gente comum tinha pretensões à nobreza.

FAUSTO, B. *História do Brasil*. (São Paulo: Edusp; Fundação do Desenvolvimento da Educação).

Ao reelaborarem a lógica social vigente na metrópole, os sujeitos do mundo colonial construíram uma distinção que ordenava a vida cotidiana a partir da

A) concessão de títulos nobiliárquicos por parte da Igreja Católica.

B) afirmação de diferenças fundadas na posse de terras e de escravos.

C) imagem do Rei e de sua Corte como modelo a ser seguido.

D) miscigenação associada a profissões de elevada qualificação.

E) definição do trabalho como princípio ético da vida em sociedade.

Comentários

No Brasil colonial, o "ser senhor de engenho" era título que muitos queriam, porque o "status" social daquela época estava relacionado com o "ter terras" e "possuir escravos". Sendo assim, a distinção social também era baseada nesses termos.

Gabarito: B

45.

O açúcar e suas técnicas de produção foram levados à Europa pelos árabes no século VIII, durante a Idade Média, mas foi principalmente a partir das Cruzadas (séculos XI e XIII) que a sua procura foi aumentando. Nessa época passou a ser importado do Oriente Médio e produzido em pequena escala no sul da Itália, mas continuou a ser um produto de luxo, extremamente caro, chegando a figurar nos dotes de princesas casadoiras.

CAMPOS, R. *Grandeza do Brasil no tempo de Antonil* (1681-1716). São Paulo: Atual, 1996.

Considerando o conceito do Antigo Sistema Colonial, o açúcar foi o produto escolhido por Portugal para dar início à colonização brasileira, em virtude de:

A) o lucro obtido com o seu comércio ser muito vantajoso.

B) os árabes serem aliados históricos dos portugueses.

C) a mão de obra necessária para o cultivo ser insuficiente.

D) as feitorias africanas facilitarem a comercialização desse produto.

E) os nativos da América dominarem uma técnica de cultivo semelhante.

Comentários

O sistema colonial desenvolvido durante a Idade Moderna enquadra-se no processo de expansão do comércio, responsável por fortalecer o Estado absolutista e possibilitou o enriquecimento da camada burguesa. Todo o processo de exploração colonial tinha como objetivo gerar riqueza, acumulada segundo a visão mercantilista de economia.

Gabarito: A

46.

Disponível em: www.itaucultural.org.br. Acesso em: 26 jul. 2010.

Sem formação acadêmica específica em artes visuais, Heitor dos Prazeres, que também é compositor e instrumentista, é reconhecido artista popular do Rio de Janeiro. Suas pinturas de perspectivas imprecisas e com traços bem demarcados são figurativas e sugerem movimento. Essa obra retrata

A) a confraternização de uma população socialmente marginalizada.

B) o inconformismo da população de baixa renda da capital.

C) o cotidiano da burguesia contemporânea da capital.

D) a instabilidade de uma realidade rural do Brasil

E) a solidariedade da população nordestina.

Comentários

A questão pode ser respondida sem nenhum conhecimento sobre Heitor dos Prazeres ou sua obra. Basta que o estudante consiga interpretar o quadro, identificando nele uma "população socialmente marginalizada" – os negros – em meio a uma "confraternização" – mostrada a partir de danças e instrumentos.

Gabarito: A

47.

Os tropeiros foram figuras decisivas na formação de vilarejos e cidades do Brasil colonial. A palavra tropeiro vem de "tropa" que, no passado, se referia ao conjunto de homens que transportava gado e mercadoria. Por volta do século XVIII, muita coisa era levada de um lugar a outro no lombo de mulas. O tropeirismo acabou associado à atividade mineradora, cujo auge foi a exploração de ouro em Minas Gerais e, mais tarde, em Goiás. A extração de pedras preciosas também atraiu grandes contingentes populacionais para as novas áreas e, por isso, era cada vez mais necessário dispor de alimentos e produtos básicos. A alimentação dos

tropeiros era constituída por toucinho, feijão preto, farinha, pimenta-do-reino, café, fubá e coité (um molho de vinagre com fruto cáustico espremido).

Nos pousos, os tropeiros comiam feijão quase sem molho com pedaços de carne de sol e toucinho, que era servido com farofa e couve picada. O feijão tropeiro é um dos pratos típicos da cozinha mineira e recebe esse nome porque era preparado pelos cozinheiros das tropas que conduziam o gado.

Disponível em http://www.tribunadoplanalto.com.br. Acesso em: 27 nov. 2008.

A criação do feijão tropeiro na culinária brasileira está relacionada à:

A) atividade comercial exercida pelos homens que trabalhavam nas minas.

B) atividade culinária exercida pelos moradores cozinheiros que viviam nas regiões das minas.

C) atividade mercantil exercida pelos homens que transportavam gado e mercadoria.

D) atividade agropecuária exercida pelos tropeiros que necessitavam dispor de alimentos.

E) atividade mineradora exercida pelos tropeiros no auge da exploração do ouro.

Comentários

Interpretação de texto. Nos Séculos XVII e XVIII, os tropeiros eram partes da vida da zona rural e cidades pequenas dentro do sul do Brasil. Vestidos como gaúchos com chapéus, ponchos, e botas, os tropeiros dirigiram rebanhos de gado e levaram bens por esta região para São Paulo, comercializados na feira de Sorocaba. De São Paulo, os animais e mercadorias foram para os estados de Minas Gerais, Goiás e Mato Grosso.

Gabarito: C

48.

Hoje em dia, nas grandes cidades, enterrar os mortos é uma prática quase íntima, que diz respeito apenas à família. A menos, é claro, que se trate de uma personalidade conhecida. Entretanto, isso nem sempre foi assim. Para um historiador, os sepultamentos são uma fonte de informações importantes para que se compreenda, por exemplo, a vida política das sociedades.

No que se refere às práticas sociais ligadas aos sepultamentos,

A) na Grécia Antiga, as cerimônias fúnebres eram desvalorizadas, porque o mais importante era a democracia experimentada pelos vivos.

B) na Idade Média, a Igreja tinha pouca influência sobre os rituais fúnebres, preocupando-se mais com a salvação da alma.

C) no Brasil colônia, o sepultamento dos mortos nas igrejas era regido pela observância da hierarquia social.

D) na época da Reforma, o catolicismo condenou os excessos de gastos que a burguesia fazia para sepultar seus mortos.

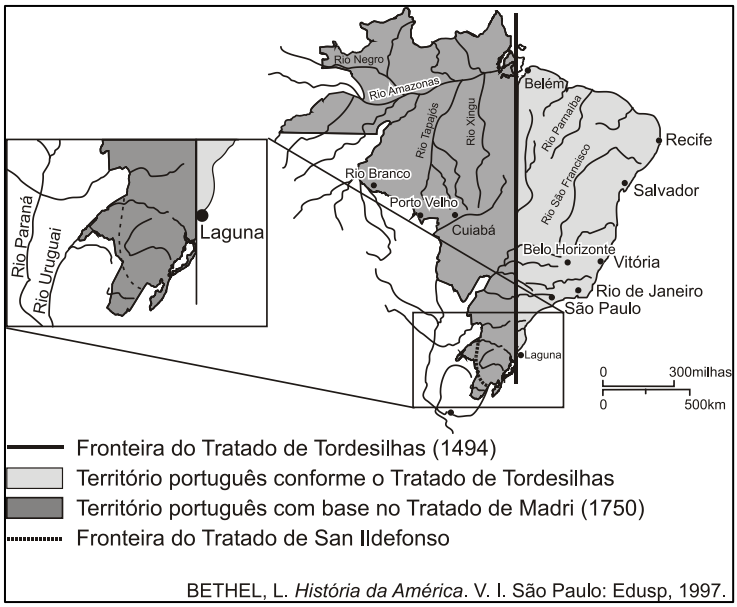
E) no período posterior à Revolução Francesa, devido as grandes perturbações sociais, abandona-se a prática do luto.

Comentários

Na Europa, os sepultamentos dentro das igrejas eram comuns até a época da peste negra. No Brasil colonial e imperial os sepultamentos existiram até o ano 1820, quando foram proibidos, momento que construíram os primeiros cemitérios. O sepultamento era restrito aos homens livres. Negros (escravos) e os indigentes eram enterrados. A difirenciação no tratamento dispensado ao mortos, evidencia a forte hierarquização existente na sociedade colonial do Brasil.

Gabarito: C

49.



As terras brasileiras foram divididas por meio de tratados entre Portugal e Espanha. De acordo com esses tratados, identificados no mapa, conclui-se que

A) Portugal, pelo Tratado de Tordesilhas, detinha o controle da foz do rio Amazonas.

B) o Tratado de Tordesilhas utilizava os rios como limite físico da América portuguesa.

C) o Tratado de Madri reconheceu a expansão portuguesa além da linha de Tordesilhas.

D) Portugal, pelo Tratado de San Ildefonso, perdia territórios na América em relação ao de Tordesilhas.

E) o Tratado de Madri criou a divisão administrativa da América Portuguesa em Vice-Reinos Oriental e Ocidental.

Comentários

Após a chamada Restauração do trono português em 1640, surgiram conflitos entre Portugal e Espanha quanto à definição de seus domínios na América do Sul, sobretudo a região platina, pois durante a vigência da união das coroas ibéricas (1580-1640), colonos portugueses se instalaram além da linha de Tordesilhas, uma vez que se evidenciou a nulidade do Tratado de 1494.

O Tratado de Madri de 1750 anulava o de Tordesilhas e estabelecia fronteiras posteriormente contestadas em outros tratados (El Pardo e Santo Ildefonso) e depois confirmadas no Tratado de Badajós de 1801, definindo assim os domínios portugueses além da linha de Tordesilhas.

Gabarito: C

50.

Formou-se na América tropical uma sociedade agrária na estrutura, escravocrata na técnica de exploração econômica, híbrida de índio — e mais tarde de negro — na composição. Sociedade que se desenvolveria defendida menos pela consciência de raça, do que pelo exclusivismo religioso desdobrado em sistema de profilaxia social e política. Menos pela ação oficial do que pelo braço e pela espada do particular. Mas tudo isso subordinado ao espírito político e de realismo econômico e jurídico que aqui, como em Portugal, foi desde o primeiro século elemento decisivo de formação nacional; sendo que entre nós através das grandes famílias proprietárias e autônomas; senhores de engenho com altar e capelão dentro de casa e índios de arco e flecha ou negros armados de arcabuzes às suas ordens.

FREYRE, G. *Casa-Grande e Senzala*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1984.

De acordo com a abordagem de Gilberto Freyre sobre a formação da sociedade brasileira, é correto afirmar que:

A) a colonização na América tropical era obra, sobretudo, da iniciativa particular.

B) o caráter da colonização portuguesa no Brasil era exclusivamente mercantil.

C) a constituição da população brasileira esteve isenta de mestiçagem racial e cultural.

D) a Metrópole ditava as regras e governava as terras brasileiras com punhos de ferro.

E) os engenhos constituíam um sistema econômico e político, mas sem implicações sociais.

Comentários

A questão analisa o processo de colonização da América enfatizando, de um lado, as iniciativas particulares e de outro, o subentendimento da pouca interferência do Estado no arranjo da organização econômica, social e cultural nas colônias.

Gabarito: A

LISTA DE QUESTÕES

1. (VUNESP - PM-SP - Oficial / 2017)

Observe a imagem a seguir.

SERMOENS
DO
P. ANTONIO VIEIRA,
DA COMPANHIA DE IESU,
PRIMEYRA PARTE
AO PRINCIPE, N. S.
EM LISBOA.

(*Sermões do Padre Antônio Vieira*. Primeira parte, 1679. https://goo.gl/7tqoy7. Acesso em 25.09.17)

O Padre Antônio Vieira fez parte do esforço missionário jesuíta na América, que via a catequese como fundamental em um contexto de:

A) ampliação das atividades econômicas agroexportadoras na América portuguesa, o que tornou a cristianização de povos indígenas parte fundamental na arregimentação de mão de obra escravizada para o trabalho nos engenhos coloniais.

B) intensificação do processo de interiorização da presença portuguesa na América do Sul, o que fortaleceu a aliança entre jesuítas e bandeirantes, com o objetivo de dominarem os nativos e ampliarem as possessões portuguesas no continente.

C) refluxo da Igreja Católica na Europa por conta das Reformas protestantes, o que levou alguns jesuítas a se aproximarem das línguas nativas para cristianizarem os ameríndios com o objetivo de conquistar novos fiéis para a Igreja.

D) aprofundamento das disputas e conflitos entre a Coroa Portuguesa e os jesuítas, o que resultaria, poucos anos depois, na expulsão da Companhia de Jesus da América devido aos enclaves autônomos das missões no continente.

E) disputa entre as Coroas Espanhola e Portuguesa pelas terras da América do Sul, de tal forma que os jesuítas se constituíram como aliados estratégicos dos portugueses na ampliação dos seus domínios territoriais coloniais.

2. (VUNESP - PM-SP - Oficial / 2017)

Observe a imagem a seguir

(*A primeira missa no* Brasil, óleo sobre tela de Victor Meirelles de Lima, de 1860. https://goo.gl/Fe64x1. Acesso em 25.09.17)

A obra de Victor Meirelles, realizada à época do Império de D. Pedro II, tem o seu contexto de produção associado à dedicação de vários membros da Academia Imperial de Belas Artes à representação de momentos importantes da política e da história nacional, com vistas a desenvolver um sentimento ufanista.

Essa obra busca representar o descobrimento:

A) como um encontro pacífico e ordenado de raças, com a Igreja e o Estado ao centro e os indígenas curiosos e passivos, de forma a silenciar sobre os conflitos do passado e do presente, tais como a invasão e o genocídio indígena do século XVI e a escravidão negra do século XIX.

B) de maneira apologética, de forma a conferir legitimidade à presença portuguesa na América, com o objetivo de justificar, em pleno século XIX, a guerra levada adiante pelo Brasil contra o Paraguai, evidenciando a pretensão brasileira de se constituir como potência hegemônica no Cone Sul.

C) como uma projeção pretérita da importância das elites de grandes proprietários do século XIX, ressaltando, com isso, o projeto dessas oligarquias em relação à derrubada da monarquia e ao estabelecimento de uma República que contemplasse os interesses das várias regiões do país.

D) de modo laudatório, ressaltando o papel essencial da Igreja e dos bandeirantes no processo de colonização do Brasil, o que ensejaria, no século XIX, o desejo da aristocracia rural do Nordeste de se afirmar como grupo social político e economicamente hegemônico no Império.

E) de forma crítica, ressaltando o caráter violento da conquista portuguesa e da ação da Igreja Católica, com o objetivo de denunciar as marcas de violência ainda presentes na

sociedade imperial, tais como a escravização de negros africanos e a exploração de imigrantes italianos.

3. (VUNESP - PM-SP - Oficial / 2016)

Já se disse, numa expressão feliz, que a contribuição brasileira para a civilização será de cordialidade – daremos ao mundo o "homem cordial", um traço definido do caráter brasileiro, na medida, ao menos, em que permanece ativa e fecunda a influência ancestral dos padrões de convívio humano, informados no meio rural e patriarcal.

(Sérgio Buarque de Holanda, Raízes do Brasil. Adaptado).

O "meio rural e patriarcal" a que se refere o trecho está relacionado:

A) à exploração das drogas do sertão no vale amazônico, em que os comandantes das expedições de extrativismo cumpriam o papel simultâneo de autoridades públicas e agentes comerciais.

B) à interiorização da ocupação no vale do Rio São Francisco, graças à expansão da pecuária que abastecia os engenhos da zona da mata, centrada na figura dos vaqueiros.

C) à produção de açúcar no engenho, no qual se constituíram relações sociais marcadas pela escravidão e pelo convívio familiar, organizadas em torno da autoridade do senhor.

D) ao bandeirantismo, em que os bandeirantes portugueses exerciam o poder sobre uma vasta população de negros, índios e mestiços que adentravam o continente em busca de ouro.

E) às missões jesuíticas, em que os jesuítas escravizavam povos indígenas com o objetivo de explorar a sua mão de obra para fins comerciais relacionados à monocultura exportadora.

4. (VUNESP - PM-SP - Oficial / 2014)

Certa vez, um velho Tupinambá me perguntou: "Por que vocês, mairs [franceses] e perós [portugueses], vêm de tão longe para buscar lenha? Por acaso não existem árvores na sua terra?" Respondi que sim, que tínhamos muitas, mas não daquela qualidade, e que não as queimávamos, como ele supunha, mas dela extraíamos tinta para tingir. "E precisam de tanta assim?", retrucou o velho Tupinambá. "Sim", respondi, "pois no nosso país existem negociantes que possuem mais panos, facas, tesouras, espelhos e outras mercadorias do que se possa imaginar, e um só deles compra todo o pau-brasil que possamos carregar." "Ah!", tornou a retrucar o selvagem. "Você me conta maravilhas. Mas me diga: esse homem tão rico de quem você me fala, não morre?" "Sim", disse eu, "morre como os outros". Aqueles selvagens são grandes debatedores e gostam de ir ao fim em qualquer assunto. Por isso, o velho indígena me inquiriu outra vez: "E quando morrem os ricos, para quem fica o que deixam?" "Para seus filhos, se os têm", respondi. "Na falta destes, para os irmãos e parentes próximos." "Bem vejo agora que vocês, mairs, são mesmo uns grandes tolos. Sofrem tanto

para cruzar o mar, suportando todas as privações e incômodos dos quais sempre falam quando aqui chegam, e trabalham dessa maneira apenas para amontoar riquezas para seus filhos ou para aqueles que vão sucedê-los? A terra que os alimenta não será por acaso suficiente para alimentar a eles? Nós também temos filhos a quem amamos. Mas estamos certos de que, depois da nossa morte, a terra que nos nutriu nutrirá também a eles. Por isso, descansamos sem maiores preocupações."

(BUENO, Eduardo. Pau Brasil. São Paulo: Axis Mundi, 2002).

O diálogo entre o pastor calvinista Jean de Léry (1534-1611) e o velho Tupinambá, travado em algum momento da estada de Léry no Rio de Janeiro, entre março de 1557 e janeiro de 1558, é revelador

A) da aliança entre portugueses e franceses no Atlântico sul, o que permitiu aos dois países explorarem conjuntamente as riquezas da América e, ao mesmo tempo, isolarem os espanhóis na porção mais ocidental do continente.

B) da necessidade que Portugal tinha em exigir do papado um posicionamento favorável à partilha das terras "recém- -descobertas e por descobrir" apenas entre portugueses e espanhóis, o que só aconteceu no final do século XVII.

C) do permanente conflito ocorrido entre os povos nativos da América e os colonizadores europeus, que não conseguiram estabelecer nenhuma forma de diálogo com os povos indígenas e participaram de constantes guerras de extermínio.

D) da importância econômica que o pau-brasil tinha para os europeus no início da colonização e das intensas disputas entre portugueses e franceses pelas terras da América do Sul no século XVI, há pouco descobertas pela Coroa Portuguesa.

E) da proximidade de pensamento entre os povos indígenas e os franceses, em geral mais respeitosos na relação com a natureza e com os nativos da América do que os portugueses, responsáveis por uma prática econômica predatória.

5. (VUNESP - PM-SP - Oficial / 2013)

Observe as imagens para responder à questão.

Cacau, Guaraná e Castanha-do-pará: forte ligação com a História do Brasil.

Os três produtos representados nas imagens estiveram relacionados à interiorização da colonização, principalmente entre os séculos XVII e XVIII. O processo histórico que explica essa relação é:

A) a tentativa da Coroa Portuguesa de cultivar tais produtos na região do Maranhão e Grão-Pará, para garantir a Portugal a ocupação de um território historicamente pouco habitado.

B) a instalação de missões jesuíticas no atual sul do Brasil, o que garantiu a Portugal a posse sobre algumas terras que até então estavam sob o controle da Coroa Espanhola.

C) o movimento de conquista e desbravamento do interior do Nordeste por vaqueiros e pecuaristas, que cuidavam do gado ao mesmo tempo em que procuravam tais produtos.

D) a busca incessante dos bandeirantes por algumas riquezas no interior do país, entre as quais as "especiarias tropicais", mais valorizadas no comércio internacional do que o próprio ouro.

E) a exploração das drogas do sertão ao longo do vale amazônico tanto por jesuítas, preocupados também com a catequização dos indígenas, quanto por colonos.

6. (VUNESP - PM-SP - Oficial / 2013)

Para responder à questão, leia um trecho adaptado de uma entrevista concedida pelo historiador pernambucano Evaldo Cabral de Mello ao Jornal do Commercio, de Recife, em 22 de janeiro de 2008, por ocasião do bicentenário da chegada da família real ao Brasil.

JORNAL DO COMMERCIO – O Brasil tem motivos para comemorar os 200 anos da chegada da família real?

EVALDO CABRAL DE MELLO – Só os cariocas. O Brasil ou é oito ou é oitenta. Há alguns anos, era oito: tinha grande êxito um filme que punha na tela antigos chavões sobre a presença da corte lusitana no Rio. Hoje estamos no oitenta: dom João VI passou de idiota régio a estadista ocidental.

JORNAL DO COMMERCIO – Se pudéssemos simplificar em duas palavras, a vinda da família real trouxe mais benefícios ou prejuízos para o Nordeste?

EVALDO CABRAL DE MELLO – Claro que prejuízos, e imediatos. Primeiro, a corte ficava muito mais perto, segundo, houve a espoliação das províncias promovida pela família real, em terceiro lugar, a presença de dom João era o esforço de um futuro regime centralizador, embora não se possa dizer que desde dom João o assunto já fosse de favas contadas.

Entre as reações à política estabelecida pela família real, é possível citar:

A) a Revolução Pernambucana de 1817 e a Confederação do Equador (1824), em Pernambuco, que questionavam a espoliação fiscal e a centralização do poder promovidas pelo Rio de Janeiro, capital do Império Português a partir de 1808 e, depois de 1822, capital do Império do Brasil.

B) o Levante dos Malês (1835) e a Sabinada (1837-38), ambos na Bahia, que questionavam de forma radical a ordem escravista e colocavam em xeque o poder dos grandes proprietários da região, tendo obtido, nos dois casos, apoio massivo de escravos e ex-escravos.

C) a Cabanagem (1835-1840), no Pará, e a Balaiada (1838- 1841), no Maranhão, que objetivavam estabelecer, no Brasil, uma república jacobina nos moldes da república existente na França, na tentativa de radicalizar as lutas sociais existentes no período regencial.

D) a Revolução Farroupilha (1835-1845), no Rio Grande do Sul, e a Revolução Praieira (1848), em Pernambuco, que tinham como princípio político fundamental a defesa do separatismo e da formação de repúblicas democráticas em que não haveria escravidão.

E) o Golpe da Maioridade (1840) e a Política de Conciliação (1850-1870), que buscavam romper com a herança política de D. João VI e D. Pedro I a partir de uma proposta de implementar no Brasil o federalismo, que descentralizava o poder e garantia autonomia às províncias.

7. (VUNESP - PM-SP - Oficial / 2012)

A exaltação dos bandeirantes, em São Paulo, está presente na nomenclatura de estradas, avenidas e monumentos. Monumentos que vão desde a bela obra do escultor Brecheret junto ao Parque Ibirapuera até o assustador Borba Gato, gigante de botas plantado no bairro de Santo Amaro. A estátua, aliás, é muito pouco realista, pois existem boas indicações de que muitos bandeirantes marchavam descalços.

(Bóris Fausto, História do Brasil)

A exaltação dos bandeirantes descrita costuma omitir, mascarar e esconder algumas das suas atividades. Trata-se de uma tentativa de esquecer e apagar da História algumas ações não tão nobres dos bandeirantes, tais como

A) a descoberta de metais preciosos nas Minas Gerais.

B) a contribuição para a extensão territorial do Brasil.

C) o trabalho relacionado à produção de açúcar.

D) a contribuição com os jesuítas na catequização de indígenas.

E) o combate e a repressão aos quilombos.

8. (VUNESP - PM-SP - Oficial / 2011)

O principal motivo da criação da capitania de Mato Grosso, em 1748, foi impedir que os espanhóis tomassem a região e chegassem a Goiás e Minas Gerais. Era a época em que Portugal e Espanha discutiam as cláusulas do Tratado de Madri, finalmente assinado em 1750, que fixou os contornos aproximados da atual fronteira brasileira, substituindo o Tratado de Tordesilhas (1494).

(Masilia Aparecida da Silva Gomes. Comer, beber, governar. In Revista de História da Biblioteca Nacional, set. de 2010, n.º 60.)

A expansão territorial da América portuguesa teve relação com

A) as colônias de povoamento do sul e a cafeicultura.

B) a produção de algodão e as oficinas de artesanato.

C) as missões jesuíticas e a mineração.

D) a produção de tabaco em São Paulo e os desterrados portugueses.

E) as manufaturas e as feitorias do nordeste.

9. (VUNESP - PM-SP - Oficial / 2010)

O vozerio interrompido e sempre repetido com que os negros levam de um lado para o outro cargas sobre varas, o chiado de um tosco carro de bois de duas rodas, em que as mercadorias são conduzidas pela cidade, os frequentes tiros de canhão dos castelos e dos navios de todos os países do mundo que entram e o estrondo de foguetes com que os habitantes quase que diariamente e já pela manhã festejam os dias santos, confundem-se num estardalhaço ensurdecedor.

(J. B. Spix e C. F. P. von Martius. Viagem pelo Brasil, 1817-1820).

O texto, relativo à cidade do Rio de Janeiro no final da segunda década do século XIX, faz referência:

A) ao pacto colonial e à sua estreita dependência em relação a Portugal.

B) à crise causada pelo Bloqueio Continental, decretado por Napoleão.

C) à importância do comércio na cidade, que abrigava a Corte portuguesa.

D) ao crescimento das importações, incentivadas pelos lucros da mineração.

E) à transformação da cidade em um centro produtor de manufaturas.

10. (VUNESP/PM-SP/2011 – OFICIAL ADMINISTRATIVO)

Leia as assertivas sobre o Brasil colonial.

I. A opção portuguesa pela produção açucareira esteve relacionada com o fato de os portugueses não encontrarem, no século XVI, metais e pedras preciosas no litoral.

II. A questão da escravização dos indígenas gerou uma série de conflitos entre os colonos e os jesuítas.

III. Durante todo o período colonial, as autoridades portuguesas permitiram apenas a entrada de escravos originários da região de Moçambique.

IV. O “exclusivo metropolitano” obrigava o colono do Brasil a comercializar apenas com Portugal.

V. Um efeito importante da exploração de ouro em Minas Gerais foi a formação de um mercado interno.

Estão corretas as afirmativas:

A) I e II, apenas.

B) I, III e IV, apenas.

C) I, II, IV e V, apenas.

D) III, IV e V, apenas.

E) I, II, III, IV e V.

11. (VUNESP/PM-SP/2014 – OFICIAL ADMINISTRATIVO)

A economia colonial brasileira baseou-se na:

A) grande lavoura mercantil, na monocultora e no trabalho escravo.

B) exploração de minério e na utilização de mão de obra indígena.

C) pecuária extensiva conduzida por imigrantes portugueses.

D) exploração madeireira das florestas e no trabalho escravo.

E) monocultura com utilização de trabalho livre.

12. (VUNESP/PM-SP/2007 – SOLDADO 2ª CLASSE)

Considere o mapa.

(Divalte Garcia Figueira, *História*)

Os limites do Estado Brasileiro foram definidos, em grande parte, no período da dominação portuguesa, como é possível observar no mapa. Com base no princípio de que "quem possui de fato, deve possuir de direito", Portugal e Espanha assinaram o Tratado de Madri, que garantiu a Portugal o direito sobre terras que até então estavam sob o domínio espanhol.

As ações dos portugueses, que os levaram a possuir de fato essas terras, foram, entre outras:

A) a expansão cafeeira e a formação dos quilombos na região do Nordeste da colônia.

B) a ação dos jesuítas nas guerras guaraníticas e a extração desenfreada do pau-brasil.

C) a formação das capitanias hereditárias e a exploração do tabaco e do algodão.

D) o plantio e a fabricação da cana-de-açúcar e a expansão da atividade pecuária.

E) a exploração das riquezas minerais e a captura dos índios pelos bandeirantes.

13. (VUNESP/PM-SP/2011 – SOLDADO - SERVIÇO AUXILIAR VOLUNTÁRIO)

Foram características dominantes no Nordeste açucareiro, durante o Brasil colonial, a:

A) intensa vida urbana e a policultura de exportação.

B) posse comunitária da terra e a servidão indígena.

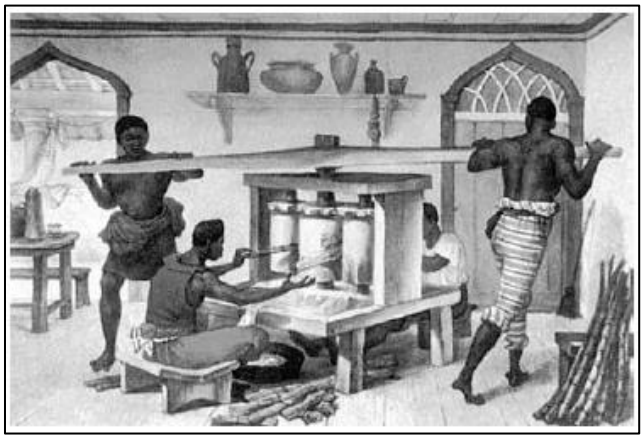
C) enorme chance de mobilidade social e o minifúndio.

D) produção para o mercado interno e o trabalho familiar.

E) grande propriedade rural e a mão de obra escrava.

14. (VUNESP/PM-SP/2012 – SOLDADO - SERVIÇO AUXILIAR VOLUNTÁRIO)

Observe a imagem.



(www.brasiliana.usp.br)

A ilustração de Jean-Baptiste Debret pode ser associada, no Brasil colonial:

A) ao fim da escravidão.

B) à produção de açúcar.

C) ao crescimento urbano.

D) à extração de ouro.

E) ao trabalho assalariado.

15. (VUNESP/PM-SP/2010 – OFICIAL ADMINISTRATIVO)

Sobre o processo de colonização do Brasil, é correto afirmar que:

A) a principal tarefa do espaço colonial era o de fornecer para a metrópole riquezas materiais, como os escravos indígenas e as pequenas manufaturas.

B) a metrópole incentivava o livre comércio da colônia com as nações europeias e os colonos tinham plena autonomia para escravizar os indígenas.

C) a colônia, produtora de matérias-primas, de gêneros tropicais e consumidora de manufaturados metropolitanos, estava submetida ao monopólio comercial da metrópole.

D) o pacto colonial instituiu relações econômicas igualitárias entre a colônia e a metrópole, o que garantiu um forte desenvolvimento manufatureiro na colônia.

E) o exclusivo metropolitano assegurava para o espaço colonial liberdade política e religiosa, além de incentivar a utilização de mão de obra livre na colônia.

Leia o texto abaixo.

Com a capitulação dos holandeses em 1654, os negros palmarinos continuaram a desafiar o poder colonial. Nos anos de 1670, duas expedições contra Palmares não cantaram vitória: a de 1675, chefiada pelo capitão Manoel Lopes Galvão, e a de 1677, comandada pelo capitão Fernão Carrilho, que pensou ter derrotado os negros, quando na verdade apenas pôs as mãos em alguns palmarinos, entre eles os parentes do chefe Ganga-Zumba.

Palmares entre sangue e fogo desde 1602, Flavio José Gomes Cabral. Disponível em: http://www.revistadehistoria.com.br/secao/artigos/flavio-jose-gomes-cabral). Acesso em 11/04/2016.

16. (SEDUC-CE / 2016)

Analise as proposições abaixo.

I. Nos quilombos (geralmente localizados em lugares de difícil acesso), os escravos viviam em liberdade, produziam seus alimentos, fabricavam roupas, móveis e instrumentos de trabalho, cultivavam também as crenças, as tradições e os costumes africanos. O adultério, o roubo e o homicídio eram punidos com a pena de morte.

II. Os quilombos estavam espalhados em todo o território colonial, porém, a falta de registros impede que estudiosos descubram mais detalhes sobre eles. Mesmo assim, ainda encontramos comunidades remanescentes de antigos quilombos no interior do Brasil.

III. O mais famoso de todos os quilombos chamava-se Palmares e ficava em Alagoas. Esse quilombo possuía aproximadamente 20 ou 30 mil habitantes. Dentre os seus líderes destacava-se Zumbi.

IV. Durante o século XVII, vários governos (portugueses e holandeses) quiseram destruir o quilombo dos Palmares. Foram várias tentativas, em 80 anos de conflito, mas Palmares resistia bravamente e chegou a derrotar cerca de 30 expedições enviadas.

São verdadeiras as proposições:

A) I e II.

B) II e III.

C) I, II e III.

D) II, III e IV.

E) I, II, III e IV.

17. (FATEC 2015)

De acordo com o historiador Stuart B. Schwarcz, durante o período da colonização, havia um ditado popular que dizia: "Sem açúcar, não há Brasil; sem a escravidão, não há açúcar; sem Angola, não há escravos".

(http://tinyurl.com/njyvll6 Acesso em: 30.06.2014.)

Esse ditado traz elementos que permitem concluir que a organização colonial

A) dependia da produção de açúcar para exportação, produzido com trabalho de escravos.

B) era baseada na policultura de subsistência, para alimentar a grande população escrava.

C) utilizava-se do trabalho escravo, para garantir a produção de gêneros industrializados.

D) desenvolvia a economia do Brasil e de Angola, pois ambos dividiam os lucros do açúcar.

E) era baseada no trabalho assalariado, porém utilizava escravos nas atividades domésticas.

18. (FATEC 2012)

"Os escravos são as mãos e os pés do senhor de engenho, porque sem eles no Brasil não é possível fazer, conservar e aumentar fazenda."

(ANTONIL, André João. *Cultura e opulência do Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1982, p. 89.)

No trecho citado, parte de uma obra publicada em 1711, o jesuíta Antonil:

A) torna evidente que o trabalho escravo constituiu a base da exploração econômica em setores essenciais da economia colonial.

B) fornece argumentos para o combate movido pela Igreja contra a escravização de indígenas e africanos nos domínios coloniais portugueses.

C) explica por que a escravidão foi importante no empreendimento açucareiro, mas teve papel secundário e marginal na exploração mineradora.

D) justifica a brandura da escravidão no Brasil e sugere uma explicação para a "democracia racial" predominante na sociedade colonial brasileira.

E) condena as tentativas de introduzir trabalhadores livres, trazidos da Europa, para substituir a mão de obra escrava nas lavouras de café.

19. (UEPB 2014)

Considerando a realidade da América Portuguesa nas três primeiras décadas do século XVI, é correto afirmar:

A) A expedição exploradora de Gaspar de Lemos, em 1501, implantou o sistema de Capitanias Hereditárias para garantir o desenvolvimento da cana de açúcar.

B) A Coroa Portuguesa proibiu o estanco do pau-brasil, já que a madeira era contrabandeada por franceses e ingleses.

C) As expedições de Cristovão Jackes, em 1516 e 1526 não tinham caráter militar, nem combateram estrangeiros. Tinham a função específica de reconhecer o território e implantar as feitorias.

D) A atividade desenvolvida com autorização da Coroa Portuguesa foi a extração de pau-brasil, uma atividade nômade e predatória, que não tinha a finalidade de promover o povoamento.

E) A mão de obra indígena foi pouco explorada e bastante valorizada pelos portugueses, que presenteavam os nativos com objetos de grande valor no mercado europeu.

20. (UFMG 2010)

Leia este trecho do documento:

Eu el-rei faço saber a vós [...] fidalgo de minha casa que vendo eu quanto serviço de Deus e meu é conservar e enobrecer as capitanias e povoações das terras do Brasil e dar ordem e maneira com que melhor e seguramente se possam ir povoando para exaltamento da nossa santa fé e proveito de meus reinos e senhorios e dos naturais deles ordenei ora de mandar nas ditas terras fazer uma fortaleza e povoação grande e forte em um lugar conveniente para daí se dar favor e ajuda às outras povoações e se ministrar justiça e prover nas coisas que cumprirem a meus serviços e aos negócios de minha fazenda e a bem das partes [...]

É CORRETO afirmar que, nesse trecho de documento, se faz referência:

A) à criação do Governo Geral, com sede na Bahia.

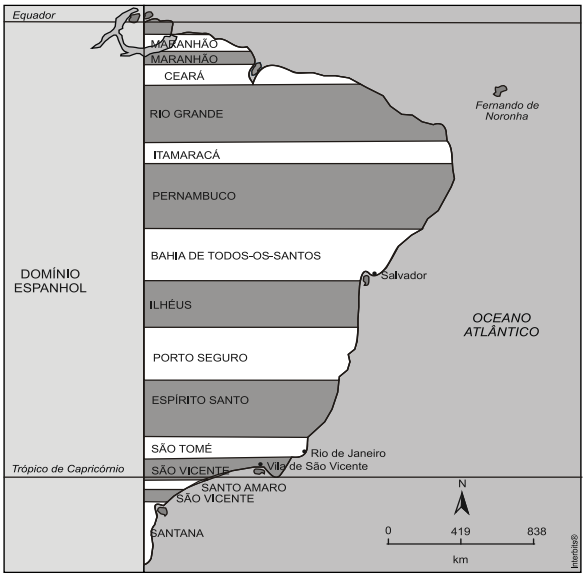
B) à implantação do Vice-Reinado no Rio de Janeiro.

C) à implementação da Capitania-sede em São Vicente.

D) ao estabelecimento de Capitanias Hereditárias, no nordeste.

21. (UFTM 2012)

Observe o mapa.



(Flávio de Campos e Miriam Dolhnihoff. *Atlas: História do Brasil*, 2002.)

O mapa faz alusão:

A) ao Tratado de Madri, que dividiu as terras americanas entre Portugal e Espanha, colocando fim a décadas de disputas.

B) à estratégia imaginada pelos portugueses para enfrentar o avanço dos franceses sobre suas terras na América.

C) ao Tratado de Tordesilhas e ao sistema de capitanias, doação hereditária feita pela coroa a colonos portugueses.

D) à ação de Martim Afonso de Souza, encarregado de iniciar a colonização efetiva das terras brasileiras.

E) ao sistema de sesmarias, utilizado pelos portugueses para garantir a posse da terra contra ameaças estrangeiras.

22. (VUNESP 2014)

Em 1534, a Coroa portuguesa estabeleceu o regime de capitanias hereditárias no Brasil Colônia. Entre as funções dos donatários, podemos citar:

A) a nomeação de funcionários e a representação diplomática.

B) a erradicação de epidemias e o estímulo ao crescimento demográfico.

C) a interação com os povos nativos e a repressão ao trabalho escravo.

D) a organização de entradas e bandeiras e o extermínio dos indígenas.

E) a fundação de vilas e cidades e a cobrança de impostos.

23.

Os vestígios dos povos Tupi-guarani encontram-se desde as Missões e o rio da Prata, ao sul, até o Nordeste, com algumas ocorrências ainda mal conhecidas no sul da Amazônia. A leste, ocupavam toda a faixa litorânea, desde o Rio Grande do Sul até o Maranhão. A oeste, aparecem (no rio da Prata) no Paraguai e nas terras baixas da Bolívia. Evitam as terras inundáveis do Pantanal e marcam sua presença discretamente nos cerrados do Brasil central. De fato, ocuparam, de preferência, as regiões de floresta tropical e subtropical.

PROUS. A. *O Brasil antes dos brasileiros*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. Editor, 2005.

Os povos indígenas citados possuíam tradições culturais específicas que os distinguiam de outras sociedades indígenas e dos colonizadores europeus. Entre as tradições tupi-guarani, destacava-se:

A) a organização em aldeias politicamente independentes, dirigidas por um chefe, eleito pelos indivíduos mais velhos da tribo.

B) a ritualização da guerra entre as tribos e o caráter semissedentário de sua organização social.

C) a conquista de terras mediante operações militares, o que permitiu seu domínio sobre vasto território.

D) o caráter pastoril de sua economia, que prescindia da agricultura para investir na criação de animais.

E) o desprezo pelos rituais antropofágicos praticados em outras sociedades indígenas.

24. (FUVEST 2016)

Eu por vezes tenho dito a V. A. aquilo que me parecia acerca dos negócios da França, e isto por ver por conjecturas e aparências grandes aquilo que podia suceder dos pontos mais aparentes, que consigo traziam muito prejuízo ao estado e aumento dos senhorios de V. A. E tudo se encerrava em vós, Senhor, trabalhardes com modos honestos de fazer que esta gente não houvesse de entrar nem possuir coisa de vossas navegações, pelo grandíssimo dano que daí se podia seguir.

Serafim Leite. *Cartas dos primeiros jesuítas do Brasil*, 1954.

O trecho acima foi extraído de uma carta dirigida pelo padre jesuíta Diogo de Gouveia ao Rei de Portugal D. João III, escrita em Paris, em 17/02/1538. Seu conteúdo mostra:

A) a persistência dos ataques franceses contra a América, que Portugal vinha tentando colonizar de modo efetivo desde a adoção do sistema de capitanias hereditárias.

B) os primórdios da aliança que logo se estabeleceria entre as Coroas de Portugal e da França e que visava a combater as pretensões expansionistas da Espanha na América.

C) a preocupação dos jesuítas portugueses com a expansão de jesuítas franceses, que, no Brasil, vinham exercendo grande influência sobre as populações nativas.

D) o projeto de expansão territorial português na Europa, o qual, na época da carta, visava à dominação de territórios franceses tanto na Europa quanto na América.

E) a manifestação de um conflito entre a recém-criada ordem jesuíta e a Coroa portuguesa em torno do combate à pirataria francesa.

25.

Seguiam-se vinte criados custosamente vestidos e montados em soberbos cavalos; depois destes, marchava o Embaixador do Rei do Congo magnificamente ornado de seda azul para anunciar ao Senado que a vinda do Rei estava destinada para o dia dezesseis. Em resposta obteve repetidas vivas do povo que concorreu alegre e admirado de tanta grandeza.

"Coroação do Rei do Congo em Santo Amaro", Bahia apud DEL PRIORE, M. *Festas e utopias no Brasil colonia*l. In: CATELLI JR., R. *Um olhar sobre as festas populares brasileiras*. São Paulo: Brasiliense, 1994 (adaptado).

Originária dos tempos coloniais, a festa da Coroação do Rei do Congo evidencia um processo de:

A) exclusão social.

B) imposição religiosa.

C) acomodação política.

D) supressão simbólica.

E) ressignificação cultural.

26.

A língua de que usam, por toda a costa, carece de três letras; convém a saber, não se acha nela F, nem L, nem R, coisa digna de espanto, porque assim não têm Fé, nem Lei, nem Rei, e dessa maneira vivem desordenadamente, sem terem além disto conta, nem peso, nem medida.

GÂNDAVO, P M.*A primeira historia do Brasil:* história da província de Santa Cruz a que vulgarmente chamamosBrasil. Rio de Janeiro: Zahar, 2004 (adaptado).

A observação do cronista português Pero de Magalhães de Gândavo, em 1576, sobre a ausência das letras F, L e R na língua mencionada, demonstra a:

A) simplicidade da organização social das tribos brasileiras.

B) dominação portuguesa imposta aos índios no início da colonização.

C) superioridade da sociedade europeia em relação à sociedade indígena.

D) incompreensão dos valores socioculturais indígenas pelos portugueses.

E) dificuldade experimentada pelos portugueses no aprendizado da língua nativa.

27.

Iniciou-se em 1903 a introdução de obras de arte com representações de bandeirantes no acervo do Museu Paulista, mediante a aquisição de uma tela que homenageava o sertanista que comandara a destruição do Quilombo de Palmares. Essa aquisição, viabilizada por verba estadual, foi simultânea à emergência de uma interpretação histórica que apontava o fenômeno do sertanismo paulista como o elo decisivo entre a trajetória territorial do Brasil e de São Paulo, concepção essa que se consolidaria entre os historiadores ligados ao Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo ao longo das três primeiras décadas do século XX.

MARINS, P. c. G. Nas matas com pose de reis: a representação de bandeirantes e a tradição da retratística monárquica europeia. *Revista do LEB*, n. 44, tev. 2007.

A prática governamental descrita no texto, com a escolha dos temas das obras, tinha como propósito a construção de uma memória que:

A) afirmava a centralidade de um estado na política do país.

B) resgatava a importância da resistência escrava na história brasileira.

C) evidenciava a importância da produção artística no contexto regional.

D) valorizava a saga histórica do povo na afirmação de uma memória social.

E) destacava a presença do indígena no desbravamento do território colonial.

28.

TEXTO I

O príncipe D. João VI podia ter decidido ficar em Portugal. Nesse caso, o Brasil com certeza não existiria. A Colônia se fragmentaria, como se fragmentou a parte espanhola da América. Teríamos, em vez do Brasil de hoje, cinco ou seis países distintos. (José Murilo de Carvalho)

TEXTO II

Há no Brasil uma insistência em reforçar o lugar-comum segundo o qual foi D. João VI o responsável pela unidade do país. Isso não é verdade. A unidade do Brasil foi construída ao

longo do tempo e é, antes de tudo, uma fabricação da Coroa. A ideia de que era preciso fortalecer um Império com os territórios de Portugal e Brasil começou já no século XVIII. (Evaldo Cabral de Mello)

1808 – O primeiro ano do resto de nossas vidas. *Folha de S. Paulo*, 25 nov. 2007 (adaptado).

Em 2008, foi comemorado o bicentenário da chegada da família real portuguesa ao Brasil. Nos textos, dois importantes historiadores brasileiros se posicionam diante de um dos possíveis legados desse episódio para a história do país. O legado discutido e um argumento que sustenta a diferença do primeiro ponto de vista para o segundo estão associados, respectivamente, em:

A) Integridade territorial – Centralização da administração régia na Corte.

B) Desigualdade social – Concentração da propriedade fundiária no campo.

C) Homogeneidade intelectual – Difusão das ideias liberais nas universidades.

D) Uniformidade cultural – Manutenção da mentalidade escravista nas fazendas.

E) Continuidade espacial – Cooptação dos movimentos separatistas nas províncias.

29.

Os holandeses desembarcaram em Pernambuco no ano de 1630, em nome da Companhia das Índias Ocidentais (WIC), e foram aos poucos ocupando a costa que ia da foz do Rio São Francisco ao Maranhão, no atual Nordeste brasileiro. Eles chegaram ao ponto de destruir Olinda, antiga sede da capitania de Duarte Coelho, para erguer no Recife uma pequena Amsterdã.

NASCIMENTO, R. L. X. A toque de caixas. *Revista de História da Biblioteca Nacional*, ano 6, n. 70, jul. 2011.

Do ponto de vista econômico, as razões que levaram os holandeses a invadirem o nordeste da Colônia decorriam do fato de que essa região:

A) era a mais importante área produtora de açúcar na América portuguesa.

B) possuía as mais ricas matas de pau-brasil no litoral das Américas.

C) contava com o porto mais estratégico para a navegação no Atlântico Sul.

D) representava o principal entreposto de escravos africanos para as Américas.

E) constituía um reduto de ricos comerciantes de açúcar de origem judaica.

30.

A transferência da corte trouxe para a América portuguesa a família real e o governo da Metrópole. Trouxe também, e sobretudo, boa parte do aparato administrativo português.

Personalidades diversas e funcionários régios continuaram embarcando para o Brasil atrás da corte, dos seus empregos e dos seus parentes após o ano de 1808.

NOVAIS, F. A.; ALENCASTRO, L. F. (Org.). *História da vida privada no Brasil*. São Paulo: Cia. das Letras, 1997.

Os fatos apresentados se relacionam ao processo de independência da América portuguesa por terem

A) incentivado o clamor popular por liberdade.

B) enfraquecido o pacto de dominação metropolitana.

C) motivado as revoltas escravas contra a elite colonial.

D) obtido o apoio do grupo constitucionalista português.

E) provocado os movimentos separatistas das províncias.

31.

Áreas em estabelecimento de atividades econômicas sempre se colocaram como grande chamariz. Foi assim no litoral nordestino, no início da colonização, com o pau-brasil, a cana-de-açúcar, o fumo, as produções de alimentos e o comércio. O enriquecimento rápido exacerbou o espírito de aventura do homem moderno.

FARIAS, S. C. *A Colônia em movimento*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998 (adaptado).

O processo descrito no texto trouxe como efeito o(a):

A) acumulação de capitais na Colônia, propiciando a criação de um ambiente intelectual efervescente.

B) surgimento de grandes cidades coloniais, voltadas para o comércio e com grande concentração monetária.

C) concentração da população na região litorânea, pela facilidade de escoamento da produção.

D) favorecimento dos naturais da Colônia na concessão de títulos de nobreza e fidalguia pela Monarquia.

E) construção de relações de trabalho menos desiguais que as da Metrópole, inspiradas pelo empreendedorismo.

32.

Quando Deus confundiu as línguas na torre de Babel, ponderou Filo Hebreu que todos ficaram mudos e surdos, porque, ainda que todos falassem e todos ouvissem, nenhum entendia o outro. Na antiga Babel, houve setenta e duas línguas; na Babel do rio das Amazonas, já se conhecem mais de cento e cinquenta. E assim, quando lá chegamos, todos

nós somos mudos e todos eles, surdos. Vede agora quanto estudo e quanto trabalho serão necessários para que esses mudos falem e esses surdos ouçam.

VIEIRA, A. Sermões pregados no Brasil. In: RODRIGUES. J. H. *História viva*. São Paulo: Global, 1985 (adaptado).

No decorrer da colonização portuguesa na América, as tentativas de resolução do problema apontado pelo padre Antônio Vieira resultaram na:

A) ampliação da violência nas guerras intertribais.

B) desistência da evangelização dos povos nativos.

C) indiferença dos jesuítas em relação à diversidade de línguas americanas.

D) pressão da Metrópole pelo abandono da catequese nas regiões de difícil acesso.

E) sistematização das línguas nativas numa estrutura gramatical facilitadora da catequese.

33.

O índio era o único elemento então disponível para ajudar o colonizador como agricultor, pescador, guia, conhecedor da natureza tropical e, para tudo isso, deveria ser tratado como gente, ter reconhecidas sua inocência e alma na medida do possível. A discussão religiosa e jurídica em torno dos limites da liberdade dos índios se confundiu com uma disputa entre jesuítas e colonos. Os padres se apresentavam como defensores da liberdade, enfrentando a cobiça desenfreada dos colonos.

CALDEIRA, J. A nação mercantilista. São Paulo: Editora 34, 1999 (adaptado).

Entre os séculos XVI e XVIII, os jesuítas buscaram a conversão dos indígenas ao catolicismo. Essa aproximação dos jesuítas em relação ao mundo indígena foi mediada pela:

A) demarcação do território indígena.

B) manutenção da organização familiar.

C) valorização dos líderes religiosos indígenas.

D) preservação do costume das moradias coletivas.

E) comunicação pela língua geral baseada no tupi.

34.

De ponta a ponta, é tudo praia-palma, muito chã e muito formosa. Pelo sertão nos pareceu, vista do mar, muito grande, porque, a estender olhos, não podíamos ver senão terra com arvoredos, que nos parecia muito longa. Nela, até agora, não pudemos saber que haja ouro, nem prata, nem coisa alguma de metal ou ferro; nem lho vimos. Porém a terra em si é de

muito bons ares [...]. Porém o melhor fruto que dela se pode tirar me parece que será salvar esta gente.

Carta de Pero Vaz de Caminha. In: MARQUES, A.; BERUTTI, F.; FARIA, R. *História moderna através de textos*. São Paulo: Contexto, 2001.

A carta de Pero Vaz de Caminha permite entender o projeto colonizador para a nova terra. Nesse trecho, o relato enfatiza o seguinte objetivo:

A) Valorizar a catequese a ser realizada sobre os povos nativos.

B) Descrever a cultura local para enaltecer a prosperidade portuguesa.

C) Transmitir o conhecimento dos indígenas sobre o potencial econômico existente.

D) Realçar a pobreza dos habitantes nativos para demarcar a superioridade europeia.

E) Criticar o modo de vida dos povos autóctones para evidenciar a ausência de trabalho.

35.

Devem ser bons serviçais e habilidosos, pois noto que repetem logo o que a gente diz e creio que depressa se fariam cristãos; me pareceu que não tinham nenhuma religião. Eu, comprazendo a Nosso Senhor, levarei daqui, por ocasião de minha partida, seis deles para Vossas Majestades, para que aprendam a falar.

COLOMBO, C. *Diários da descoberta da América*: as quatro viagens e o testamento. Porto Alegre: L&PM, 1984.

O documento destaca um aspecto cultural relevante em torno da conquista da América, que se encontra expresso em:

A) Deslumbramento do homem branco diante do comportamento exótico das tribos autóctones.

B) Violência militarizada do europeu diante da necessidade de imposição de regras aos ameríndios.

C) Cruzada civilizacional frente à tarefa de educar os povos nativos pelos parâmetros ocidentais.

D) Comportamento caridoso dos governos europeus diante da receptividade das comunidades indígenas.

E) Compromisso dos agentes religiosos diante da necessidade de respeitar a diversidade social dos índios.

36.

É preciso ressaltar que, de todas as capitanias brasileiras, Minas era a mais urbanizada. Não havia ali hegemonia de um ou dois grandes centros. A região era repleta de vilas e arraiais, grandes e pequenos, em cujas ruas muita gente circulava.

PAIVA, E. F. *O ouro e as transformações na sociedade colonial*. São Paulo: Atual, 1998.

As regiões da América portuguesa tiveram distintas lógicas de ocupação. Uma explicação para a especificidade da região descrita no texto está identificada na:

A) apropriação cultural diante das influências externas.

B) produção manufatureira diante do exclusivo comercial.

C) insubordinação religiosa diante da hierarquia eclesiástica.

D) fiscalização estatal diante das particularidades econômicas.

E) autonomia administrativa diante das instituições metropolitanas.

37.

A vinda da família real deslocou definitivamente o eixo da vida administrativa da Colônia para o Rio de Janeiro, mudando também a fisionomia da cidade. A presença da Corte implicava uma alteração do acanhado cenário urbano da Colônia, mas a marca do absolutismo acompanharia a alteração.

FAUSTO, B. *História do Brasil*. São Paulo: Edusp, 1995 (fragmento).

As transformações ocorridas na cidade do Rio de Janeiro em decorrência da presença da Corte estavam limitadas à superfície das estruturas sociais porque

A) a pujança do desenvolvimento comercial e industrial retirava da agricultura de exportação a posição de atividade econômica central na Colônia.

B) a expansão das atividades econômicas e o desenvolvimento de novos hábitos conviviam com a exploração do trabalho escravo.

C) a emergência das práticas liberais, com a abertura dos portos, impedia uma renovação política em prol da formação de uma sociedade menos desigual.

D) a integração das elites políticas regionais, sob a liderança do Rio de Janeiro, ensejava a formação de um projeto político separatista de cunho republicano.

E) a dinamização da economia urbana retardava o letramento de mulatos e imigrantes, importante para as necessidades do trabalho na cidade.

38.

Torna-se claro que quem descobriu a África no Brasil, muito antes dos europeus, foram os próprios africanos trazidos como escravos. E esta descoberta não se restringia apenas ao reino linguístico, estendia-se também a outras áreas culturais, inclusive à da religião. Há razões para pensar que os africanos, quando misturados e transportados ao Brasil, não demoraram em perceber a existência entre si de elos culturais mais profundos.

SLENES, R. Malungu, ngoma vem! África coberta e descoberta do Brasil. *Revista USP*, n.º 12, dez./jan./fev. 1991-92 (adaptado).

Com base no texto, ao favorecer o contato de indivíduos de diferentes partes da África, a experiência da escravidão no Brasil tornou possível a:

A) formação de uma identidade cultural afro-brasileira.

B) superação de aspectos culturais africanos por antigas tradições europeias.

C) reprodução de conflitos entre grupos étnicos africanos.

D) manutenção das características culturais específicas de cada etnia.

E) resistência à incorporação de elementos culturais indígenas.

39.

Em um engenho sois imitadores de Cristo crucificado porque padeceis em um modo muito semelhante o que o mesmo Senhor padeceu na sua cruz e em toda a sua paixão. A sua cruz foi composta de dois madeiros, e a vossa em um engenho é de três. Também ali não faltaram as canas, porque duas vezes entraram na Paixão: uma vez servindo para o cetro de escárnio, e outra vez para a esponja em que lhe deram o fel. A Paixão de Cristo parte foi de noite sem dormir, parte foi de dia sem descansar, e tais são as vossas noites e os vossos dias. Cristo despido, e vós despidos; Cristo sem comer, e vós famintos; Cristo em tudo maltratado, e vós maltratados em tudo. Os ferros, as prisões, os açoites, as chagas, os nomes afrontosos, de tudo isto se compõe a vossa imitação, que, se for acompanhada de paciência, também terá merecimento de martírio.

VIEIRA, A. *Sermões*. Tomo XI. Porto: Lello & Irmão, 1951 (adaptado).

O trecho do sermão do Padre Antônio Vieira estabelece uma relação entre a Paixão de Cristo e

A) a atividade dos comerciantes de açúcar nos portos brasileiros.

B) a função dos mestres de açúcar durante a safra de cana.

C) o sofrimento dos jesuítas na conversão dos ameríndios.

D) o papel dos senhores na administração dos engenhos.

E) o trabalho dos escravos na produção de açúcar.

40.

Dos senhores dependem os lavradores que têm partidos arrendados em terras do mesmo engenho; e quanto os senhores são mais possantes e bem aparelhados de todo o necessário, afáveis e verdadeiros, tanto mais são procurados, ainda dos que não têm a cana cativa, ou por antiga obrigação, ou por preço que para isso receberam.

ANTONIL, J. A. *Cultura e opulência no Brasil [1711]*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1987 (adaptado).

Segundo o texto, a produção açucareira no Brasil colonial era:

A) baseada no arrendamento de terras para a obtenção da cana a ser moída nos engenhos centrais.

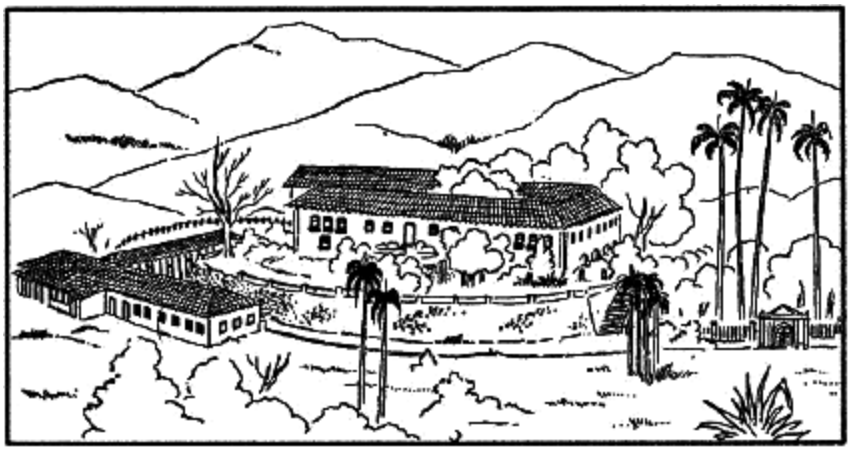
B) caracterizada pelo funcionamento da economia de livre mercado em relação à compra e venda de cana.

C) dependente de insumos importados da Europa nas frotas que chegavam aos portos em busca do açúcar.

D) marcada pela interdependência econômica entre os senhores de engenho e os lavradores de cana.

E) sustentada no trabalho escravo desempenhado pelos lavradores de cana em terras arrendadas.

41.



FREYRE, G. *Casa-Grande & Senzala*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1958.

O desenho retrata a fazenda de São Joaquim da Grama com a casa-grande, a senzala e outros edifícios representativos de uma estrutura arquitetônica característica do período escravocrata no Brasil. Esta organização do espaço representa uma:

A) estratégia econômica e espacial para manter os escravos próximos do plantio.

B) tática preventiva para evitar roubos e agressões por escravos fugidos.

C) forma de organização social que fomentou o patriarcalismo e a miscigenação.

D) maneira de evitar o contato direto entre os escravos e seus senhores.

E) particularidade das fazendas de café das regiões Sul e Sudeste do país.

42.

A experiência que tenho de lidar com aldeias de diversas nações me tem feito ver, que nunca índio fez grande confiança de branco e, se isto sucede com os que estão já civilizados, como não sucederá o mesmo com esses que estão ainda brutos.

NORONHA, M. Carta a J. Caldeira Brant. 2 jan. 1751. Apud CHAIM, M. M. *Aldeamentos indígenas*(Goiás: 1749-1811). São Paulo: Nobel, Brasília: INL, 1983 (adaptado).

Em 1749, ao separar-se de São Paulo, a capitania de Goiás foi governada por D. Marcos de Noronha, que atendeu às diretrizes da política indigenista pombalina que incentivava a criação de aldeamentos em função:

A) das constantes rebeliões indígenas contra os brancos colonizadores, que ameaçavam a produção de ouro nas regiões mineradoras.

B) da propagação de doenças originadas do contato com os colonizadores, que dizimaram boa parte da população indígena.

C) do empenho das ordens religiosas em proteger o indígena da exploração, o que garantiu a sua supremacia na administração colonial.

D) da política racista da Coroa Portuguesa, contrária à miscigenação, que organizava a sociedade em uma hierarquia dominada pelos brancos.

E) da necessidade de controle dos brancos sobre a população indígena, objetivando sua adaptação às exigências do trabalho regular.

43.

Próximo da Igreja dedicada a São Gonçalo nos deparamos com uma impressionante multidão que dançava ao som de suas violas. Tão logo viram o Vice-Rei, cercaram-no e o obrigaram a dançar e pular, exercício violento e pouco apropriado tanto para sua idade quanto posição. Tivemos nós mesmos que entrar na dança, por bem ou por mal, e não deixou de ser interessante ver numa igreja padres, mulheres, frades, cavalheiros e escravos a dançar e pular misturados, e a gritar a plenos pulmões “Viva São Gonçalo do Amarante”.

BARBINAIS, Le Gentil. Noveau Voyage autour du monde. Apud: TINHORÃO, J. R. *As festas no Brasil Colonial*. São Paulo: Ed. 34, 2000 (adaptado).

O viajante francês, ao descrever suas impressões sobre uma festa ocorrida em Salvador, em 1717, demonstra dificuldade em entendê-la, porque, como outras manifestações religiosas do período colonial, ela

A) seguia os preceitos advindos da hierarquia católica romana.

B) demarcava a submissão do povo à autoridade constituída.

C) definia o pertencimento dos padres às camadas populares.

D) afirmava um sentido comunitário de partilha da devoção.

E) harmonizava as relações sociais entre escravos e senhores.

44.

Em teoria, as pessoas livres da Colônia foram enquadradas em uma hierarquia característica do Antigo Regime. A transferência desse modelo, de sociedade de privilégios, vigente em Portugal, teve pouco efeito prático no Brasil. Os títulos de nobreza eram ambicionados. Os fidalgos eram raros e muita gente comum tinha pretensões à nobreza.

FAUSTO, B. *História do Brasil*. (São Paulo: Edusp; Fundação do Desenvolvimento da Educação).

Ao reelaborarem a lógica social vigente na metrópole, os sujeitos do mundo colonial construíram uma distinção que ordenava a vida cotidiana a partir da

A) concessão de títulos nobiliárquicos por parte da Igreja Católica.

B) afirmação de diferenças fundadas na posse de terras e de escravos.

C) imagem do Rei e de sua Corte como modelo a ser seguido.

D) miscigenação associada a profissões de elevada qualificação.

E) definição do trabalho como princípio ético da vida em sociedade.

45.

O açúcar e suas técnicas de produção foram levados à Europa pelos árabes no século VIII, durante a Idade Média, mas foi principalmente a partir das Cruzadas (séculos XI e XIII) que a sua procura foi aumentando. Nessa época passou a ser importado do Oriente Médio e produzido em pequena escala no sul da Itália, mas continuou a ser um produto de luxo, extremamente caro, chegando a figurar nos dotes de princesas casadoiras.

CAMPOS, R. *Grandeza do Brasil no tempo de Antonil* (1681-1716). São Paulo: Atual, 1996.

Considerando o conceito do Antigo Sistema Colonial, o açúcar foi o produto escolhido por Portugal para dar início à colonização brasileira, em virtude de:

A) o lucro obtido com o seu comércio ser muito vantajoso.

B) os árabes serem aliados históricos dos portugueses.

C) a mão de obra necessária para o cultivo ser insuficiente.

D) as feitorias africanas facilitarem a comercialização desse produto.

E) os nativos da América dominarem uma técnica de cultivo semelhante.

46.

Disponível em: www.itaucultural.org.br. Acesso em: 26 jul. 2010.

Sem formação acadêmica específica em artes visuais, Heitor dos Prazeres, que também é compositor e instrumentista, é reconhecido artista popular do Rio de Janeiro. Suas pinturas de perspectivas imprecisas e com traços bem demarcados são figurativas e sugerem movimento. Essa obra retrata

A) a confraternização de uma população socialmente marginalizada.

B) o inconformismo da população de baixa renda da capital.

C) o cotidiano da burguesia contemporânea da capital.

D) a instabilidade de uma realidade rural do Brasil

E) a solidariedade da população nordestina.

47.

Os tropeiros foram figuras decisivas na formação de vilarejos e cidades do Brasil colonial. A palavra tropeiro vem de "tropa" que, no passado, se referia ao conjunto de homens que transportava gado e mercadoria. Por volta do século XVIII, muita coisa era levada de um lugar a outro no lombo de mulas. O tropeirismo acabou associado à atividade mineradora, cujo auge foi a exploração de ouro em Minas Gerais e, mais tarde, em Goiás. A extração de pedras preciosas também atraiu grandes contingentes populacionais para as novas áreas e, por isso, era cada vez mais necessário dispor de alimentos e produtos básicos. A alimentação dos tropeiros era constituída por toucinho, feijão preto, farinha, pimenta-do-reino, café, fubá e coité (um molho de vinagre com fruto cáustico espremido).

Nos pousos, os tropeiros comiam feijão quase sem molho com pedaços de carne de sol e toucinho, que era servido com farofa e couve picada. O feijão tropeiro é um dos pratos típicos da cozinha mineira e recebe esse nome porque era preparado pelos cozinheiros das tropas que conduziam o gado.

Disponível em http://www.tribunadoplanalto.com.br. Acesso em: 27 nov. 2008.

A criação do feijão tropeiro na culinária brasileira está relacionada à:

A) atividade comercial exercida pelos homens que trabalhavam nas minas.

B) atividade culinária exercida pelos moradores cozinheiros que viviam nas regiões das minas.

C) atividade mercantil exercida pelos homens que transportavam gado e mercadoria.

D) atividade agropecuária exercida pelos tropeiros que necessitavam dispor de alimentos.

E) atividade mineradora exercida pelos tropeiros no auge da exploração do ouro.

48.

Hoje em dia, nas grandes cidades, enterrar os mortos é uma prática quase íntima, que diz respeito apenas à família. A menos, é claro, que se trate de uma personalidade conhecida. Entretanto, isso nem sempre foi assim. Para um historiador, os sepultamentos são uma fonte de informações importantes para que se compreenda, por exemplo, a vida política das sociedades.

No que se refere às práticas sociais ligadas aos sepultamentos,

A) na Grécia Antiga, as cerimônias fúnebres eram desvalorizadas, porque o mais importante era a democracia experimentada pelos vivos.

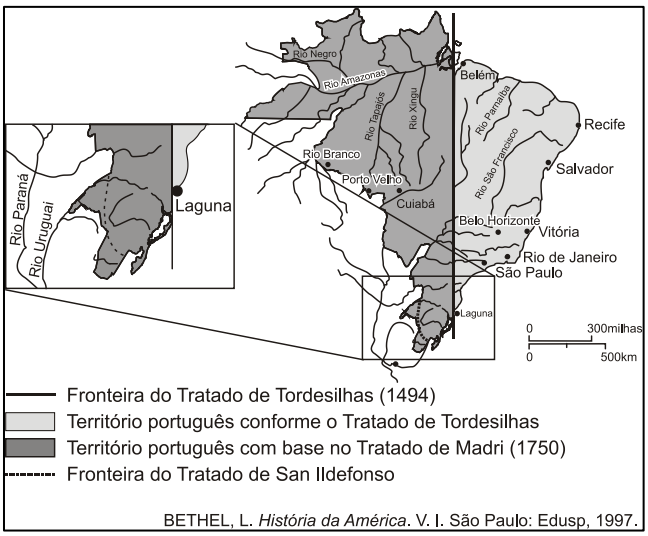
B) na Idade Média, a Igreja tinha pouca influência sobre os rituais fúnebres, preocupando-se mais com a salvação da alma.

C) no Brasil colônia, o sepultamento dos mortos nas igrejas era regido pela observância da hierarquia social.

D) na época da Reforma, o catolicismo condenou os excessos de gastos que a burguesia fazia para sepultar seus mortos.

E) no período posterior à Revolução Francesa, devido as grandes perturbações sociais, abandona-se a prática do luto.

49.



BETHEL, L. *História da América*. V. I. São Paulo: Edusp, 1997.

As terras brasileiras foram divididas por meio de tratados entre Portugal e Espanha. De acordo com esses tratados, identificados no mapa, conclui-se que

A) Portugal, pelo Tratado de Tordesilhas, detinha o controle da foz do rio Amazonas.

B) o Tratado de Tordesilhas utilizava os rios como limite físico da América portuguesa.

C) o Tratado de Madri reconheceu a expansão portuguesa além da linha de Tordesilhas.

D) Portugal, pelo Tratado de San Ildefonso, perdia territórios na América em relação ao de Tordesilhas.

E) o Tratado de Madri criou a divisão administrativa da América Portuguesa em Vice-Reinos Oriental e Ocidental.

50.

Formou-se na América tropical uma sociedade agrária na estrutura, escravocrata na técnica de exploração econômica, híbrida de índio — e mais tarde de negro — na composição. Sociedade que se desenvolveria defendida menos pela consciência de raça, do que pelo exclusivismo religioso desdobrado em sistema de profilaxia social e política. Menos pela ação oficial do que pelo braço e pela espada do particular. Mas tudo isso subordinado ao espírito político e de realismo econômico e jurídico que aqui, como em Portugal, foi desde o primeiro século elemento decisivo de formação nacional; sendo que entre nós através das grandes famílias proprietárias e autônomas; senhores de engenho com altar e capelão dentro de casa e índios de arco e flecha ou negros armados de arcabuzes às suas ordens.

FREYRE, G. *Casa-Grande e Senzala*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1984.

De acordo com a abordagem de Gilberto Freyre sobre a formação da sociedade brasileira, é correto afirmar que:

A) a colonização na América tropical era obra, sobretudo, da iniciativa particular.

B) o caráter da colonização portuguesa no Brasil era exclusivamente mercantil.

C) a constituição da população brasileira esteve isenta de mestiçagem racial e cultural.

D) a Metrópole ditava as regras e governava as terras brasileiras com punhos de ferro.

E) os engenhos constituíam um sistema econômico e político, mas sem implicações sociais.

Gabarito

1. Alternativa C
2. Alternativa A
3. Alternativa C
4. Alternativa D
5. Alternativa E
6. Alternativa A
7. Alternativa E
8. Alternativa C
9. Alternativa C
10. Alternativa C
11. Alternativa A
12. Alternativa E
13. Alternativa E
14. Alternativa B
15. Alternativa C
16. Alternativa E
17. Alternativa A
18. Alternativa A
19. Alternativa D
20. Alternativa A
21. Alternativa C
22. Alternativa E
23. Alternativa B
24. Alternativa A
25. Alternativa E
26. Alternativa D
27. Alternativa A
28. Alternativa A
29. Alternativa A
30. Alternativa B
31. Alternativa C
32. Alternativa E
33. Alternativa E
34. Alternativa A
35. Alternativa C
36. Alternativa D
37. Alternativa B
38. Alternativa A
39. Alternativa E
40. Alternativa D
41. Alternativa C
42. Alternativa E
43. Alternativa D
44. Alternativa B
45. Alternativa A
46. Alternativa A
47. Alternativa C
48. Alternativa C
49. Alternativa C
50. Alternativa A

12. Considerações Finais.

Muito bem, querido concurseiro. Se você chegou até aqui é um bom sinal: o de que tentou praticar todos os exercícios. Não se esqueça da importância de ler a teoria completa e sempre consultá-la. Não se esqueça, também, dos seus objetivos e dedique-se com toda a força para alcançá-los. Sonhe alto, pois "quem sente o impulso de voar, nunca mais se contentará em rastejar". Encontro você na nossa próxima aula.

Bons estudos, um grande abraço e foco no sucesso.

Até logo...

Prof. Sérgio Henrique Lima Reis.

ESSA LEI TODO MUNDO CONHECE:
PIRATARIA É CRIME.

Mas é sempre bom revisar o porquê e como você pode ser prejudicado com essa prática.

1. Professor investe seu tempo para elaborar os cursos e o site os coloca à venda.

2. Pirata divulga ilicitamente (grupos de rateio), utilizando-se do anonimato, nomes falsos ou laranjas (geralmente o pirata se anuncia como formador de "grupos solidários" de rateio que não visam lucro).

3. Pirata cria alunos fake praticando falsidade ideológica, comprando cursos do site em nome de pessoas aleatórias (usando nome, CPF, endereço e telefone de terceiros sem autorização).

4. Pirata compra, muitas vezes, clonando cartões de crédito (por vezes o sistema anti-fraude não consegue identificar o golpe a tempo).

5. Pirata fere os Termos de Uso, adultera as aulas e retira a identificação dos arquivos PDF (justamente porque a atividade é ilegal e ele não quer que seus fakes sejam identificados).

6. Pirata revende as aulas protegidas por direitos autorais, praticando concorrência desleal e em flagrante desrespeito à Lei de Direitos Autorais (Lei 9.610/98).

7. Concurseiro(a) desinformado participa de rateio, achando que nada disso está acontecendo e esperando se tornar servidor público para exigir o cumprimento das leis.

8. O professor que elaborou o curso não ganha nada, o site não recebe nada, e a pessoa que praticou todos os ilícitos anteriores (pirata) fica com o lucro.

Deixando de lado esse mar de sujeira, aproveitamos para agradecer a todos que adquirem os cursos honestamente e permitem que o site continue existindo.